Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Tiago Augusto Xavier de Souza

Infância, educação e morte na casa oitocentista brasileira: registros e imagens de “anjos”

Rio de Janeiro
2021

Tiago Augusto Xavier de Souza

Infância, educação e morte na casa oitocentista brasileira: registros e imagens de "anjos"

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

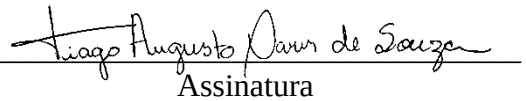
S729 Souza, Tiago Augusto Xavier de.
Infância, educação e morte na casa oitocentista brasileira: registros e imagens de “anjos” / Tiago Augusto Xavier de Souza. – 2021.
116 f.

Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Infância – Teses. 3. Mortalidade Infantil – Teses. I. Vasconcelos, Maria Celi Chaves. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.



Assinatura

28/04/2022
Data

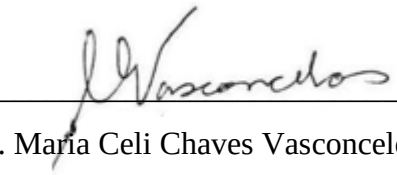
Tiago Augusto Xavier de Souza

Infância, educação e morte na casa oitocentista brasileira: registros e imagens de "anjos"

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação

Aprovado em: 20 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

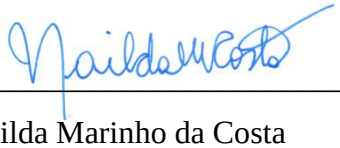


Prof.ª Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos (orientadora)

Faculdade de Educação – UERJ

Prof.ª Dra. Laura Maria Silva Araujo Alves

Instituto de Ciências da Educação – UFPA



Prof.ª Dra. Nailda Marinho da Costa

Escola de Educação – UNIRIO

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

A Deus, pela força, luz e sabedoria nas caminhadas que me trouxeram até aqui e a minha mãe, Ivanise, que soube me apoiar e caminhar junto.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa não teria sido possível se não fosse a colaboração e o estímulo de algumas pessoas maravilhosas. Tentarei aqui expressar minha gratidão por cada uma que encontrei ao longo dessa jornada.

Agradeço primeiramente à minha família, pelo apoio em todas as decisões, e a maior delas foi estar no mestrado. À minha mãe, Ivanise, que, desde sempre, acreditou em mim e foi peça fundamental em toda a minha formação, muito mais na graduação, quando os caminhos se mostraram turvos, mas foram iluminados por sua luz. Ao meu padrasto, Gilberto, que me acolheu como um filho e sempre me ajudou nessa jornada. À minha irmã, Lidiane, ao meu cunhado, Claudio, assim como aos meus sobrinhos, Kauã e Sophia, que sempre me trouxeram alegrias e com quem pude compartilhar momentos importantes. Aos meus tios e primos, que sempre acreditaram em mim.

Agradeço a Jean, que, nesses dois anos, vigorou essa caminhada, dividindo comigo aprendizagens. A cada dia lembrou-me da importância de sempre continuar no percurso e trouxe-me ânimo para não desistir, soube me ouvir e aconselhar. Foi um grande companheiro de estudos e de momentos únicos, trazendo alegrias e afetividade em momentos árduos.

À minha orientadora, Maria Celi Chaves Vasconcelos, por, ainda em 2015, ter me encontrado na disciplina de Políticas e Práticas Pedagógicas, ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e acreditado em mim. Agradeço por dividir muitas experiências comigo, no período como bolsista, de 2016 a 2020, pela efetiva orientação, pelas leituras e encaminhamentos realizados neste trabalho, por todo o apoio dedicado no decorrer desta pesquisa, assim como pela forma com que sempre a conduziu. Obrigado!

Ao grupo de pesquisa, que me proporcionou conhecer pessoas maravilhosas. Grato sou pela amizade, companheirismo e lições dos inúmeros presentes, nunca os esquecerei. Amigos com quem pude conversar, trocar experiências, ajudar e ser ajudado. Companheiros que não poderia deixar de mencionar: Ana Cristina, Alessandro, Bruno, Camila, Caroline, Eveline, Fabiana, Gilmara, Guaraci, Ingrid, Izabel, Jéssica, Luciana, Maria Beatriz, Mario Jorge, Micheli, Naise e Raquel.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por ter me apresentado professores que são ícones neste país e pelos amigos e colegas que me presenteou. Agradeço por ser essa instituição que abraça seus alunos, professores e técnicos administrativos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação dessa Universidade, aos seus professores, servidores e alunos que possibilitaram ampliar minha experiência e que sempre se mantiveram fortes diante de todos os problemas enfrentados pela instituição e pela pesquisa em nosso país.

À minha turma de Estudos Avançados em História da Educação I, que foi o primeiro contato com a Pós-graduação e com quem dividi vários aprendizados. Não poderia deixar de citá-los: Carlos, Fernanda, Lélio, Luciano, Luiz, Luiza, Mônica, Victor e Walter.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Bolsa de Iniciação Científica a mim ofertada, fundamental para que eu ingressasse na pesquisa. Também sou grato à Bolsa do Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (PROATEC), ofertada pela UERJ e que me ajudou durante todo o mestrado, bem como aos recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), que contribuíram para a finalização desta pesquisa.

À Escola Municipal Professor Daniel Soares Silva, que, nesse último ano, tornou-se minha segunda casa. Nos momentos difíceis, pude sempre contar com aqueles que compõem essa instituição e que contribuíram para que este trabalho pudesse chegar à conclusão, em especial aos diretores Anderson e Patrícia

Aos amigos que acompanham minha jornada desde o ensino médio normal, iniciado em 2011: Amanda, Amyne, Karin, Renan e Nátaly que souberam entender as ausências por conta da escrita da dissertação.

Em especial à minha amiga Vanessa, que, por fazer parte do Grupo de Pesquisa, me presenteou com lindos livros para o início de uma pequena biblioteca e que foram essenciais para a pesquisa e construção deste pesquisador de história da educação. Amizade que nasceu e transborda da UERJ.

Agradeço ainda aos professores que integram a banca examinadora desta pesquisa, pela disponibilidade em lê-la e apreciá-la. Seus olhares críticos e cuidadosos contribuíram para a consolidação dessa experiência e formação.

Não poderia deixar de agradecer a todos os sujeitos aqui descritos. Reconhecer o esforço daqueles que me ajudaram e caminharam junto a mim nesse momento de escrita e aprendizados, é uma importante forma de valorizá-los, afinal, sem eles eu cresceria pequeno.

Não existirei mais e então o que virá? Não haverá nada. Onde estarei quando não existir mais? Será isso morrer? “Não, eu não vou aceitar isso!” Levantou-se e tentou acender a vela com as mãos trêmulas. Deixou cair a vela e castiçal no chão e atirou-se outra vez à cama. “De que adianta? Que diferença faz?”, perguntava-se fixando, com olhos arregalados, a escuridão. “Morte. Sim, morte. E nenhum deles entende, ou quer entender. E não sentem pena nenhuma de mim. Estão todos se divertindo”.

Leon Tolstói, 1997.

RESUMO

SOUZA, Tiago Augusto Xavier de. *Infância, educação e morte na casa oitocentista brasileira: registros e imagens de "anjos"*. 2021. 116 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este estudo trata da história da infância a partir da mortalidade infantil presente na Corte brasileira na segunda metade do século XIX. O Rio de Janeiro oitocentista apresentava altos índices de mortes de crianças, evidenciados no primeiro recenseamento, a pedido do Império e comentado, anos depois, nos estudos de um médico, que concederam visibilidade maior para a temática. A pesquisa, de caráter qualitativo, histórico-documental, teve como objetivo central analisar como as famílias brasileiras oitocentistas encaravam, compreendiam e lidavam com a mortalidade infantil e os rituais que envolviam a morte de crianças, bem como identificar o que era feito para a perpetuação da memória desses "anjinhos". Para tanto, foi embasada em documentos, como o Recenseamento de 1872 e os apontamentos do Barão do Lavradio (1876) sobre a mortalidade infantil; em periódicos da época, como o *Jornal do Commercio* e o jornal *A Mãi de Familia*; bem como na iconografia como fonte histórica. Também foram utilizados teses, dissertações, livros e artigos, selecionados mediante pesquisa bibliográfica, realizada no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no repositório de algumas universidades. Em um plano mais específico, o estudo buscou evidenciar a residência das crianças como lugar da infância, desde a gravidez, o aleitamento, o confinamento e as brincadeiras, como também o espaço da educação, e morte. Na mesma perspectiva, procurou-se compreender a criança ameaçada, os perigos à infância e as moléstias que as cercavam. Por último, foi feita a análise da infância através das fotografias, esculturas e mausoléus como forma de perpetuar a memória diante da perda.

Palavras-chave: Infância no Oitocentos. Casa Oitocentista. Morte de Anjos. Mortalidade Infantil.

RESUMEN

SOUZA, Tiago Augusto Xavier de. *Infancia, educación y muerte en la casa brasileña del siglo XIX:* registros e imágenes de “ángeles”. 2021. 116 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Este estudio aborda la historia de la infancia a partir de la tasa de mortalidad infantil presente en la Corte brasileña en la segunda mitad del siglo XIX. El Rio de Janeiro del siglo XIX tuvo altas tasas de mortalidad infantil, evidenciado en el primer censo, a pedido del Imperio y comentado, años después, en los estudios de un médico, que otorgaron mayor visibilidad al tema. Esta investigación cualitativa, histórico-documental, tuvo como objetivo analizar cómo las familias brasileñas del siglo XIX enfrentaron, entendieron y lidiaron con la mortalidad infantil y los rituales que involucraban la muerte de los niños, así como identificar qué se hizo para perpetuarla. estos "angelitos". Por tanto, se basó en documentos como el Censo de 1872 y las notas de Barão do Lavradio (1876) sobre mortalidad infantil; en publicaciones periódicas de la época, como Jornal do Commercio y el diario A Mãi de Familia; así como en la iconografía como fuente histórica. También se utilizaron tesis, disertaciones, libros y artículos, seleccionados mediante búsqueda bibliográfica, realizada en la base de datos de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior (CAPES) y en el repositorio de algunas universidades. En un plano más específico, el estudio buscó destacar la residencia de los niños como un lugar de la infancia, desde el embarazo, la lactancia, el encierro y los juegos, así como el espacio de la educación y la muerte. Desde la misma perspectiva, se intentó comprender al niño amenazado, los peligros para la infancia y las enfermedades que lo rodeaban. Finalmente, se realizó un análisis de la infancia a través de fotografías, esculturas y mausoleos como forma de perpetuar la memoria ante la pérdida.

Palabras clave: Infancia en el siglo XIX; Casa del Siglo XIX; Muerte de Ángeles; Mortalidad Infantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Recenseamento da população do Imperio do Brazil 19
Figura 2 – Apontamentos sobre a mortalidade infantil 20
Figura 3 – Capa do Jornal *A Mãi de Familia*..... 22
Figura 4 – Primeira página do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro 23
Figura 5 – Uma senhora de algumas posses em seus hábitos diários..... 41
Figura 6– Ama de leite nos trajes típicos de Ama de leite brasileira do século XIX 47
Figura 7– Anúncio do *Jornal do Commercio* de Amas de leite em 1880 49
Figura 8 – Anúncio do *Jornal do Commercio* de Professoras para atuar nas casas/fazenda em 1880 56
Figura 9 – Anúncio do *Jornal do Commercio* de Preceptora de 1882 57
Figura 10– Meninos brincando de soldados em 1827 59
Figura 11– Divulgação do levantamento de atendimentos do médico Marcellino Pinto Ribeiro Duarte 68
Figura 12 – Relação dos menores que foram vítimas em acidentes, segundo A Mãi de Familia, em 1879..... 71
Figura 13 - Anúncio de estúdio fotográfico na Corte 82
Figura 14 – Carte de Visite no ano de 1870 83
Figura 15 – Tabela de preço dos retratos no estilo *carte de visite*..... 84
Figura 16 – Fotografia *post mortem*, mãe e filha..... 87
Figura 17 – Anedota, em jornal, sobre a fotografia post mortem..... 88
Figura 18 – Fotografia *post mortem* de criança..... 89
Figura 19 - Fotografia *post mortem* produzida por Carneiro & Gaspar..... 90
Figura 20 – Fotografia *post mortem* de bebê produzida por Elias da Silva..... 91
Figura 21 – Waiting for Death (Esperando a morte), 1856 de Henry F. Warren 92
Figura 22 – Woman with dead son (Mulher com o filho morto), 1862..... 93
Figura 23 – Fotografia *post mortem* produzida por Antonio Tealdi & Irmão 94
Figura 24 – Princesa Elizabeth de Clarence (1820-21) de William Scoular 95
Figura 25 – Escultura de anjinho em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier 96
Figura 26 – Escultura de irmãos em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier 97
Figura 27 – Escultura de Dodô em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier 98
Figura 28 – Escultura de Nicinha em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier 99
Figura 29 – Fotografia *post mortem* produzida por H. A. Volk 103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentos do Império brasileiro (1872 e 1878) 18
Quadro 2 – Periódicos do Rio de Janeiro analisados nos anos de 1879 a 1888 21
Quadro 3 – Ocorrências analisadas no periódico *A Mãi de Familia* entre aos anos de 1879 a 1888..... 25
Quadro 4 – Ocorrências analisadas do *Jornal do Commercio* entre aos anos de 1879 a 1888..... 26
Quadro 5– Dissertações e Teses do Banco da CAPES entre os anos de 2004-2018..... 28
Quadro 6 – Revisão Bibliográfica: Livros..... 32
Quadro 7 – Revisão Bibliográfica: Artigos Científicos..... 36
Quadro 8 – Motivos para um decrescimento da população segundo Lavradio - 1878... 52
Quadro 9 – Perigos coletados no *Jornal do Commercio* com a palavra-chave “filha menor” (1879-1889)..... 69
Quadro 10 – Perigos coletados do *Jornal do Commercio* com a palavra-chave “filho menor” (1879-1889)..... 70
Quadro 11 – Dados coletados do jornal A mãi de familia indicando os perigos da infância envolvendo a morte das crianças (1879-1889) 73
Quadro 12 – Mortalhas de Crianças utilizadas no Rio de Janeiro nos anos de 1812-1885..... 102
Quadro 13 – Colunas do Jornal do Commercio analisadas entre 1879-1888..... 115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de crianças no município do Rio de Janeiro no Oitocentos 51
Gráfico 2 – Profissionais da área da saúde no Recenseamento de 1872 53
Gráfico 3 – Mortalidade das crianças até 7 anos entre os anos de 1873 -1876 65
Gráfico 4 – Moléstias que causavam mais óbitos nas crianças até 7 anos de idade nos anos de 1873 a 1876 66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BN –	Biblioteca Nacional.
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CNPq –	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
CPDOC –	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.
FGV –	Fundação Getúlio Vargas.
NHEMPE –	Grupo de Pesquisa História e memória das políticas educacionais no território fluminense.
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IHGB –	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
PROATEC –	Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.
TCC –	Trabalho de Conclusão de Curso.
UERJ –	Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
UFPA –	Universidade Federal do Pará.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	**INFÂNCIA E MORTE: REVISÃO DA LITERATURA**	18
2	**INFÂNCIA DOMESTICADA: A CRIANÇA E A CASA**	39
2.1	**Família: a gravidez e o aleitamento**	42
2.2	**O nascimento e os natimortos**	50
2.3	**A educação e o tempo livre das crianças na casa**	54
3	**INFÂNCIA AMEAÇADA: A MORTALIDADE INFANTIL**	61
3.1	**A mortalidade infantil e as suas estatísticas**	63
3.2	**Perigos que assolavam a infância**	67
3.3	**Superstições e rezas**	73
4	**INFÂNCIA PERPETUADA: REGISTRO DA MORTE DE ANJOS**	77
4.1	**Fotografias *post mortem***	79
4.2	**Mausoléus e esculturas de cemitérios**	94
4.3	**Roupas de anjos e adereços**	100
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	108
	APÊNDICE A - Quadro COM Colunas do *Jornal do Commercio* analisadas	115

INTRODUÇÃO

No exercício de retomar experiências vividas e caminhos dantes iniciados, a infância no Oitocentos se tornou uma temática frequente em meu cotidiano. Foi na graduação em Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que me vi diante do tema que abriria caminho para o mestrado em Educação, na mesma Universidade.

A inserção ao tema começou no final de 2016, ao sair do quadro de funcionários de uma escola privada, onde eu estivera desde 2014, para participar do processo seletivo para uma Bolsa de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde então fiz parte do Núcleo de Pesquisa História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense (NHEMPE), orientado pela professora Maria Celi Chaves Vasconcelos. Essa oportunidade me possibilitou a aproximação com estudos do Oitocentos envolvendo a educação doméstica através de preceptoras e preceptores. Também tive contato com estudos relacionados à inspeção das escolas públicas na Corte, bem como às políticas públicas em educação na atualidade.

No trabalho desenvolvido durante a graduação, investiguei o uso de fotografias como forma de eternizar a vida daqueles que já não estavam entre seus familiares em razão de doença ou fatalidade que os tenha levado a óbito. Dediquei-me especificamente aos casos daqueles que morreram cedo, ou seja, às crianças, que se constituíram então meu objeto de pesquisa.

Os dois anos em que estive pesquisando, com apoio de uma bolsa de Iniciação Científica (2016 a 2018), culminaram na apresentação de dois trabalhos em forma de banner, na 26ª e 27ª Semana de Iniciação Científica da UERJ. Neste último, eu e minha orientadora fomos contemplados com uma menção honrosa pelo trabalho intitulado “A casa, lugar de nascimento, educação e morte: a fotografia para eternizar a vida nas famílias do século XIX”. Esse trabalho deu origem ao meu artigo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em 2018, publicado nos Anais do 30º Simpósio Nacional de História, ocorrido em Recife, no estado de Pernambuco.

No final do ano de 2018, participei de processo seletivo para a obtenção de uma bolsa do Programa de Apoio Técnico às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão (PROATEC), vinculada à Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UERJ. Graças a essa bolsa, estive mais presente em meu grupo de pesquisa, exercendo apoio técnico tanto nas atividades da graduação quanto na pós-graduação, além de auxiliar os bolsistas e coordenar atividades essenciais para o funcionamento do NHEMPE. Com vigência de janeiro 2019 até dezembro 2020, a bolsa PROATEC tem me ajudado a desenvolver minha pesquisa de mestrado.

Ainda no contexto da graduação, iniciei um processo de reflexão sobre a mortalidade infantil no século XIX, o que me permitiu aprofundar alguns pontos relevantes, como: o surgimento das fotografias; o uso das fotografias por famílias que perderam alguma criança; a influência da Inglaterra Vitoriana no Brasil de Oitocentos; e os rituais presentes na casa brasileira do século XIX. Sabia que havia muito a ser pesquisado e o meu TCC abria meu campo de pesquisa numa perspectiva da pós-graduação. Decidi então formular um projeto de pesquisa voltado para aquilo que, originalmente, estava motivado a investigar.

Em um primeiro momento, a pesquisa foi direcionada ao estudo de imagens fotográficas e iconográficas que pretendiam eternizar cenas cotidianas da infância nas casas oitocentistas brasileiras no contexto da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, a casa foi considerada como o lugar onde as crianças, particularmente as meninas, filhas das camadas mais abastadas da população, nasciam, eram educadas e morriam, concentrando os rituais referentes a essas fases da existência na esfera privada.

A pesquisa pretendia demonstrar a casa como espaço que englobava desde o lugar de nascimento, a capela, a escola, e, por vezes, onde se realizavam as próprias exéquias, registradas em imagens fotográficas. Em uma outra perspectiva, busquei descrever a casa como o lugar do lazer, das lições cotidianas, do contato com a extensa parentela que caracterizava o núcleo familiar no século XIX. Ademais, procurei delineá-la como um universo de busca pelo luxo e conforto copiados dos países europeus, tomados como modelo no qual as aprendizagens de música, poesia, desenho e pintura, entre outros dons artísticos, apareciam como arquétipos de aspiração para a educação feminina. A pesquisa teve em vista ainda mostrar alguns exemplos dessas fotografias tiradas na casa, além de promover reflexão sobre esse lugar onde ocorriam os rituais de vida e morte.

Ao ser aprovado com este projeto de pesquisa proposto, sabia que iria percorrer um longo caminho, o qual, desde a graduação, já apresentava empecilhos para encontrar uma bibliografia que pudesse me ajudar a continuar no campo da Educação sem que houvesse um estranhamento com a minha temática. Já no mestrado em Educação, ao cursar as disciplinas delimitei melhor o campo em que estava adentrando e, a cada apresentação de trabalho, reformulei minhas questões de pesquisa, assim como meus objetivos. As conversas com professores visitantes no NHEMPE me permitiram, mais de uma vez, voltar à estaca zero do trabalho e determinar novos pontos de partida, até que eu e minha orientadora enfim determinamos pontos fundamentais para que a pesquisa prosseguisse.

Após um longo processo de análise das fontes investigadas previamente, definimos a infância como foco da questão problema da pesquisa em pauta: Como as famílias brasileiras de

elite lidavam com a mortalidade infantil e quais eram os rituais que envolviam a morte de crianças e a perpetuação da memória dessas crianças?

Nessa perspectiva, ganharam destaque outras questões complementares ao estudo, quais sejam: como era constituída a família oitocentista? Qual a expectativa de vida das crianças no Brasil oitocentista? Quais os principais perigos que assolavam a infância oitocentista? Quais os registros da mortalidade infantil nesse período? Como as famílias lidavam com a perda dessas crianças? Como eram feitas as exéquias dessas crianças? Como eram os rituais de velório, sepultamento, preparação e enterramento das crianças? Que memórias e monumentos eram feitos em homenagem a essas crianças?

Considero que as respostas às questões propostas podem contribuir para um aprofundamento da reflexão sobre a relação entre casa, educação e infância no Oitocentos, bem como acerca dos modos pelos quais as famílias preservavam a memória de suas crianças diante da perda irrecuperável.

A pesquisa empreendida no mestrado, ora apresentada, pretende, então, analisar como as famílias brasileiras oitocentistas lidavam com a mortalidade infantil e os rituais que executavam para a perpetuação da memória das crianças falecidas. A partir desse objetivo central, destacam-se os seguintes objetivos específicos: descrever a infância nas casas oitocentistas brasileiras; identificar os principais aspectos que envolviam a infância durante o período oitocentista; compreender a razão das altas taxas de mortalidade infantil nesse período; identificar as expectativas de vida em relação à infância; analisar os rituais de morte e de funerais; descrever os mecanismos de preservação da memória; e verificar os registros encontrados de homenagens às crianças mortas.

Considerando o problema e os objetivos traçados, foi definido como viés investigativo a abordagem qualitativa histórico-documental. Sendo assim, o levantamento de material e de documentos que trouxessem vestígios importantes para a pesquisa foi o primeiro passo dado, seguido da análise documental, fundamental para se obter resultados qualitativos. Foram investigadas diferentes fontes, especialmente imagens fotográficas e iconográficas do período delimitado, com registros da iconografia recolhidos em acervos documentais, como também em outros estudos, disponíveis em bancos de dados da CAPES.

A vida na Corte Imperial, na cidade do Rio de Janeiro, era marcada por altos índices de mortalidade infantil. Os apontamentos feitos pelo Barão de Lavradio, relativo ao ano de 1872, demonstram que 37,23% das crianças morriam antes dos sete anos (LAVRADIO, 1878, p. 28). É importante, portanto, compreender os perigos que envolviam a infância naquele século e as

ações as famílias diante da perda de suas crianças, entre elas o uso de fotografias, monumentos e ritos, cuja finalidade era eternizar a imagem de vida desses “anjinhos”.

Sendo assim, a pesquisa busca evidenciar também dados importantes para a compreensão do contexto em que a fotografia ganhou esse significado de eternização da vida, assim como os rituais de preparação do corpo dessas crianças, as vestimentas e os monumentos criados em homenagem a elas.

Com a relativa popularização da fotografia, algumas famílias copiavam o hábito em moda na Inglaterra Vitoriana, de preparar as crianças mortas para um retrato como se vivas estivessem, a fim de eternizar aquela imagem, como prometiam os anúncios dos fotógrafos abordados pela pesquisa. As meninas, principalmente, tinham tratos específicos que remetiam à educação doméstica que tiveram em vida. Elas passavam a infância confinadas em suas casas. Entre amas, rezas, superstições e uma extensa parentela, iam, desde cedo, aprendendo os papéis esperados para as mulheres na vida adulta, de acordo com a “boa” educação feminina.

A seguir, apresento a revisão da literatura relativa ao tema com uma descrição dos documentos selecionados como fontes e suas características, entre eles os jornais oitocentistas, seguida da descrição de teses, dissertações, livros e artigos publicados em revistas científicas. Faço uma primeira análise de cada categoria documental, destacando as contribuições de cada uma para a minha pesquisa.

1 INFÂNCIA E MORTE: REVISÃO DA LITERATURA

No que se refere às fontes documentais para início da pesquisa, apresento, no Quadro 1, aquelas que analisei para entender a mortalidade infantil, as doenças, os nascimentos e o contingente de população, dentre outros aspectos relevantes e que estão no recorte temporal pensado inicialmente: os anos de 1870 a 1889, fase final do Império no Brasil. O primeiro documento é uma estatística, onde são apresentados quadros gerais que divulgam dados do "Recenseamento da população do Império do Brazil no ano de 1872". Depois, tem-se os "Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro particularmente das crianças: e sobre o movimento de sua população no primeiro quatriênio", publicado pelo Barão de Lavradio, a partir dos estudos encomendados pela Diretoria Geral de Estatística, no Recenseamento de 1872.

Quadro 1 – Documentos do Império brasileiro (1872 e 1878)

Documento	Assunto/ Descrição	Autor	Disponível em:
Recenseamento da população do Imperio do Brazil (1872).	Organizada em seis quadros diferentes: 1) quadro geral da população; 2) população presente em relação à idade; 3) população ausente em relação à idade; 4) população em relação à nacionalidade brasileira; 5) população em relação à nacionalidade estrangeira; 6) população em relação à profissão para cada paróquia do Império. Para uma revisão crítica dos dados publicados no Censo de 1872.	BRASIL, Diretoria Geral de Estatística.	Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.[1]
Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro particularmente das crianças (1878).	O documento trata, em especial, sobre o movimento de sua população no primeiro quatriênio depois do recenseamento feito em 1872, e está dividido em três partes: 1) trata da mortalidade e do movimento de acréscimo e decréscimo da população do Rio antes do recenseamento de 1872; 2) estuda o movimento populacional, no período de 1873 a 1876, nas zonas urbanas; 3) trata do mesmo movimento em localidades próximas.	LAVRADIO, José Pereira Rego, Barão de.	Divisão de Livros Raros da Biblioteca Digital do Senado Federal.[2]

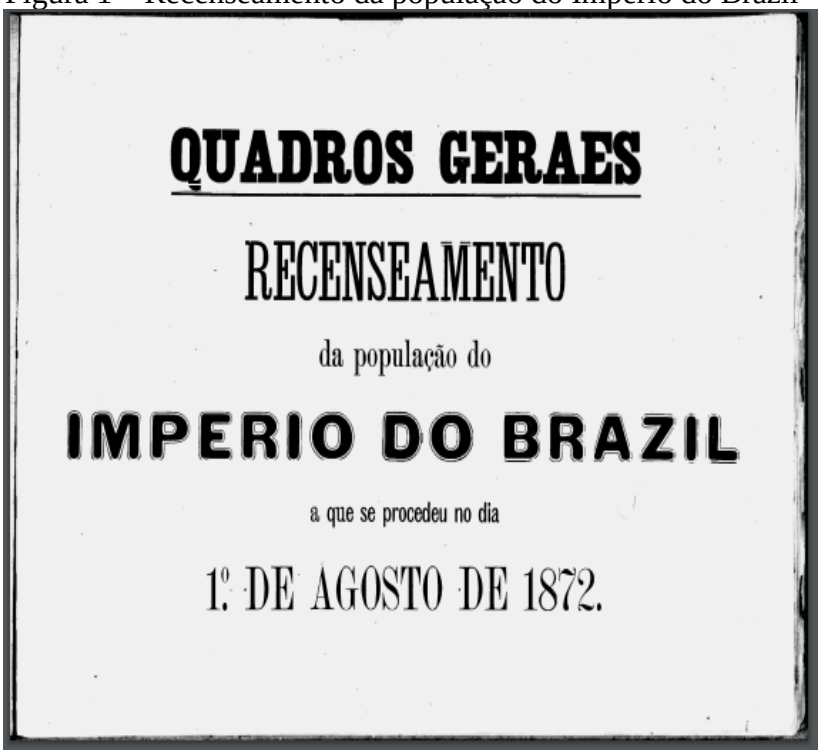
Fonte: O autor, 2020.

[1] Biblioteca Digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes Acesso em: 30/03/2020.

[2] Divisão de Livros Raros da Biblioteca Digital do Senado Federal, disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221735 Acesso em: 30/03/2020.

Na Figura 1, apresento o documento “Recenseamento da população do Imperio do Brazil”, localizado por completo na Biblioteca Digital Luso-brasileira, assim como no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este é considerado o primeiro Censo brasileiro, com publicação em 1º de agosto de 1872. Destaco em sua estrutura os quadros referentes às informações sobre a população – considerada, em relação às idades, em uma ótica de todo o Império do Brasil –, e sobre questões específicas da Província do Rio de Janeiro.

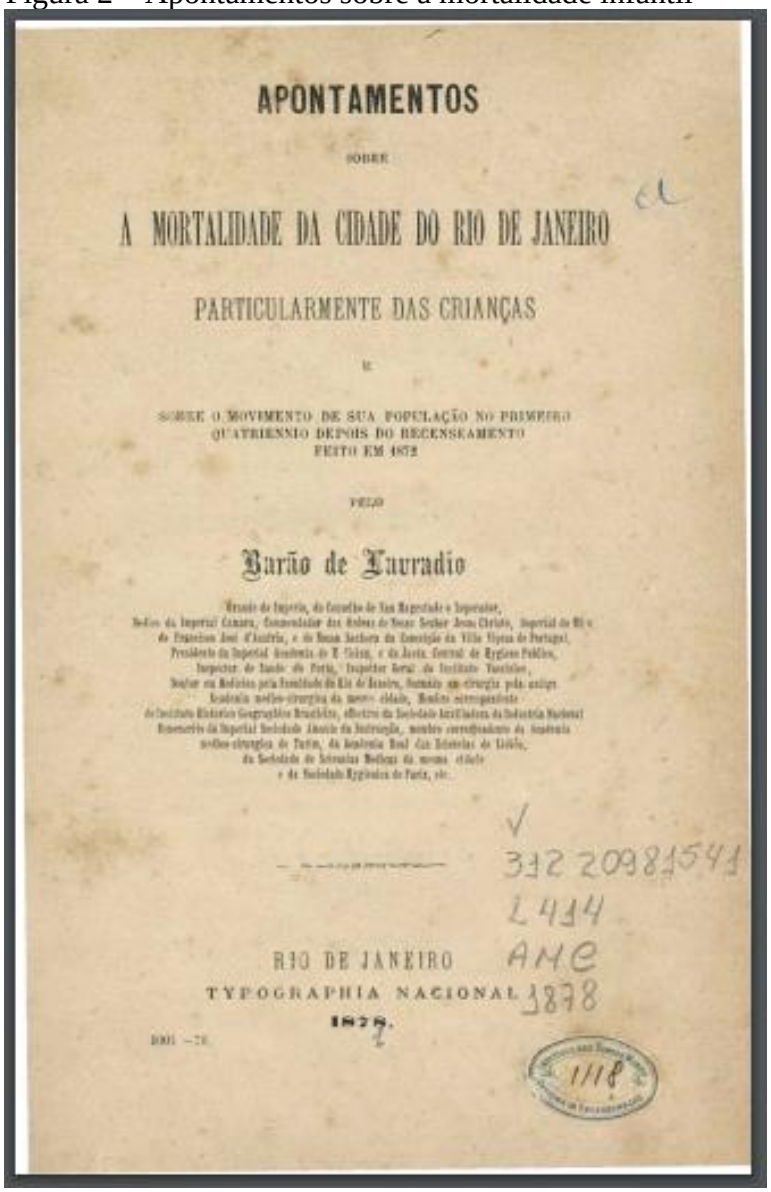
Figura 1 – Recenseamento da população do Imperio do Brazil



Fonte: Brasil. Diretoria Geral de Estatística, 1872.

A Figura 2, a seguir, indica o documento intitulado “Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro particularmente das crianças (1878) e sobre o movimento de sua população no primeiro quatriennio depois do recenseamento feito em 1872”, de autoria de José Pereira Rego, o Barão de Lavradio. Em sua composição, destaco os dados que tratam sobre a mortalidade e sobre o movimento de acréscimo e decréscimo da população do Rio de Janeiro antes do recenseamento de 1872.

Figura 2 – Apontamentos sobre a mortalidade infantil[3]



APONTAMENTOS

SOBRE

A MORTALIDADE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

PARTICULARMENTE DAS CRIANÇAS

E

SOBRE O MOVIMENTO DE SUA POPULAÇÃO NO PRIMEIRO QUATRIENNIO DEPOIS DO RECENSEAMENTO FEITO EM 1872

PELO

Barão de Lavradio

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1878.

Fonte: Lavradio (1878).

Esses documentos se tornaram o ponto de partida para a pesquisa, pois, permitiram-me compreender os números de mortalidade no Império, dado fundamental para entender a importância da pesquisa no que concerne à despedida de muitas famílias de suas crianças, fato marcante na sociedade brasileira oitocentista. Ainda sobre a importância desses documentos como fontes, Le Goff menciona:

[3] O texto correspondente é: "Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro particularmente das crianças e sobre o movimento de sua população no primeiro quatriênio depois do recenseamento feito em 1872 pelo Barão de Lavradio. Grande do Imperio, do conselho de sua Majestade o Imperador, Medico da Imperial Camara, Commendador das Ordens de Nosso Senhor Jesus Christo, Imperial da – de Francisco José d'Austria, e de Nossa Senhora da Conceição da Villa Viçosa de Portugal, Presidente da Imperial Academia de Medicina e da Junta Central de Hygiene Publica, Inspetor de saude do Porto, Inspetor Geral do Instituto Vaccinico, Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, formado em Cirurgia pela antiga Academia medico-cirurgica de Turim, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade de Sciencias Medicas da mesma cidade e da Sociedade Hygienica de Pariz, etc."

> O documento não é qualquer coisa que fixa por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 2003, p. 535-536).

Com o recenseamento oficial do Império, obtive dados mais concretos para analisar a mortalidade infantil naquele período. Assim, foi preciso limitar duas décadas para que o recorte temporal inicial, definido para a análise dos dados, constasse nas fontes. Os periódicos selecionados também obedeceram a esse recorte para que, em conjunto com o Recenseamento e os Apontamentos, fosse possível traçar pontos convergentes em cada um, por isso a escolha dos anos de 1870 a 1889.

A partir dos documentos listados no Quadro 1, busquei novas fontes e bibliografias. Em sua apresentação, além de nomear, faço uma pequena descrição do que pode ser encontrado nelas, bem como a autoria e a localização de cada uma, isto é, a casa de guarda onde as garimpei.

Em pesquisa feita na Hemeroteca Digital da BN, foram encontrados dois periódicos importantes na Corte: o *Jornal do Commercio*, fundado em 1° de outubro de 1827 e que circula até os dias de hoje, dedicado a tratar de assuntos comerciais de diversos gêneros, notícias cotidianas e outros; e *A Mãi de Família*, jornal lançado em janeiro de 1879 com circulação até dezembro de 1888. Este era um periódico dedicado às mães e que trazia palestras de médicos, além de colunas para cuidados com as crianças. No Quadro 2, a seguir, são apresentados os dois periódicos e seus dados, ambos disponíveis na Hemeroteca Digital da BN.

Quadro 2 – Periódicos do Rio de Janeiro analisados nos anos de 1879 a 1888

Periódico	**Assuntos/ Descrição**	**Anos analisados**
A Mãi de Familia	De natureza educativa, com abordagem sobre a preocupação com a educação e os cuidados que se deveria ter com a infância, assim como os cuidados com as mulheres grávidas, a partir de discussões médicas publicadas no periódico.	1879 a 1888
Jornal do Commercio	Além de assuntos econômicos pertencentes à Corte e a todo o Império, o periódico dedicava-se também a publicidades, dos mais diversos gêneros, como bens de consumo não duráveis (produtos de higiene pessoal e alimentícios) e semiduráveis (produtos de construção civil), leilões de imóveis (fazendas) e escravos, além de diversos anúncios, como ofertas de emprego e escolas.	1879 a 1888

Fonte: O autor, 2021.

A Figura 3, subsequente, ilustra a capa da primeira edição do jornal *A Mãi de Familia*, no ano de 1879. O periódico era de publicação quinzenal e continha, em média, oito folhas, com numeração contínua, trazendo várias gravuras, que ilustravam todas as seções e edições.

Figura 3 – Capa do Jornal *A Mãi de Familia*

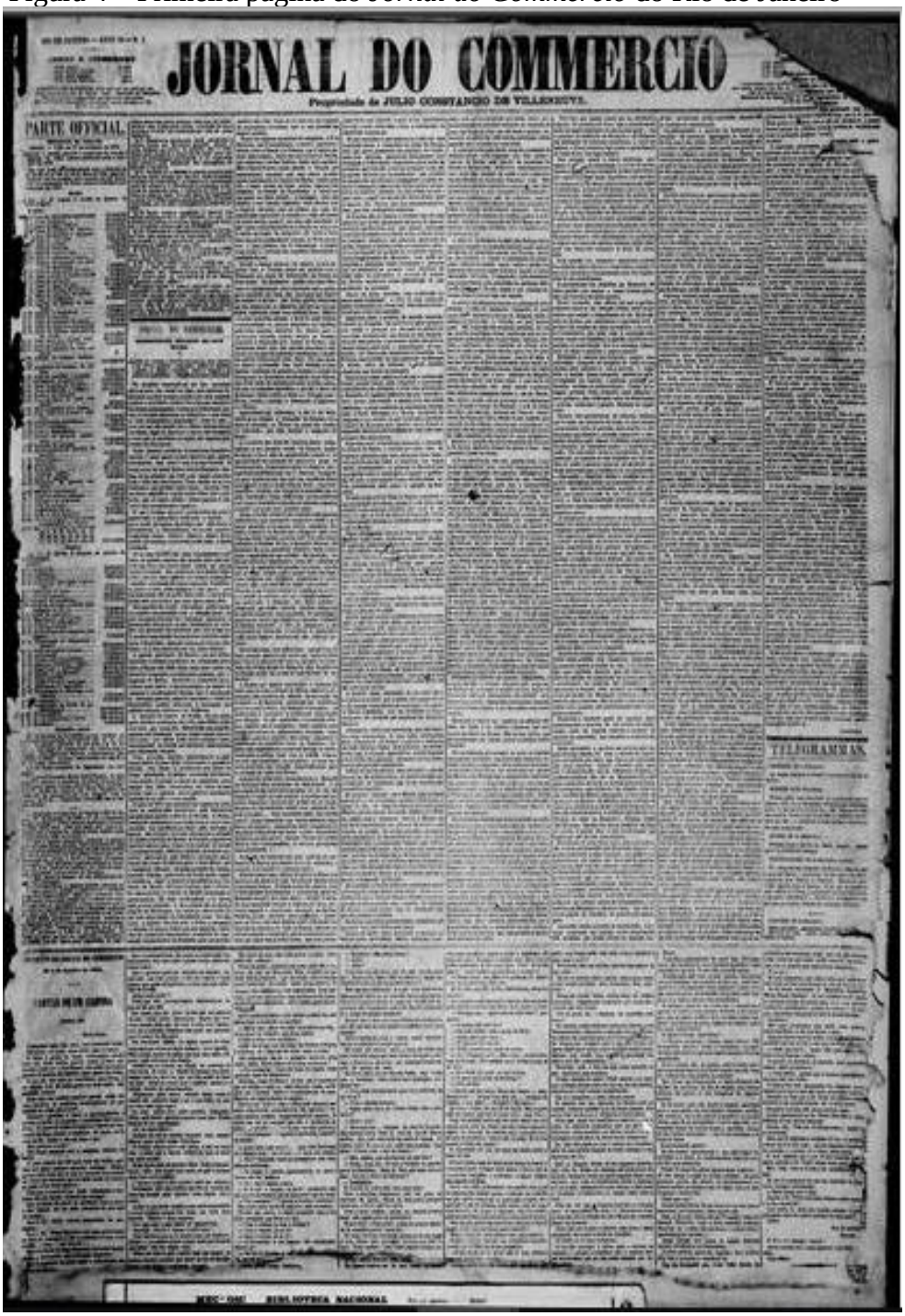
Fonte: *A Mãi de Família*, 1. ed., 1879.

Seu objetivo central era ensinar as mulheres, mães de família e futuras mães sobre os cuidados necessários para a instrução física e intelectual de seus filhos. O jornal não apresentava uma proposta nova. Segundo Vasconcelos e Paiva (2018), era uma proposta já adotada em determinado jornal francês.

> [...] a ideia não era original, mas tinha visível e registrada inspiração no Jornal francês La Jeune Méreou L'éducation dupremier âge: jornal illustré de l'enfance,criado por André--Théodore Brochard, um sociólogo e médico francês nascido em 16 de dezembro de 1810 em La Rochelle. Entre outras obras publicadas, o Doutor Brochard escreveu sobre o modo de propagação da cólera, a mortalidade infantil, as causas do despovoamento na França e, sobretudo, obras dedicadas a aconselhar às jovens mães a cuidar e educar seus filhos (VASCONCELOS; PAIVA, 2018, p. 41).

A Figura 4 apresenta o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 1879. Suas edições variavam de quatro a seis páginas, com dimensões de 30 x 21 cm. O periódico era publicado diariamente e apresentava, em suas primeiras páginas, assuntos diversos referentes à economia e ao comércio. Em suas últimas páginas, os espaços eram dedicados aos anúncios de produtos, escravos e trabalhos dos mais diversos tipos, além de publicações a pedido do leitor, como divulgação de óbitos e de funerais.

Figura 4 – Primeira página do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro


JORNAL DO COMMERCIO

Fonte: Jornal do Commercio, 1. ed., 1879.

Esse periódico era constantemente criticado por não se posicionar sobre assuntos de ordem econômica e pela divulgação de atos oficiais. Se preocupava muito mais com o comércio e com anúncios dos mais variados temas do que com opiniões sobre a política, marca do jornal anterior a ele, *O Espectador Brasileiro*, criado por Pierre Plancher e com publicações entre 28 de junho de 1824 a 23 de maio de 1827, encerrado por questões políticas. Como afirmam Leal e Sandroni (2001) que integra o verbete do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV):

> *O Espectador* deixou de circular a 23 de maio de 1827, por divulgar carta de um colaborador em defesa do ministro da Guerra, o brigadeiro João Vieira Carvalho, então conde de Lajes e mais tarde marquês, considerada insultuosa aos membros da Assembléia Geral do Império.

O Jornal do Commercio foi um periódico de grande circulação e que, não prioritariamente, tornava visível alguns acontecimentos que também eram o foco do jornal *A Mãi de Familia*.

É preciso afirmar que utilizei como fonte jornais impressos, porque, como observa Luca (2015), a princípio, os jornais "[...] pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas 'enciclopédias do cotidiano' continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões." (LUCA, 2015, p 112, grifos da autora). Entretanto, com a Escola dos Annales, essa perspectiva mudou, fazendo com que fosse importante uma escrita da história através dos periódicos impressos, já que eles consistem em produções da sociedade do seu tempo.

O periódico *A Mãi de Família* foi encontrado após uma pesquisa com a palavra-chave "morte", na plataforma online da BN, que resultou em 153 ocorrências, sendo cada uma delas submetida à análise e posterior filtragem daquelas que se referiam à mortalidade infantil ou que estivessem relacionadas às mulheres grávidas. O periódico circulou pela Corte e outras províncias dos anos de 1879 a 1888, com periodicidade quinzenal. Ele se mostra de suma importância para a pesquisa por conter vozes de médicos, parteiros e pesquisadores que buscavam contribuir com a saúde das mães e das crianças. Após a filtragem dos registros no banco de dados da BN, selecionei 61 ocorrências no jornal com a palavra-chave morte, classificadas no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Ocorrências analisadas no periódico *A Mãi de Familia* entre aos anos de 1879 a 1888

Coluna do periódico	**Ocorrências palavra-chave morte**	**Autor(es)**	**Ano(s)**
As Festas	1	Dr. Carlos Costa	1879
Hygiene Escolar	1	Dr. João Pizarro Gabizo	1879
Molestias das Crianças	4	Dr. Carlos Costa K. Vinelli	1879
O Amor Materno	1	(Não consta a edição de continuação)	1879
O Nosso Inverno	1	Dr. Carlos Costa	1879
Palestra do Médico	21	Dr. Carlos Costa	1879 - 1881, 1883, 1884, 1887, 1888
Kerosene Inexplosivo	1	Dr. Carlos Costa	1881
Revista dos Jornaes	1	Journal d'Hygiène	1881
Hygiene da Mulher Pejada	6	Dr. Pires de Almeida	1882, 1883
Educação	1	Dr. Carlos Costa	1884
Medicina	7	Dr. Pires de Almeida Dr. Carlos Costa Dr. Brito e Silva	1884, 1887, 1888
Folhetins Instructivos	1	Mme. Rossetti	1885
Hygiene	2	E.V. J. de P. S.	1885
A Creança	1	Dr. Tony Blanche	1886
Hygiene da Beleza	1	Dr. E. Monin.	1886
Hygiene Geral	1	(Sem assinatura)	1886
Reflexão para as senhoras em relação à sua saúde, hábitos e ocupações	1	Augus. Macdonald M. D.	1886
Cirurgia Domestica	1	Dr. Brito e Silva	1888

Fonte: O autor, 2020.

Como é possível observar no Quadro 3, o jornal apresentava diferentes colunas, nas quais abordava temas sobre a saúde das crianças e das mães. A maior parte delas era assinada pelo redator do periódico, Dr. Carlos Costa[4], mas, havia a participação também de outros colaboradores para que o jornal se afirmasse como um periódico científico, literário e ilustrado, contribuindo para a educação da infância e para a higiene da família.

A ocorrência de resultados relacionados à pesquisa em pauta foi maior na coluna que abre o jornal, intitulada *Palestra do Médico*, em que o redator iniciava cada exemplar debatendo um tema que, muitas vezes, era continuado em números posteriores. Em seguida, há ocorrência maior nas colunas *Hygiene da Mulher Pejada*, que era dedicada àquelas mulheres que se encontravam em período gestacional, e na coluna *Medicina*, onde assuntos relacionados a certas

[4] Carlos Antonio de Paula Costa foi um médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Trabalhou para a Escola Militar, no ano de 1876, e também em uma das enfermarias criadas pelo governo imperial, cuidando dos adoentados pela febre amarela. De 1879 a 1888 foi redator do periódico *A mãi de familia*. (MARTINS, 2004).

moléstias eram abordados como forma de tratamento e prevenção de novos casos. A coluna *Molestia das Crianças* é de suma importância e será aprofundada no capítulo à frente, pois, mesmo não tratando diretamente da morte de crianças como a busca pela palavra-chave demandava, nos permitiu compreender os perigos que cercavam a infância e, consequentemente, as causas de morte.

Com a mesma palavra-chave "morte", no igual período de 1879 a 1889, foram obtidas 9.056 ocorrências no *Jornal do Commercio* na base de dados da Hemeroteca da BN, demonstrando um resultado bem denso, com muitas publicações que não diziam respeito ao Rio de Janeiro capital Imperial, na medida em que vinham de outras províncias, com o intuito de alertar as autoridades para algum fato ocorrido nesses lugares mais distantes da Corte.

A alta ocorrência de resultados a partir da palavra selecionada "morte", levou-me à conclusão de que era preciso usar outra entrada, até porque a palavra se confundia com outras semelhantes. É importante dizer que essa mudança de busca para o *Jornal do Commercio* se deu também por conta de uma coluna dedicada a óbitos, logo não seria possível filtrar essa coluna apenas com a palavra "morte" para crianças. As ocorrências com as outras duas palavras-chave – "filho(a) menor" – estão registradas no Quadro 4.

Quadro 4 – Ocorrências analisadas do *Jornal do Commercio* entre aos anos de 1879 a 1888

Colunas	**Palavras-chave e ocorrências**	
	Filho (a) menor	**Ano(s)**
Anúncio	1	1887
Comunicado de velório (coluna sem nome)	1	1889
Gazetilha	69	1879 a 1889
Illma. Camara Municipal	3	1881, 1885
Jornal do Commercio	1	1881
Parte Juridica	1	1883
Publicações a pedido	8	1879, 1881, 1882, 1883, 1885, 1886, 1887
Obito	1	1879 a 1887

Fonte: O autor, 2021.

Nota-se uma grande ocorrência das palavras na coluna *Gazetilha*, cujo gênero utilizado, segundo Ribeiro (2008), era o comunicado sintético, e a temática explorava as notícias sobre fatos variados. No entanto, no final da década de 1870, a coluna começou a utilizar um título em negrito identificando os assuntos tratados, fazendo com que cada notícia de fato variado fosse mais filtrada. Outra coluna com grande ocorrência de resultados é a de *Publicações a Pedido*, onde leitores manifestavam opiniões e denúncias sobre diversos assuntos, como o relato de um homem que perdeu a esposa grávida por conta de um procedimento que, segundo ele, foi de responsabilidade médica, e que será abordado mais adiante.

Além dos documentos e jornais já mencionadas, selecionados para a pesquisa, apresento as fontes iconográficas, fundamentais para compreender a tentativa de eternizar a imagem em uma chapa fria. De acordo com Ciavatta (2004), "a fotografia constrói o tempo" e trazê-la a público é um meio de contribuir para a reconstrução das histórias ali vividas e para a preservação da memória das famílias.

> Tratar a fotografia como fonte histórica supõe tratá-la como uma mediação, como uma produção social, cujo conhecimento não se esgota na aparência imediata da imagem. Implica sua interpretação a partir da própria visão de mundo e dos conceitos utilizados. Os objetos incluídos, sua forma de aparecer, a conotação percebida nas imagens, as legendas e informações "compõem um painel educativo que estrutura uma determinada memória e participa da escrita de uma 'verdade' histórica" (CIAVATTA, 2004, p. 13).

Busquei a iconografia como fonte para demonstrar o lugar da memória e da preservação da imagem das famílias. Por conseguinte, para compreender a noção de memória e das marcas que o passado deixa, utilizei os estudos de Le Goff (2003), mediante os quais entendi que o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu, mas o resultado de escolhas. As escolhas são próprias do pesquisador que, ao selecionar suas fontes, dentre inúmeras, prioriza determinados documentos que se apresentam como mais adequados ao seu objetivo e pretere outros que o conduziriam a caminhos totalmente distintos, atribuindo ao conjunto de dados do passado, por meio de sua intervenção, um valor de testemunho.

Peter Burke (2017) aponta a importância do uso de imagens nas pesquisas históricas como fontes e como objeto de pesquisa. Para ele, na medida em que confrontamos uma imagem, estamos, de fato, analisando o passado a partir de testemunhos oculares. Nas palavras do autor:

> Imagens nos permitem "imaginar" o passado de forma mais vívida. Como sugerido pelo crítico Stepaen Bann, nossa posição face a face com uma imagem nos coloca 'face a face com a história'. [...] Imagens, assim como os textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular. (BURKE, 2017, p. 24, grifos do autor).

Decerto, é preciso cuidado ao analisar as imagens, pois, como diz Lewis Hine (1998, p. 235-46 *apud* BURKE, 2017, p. 35): "As fotografias não mentem, mas mentirosos sabem fotografar." Sendo assim, é importante que nenhuma pesquisa se faça tomando apenas um documento como fonte, mas em confronto com outros documentos, além do interrogado. Por essa razão, recorri ao banco de teses e dissertações para entender de que forma as questões levantadas nesta pesquisa se articulam, se aproximam ou se distanciam de outras produções acadêmicas já realizadas e disponíveis.

Na seleção desse material, optei por uma busca mais filtrada, por conta do grande volume de resultados obtidos em uma primeira pesquisa. Resolvi criar um plano de pesquisa para me guiar, de modo que cheguei apenas àqueles trabalhos que realmente se aproximavam do meu tema. Analisei os últimos vinte anos do banco de dados da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em duas grandes áreas de conhecimento – as Ciências Humanas e as Ciências da Saúde –, por estarem inseridas no campo da Educação e pelo fato de o tema interessar também a pesquisadores da área da Saúde no que tange à mortalidade infantil.

No Quadro 5, a seguir, consta a seleção final de teses e dissertações que emergiram dessa pesquisa *on-line*.

Quadro 5– Dissertações e Teses do Banco da CAPES entre os anos de 2004-2018

Palavra-chave: infância no oitocentos			
Título	**Autor e Orientador**	**Titulação e Entidade**	**Ano**
A morte menina: práticas e representações da morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo).	Luiz Lima Vailati Maria Helena Pereira Toledo Machado	Doutorado em História Social Universidade de São Paulo	2005
Palavra-chave: mortalidade infantil			
Título	**Autor e Orientador**	**Titulação e Entidade**	**Ano**
Morte e vida feminina: a construção da medicina da mulher na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (final do século XIX).	Daniel Oliveira Regina Célia Lima Xavier	Mestrado em História Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2012
Palavra-chave: casa oitocentista			
Título	**Autor e Orientador**	**Titulação e Entidade**	**Ano**
Da feminilidade oitocentista.	Elisa Maria Verona Jean Marcel Carvalho França	Mestrado em História Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	2007
Infância, sujeito brincante e as práticas lúdicas no Brasil oitocentista.	Maria das Graças de Souza Teixeira Lina Maria Brandão de Aras	Doutorado em História Universidade Federal da Bahia	2007
A casa e os seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos.	Maria Celi Chaves Vasconcelos Ana Valeska Pollo Mendonça	Doutorado em Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	2004
Palavra-chave: morte de anjos			
Título	**Autor e Orientador**	**Titulação e Entidade**	**Ano**
Em vida inocente, na morte "anjinho". Morte, infância e significados da morte infantil em Minas Gerais (séculos XVIII-XX).	Denise Aparecida Sousa Duarte José Newton Meneses	Doutorado em História Universidade Federal de Minas Gerais	2018
O corpo, a morte, a margem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e *post-mortem*.	Carolina Junqueira dos Santos Stéphane Denis Albert René Philippe Huchet	Doutorado em Artes Universidade Federal de Minas Gerais	2015
Viver e Morrer em São Paulo - a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX.	Luis Soares Camargo Denise Bernuzzi de Sant'Anna	Doutorado em História Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2007
Representações da morte: fotografia e memória.	Miguel Augusto Pinto Soares Maria Lúcia Bastos Kern	Mestrado em História Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2007

Fonte: O autor, 2020.

Cabe ressaltar que, após a pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, os bancos de outras instituições também foram analisados, a fim de averiguar se alguma informação havia passado despercebida dentre as teses e dissertações encontradas na primeira pesquisa. Acrescento, então, os seguintes bancos de dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ, Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo, Repositório Institucional da Universidade de Minas Gerais, Coleção Digital da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Teses e Dissertações Eletrônicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Muitos desses bancos foram visitados também para a busca das teses que selecionei no banco da CAPES.

Alguns trabalhos pesquisados e que não foram utilizados como base para esta pesquisa foram de suma importância na bibliografia acerca da temática abordada. Os pesquisadores que, em artigos e outras publicações, se dedicaram a abordar temas que se assemelham ao proposto aqui, ajudaram a pensar a estrutura da investigação.

Começo, a partir daqui, a analisar cada trabalho selecionado, a fim de traçar sinteticamente as contribuições para aquilo que abordei nesta pesquisa. No Quadro 5, já apresentado, dividi os trabalhos através das palavras-chave que utilizei na pesquisa nos bancos de dados. Desse modo, percebi que nem sempre os trabalhos encontrados estavam relacionados com a minha temática, mas, que, de alguma forma, mencionavam a palavra-chave investigada, fosse no resumo ou na indexação selecionada como referência para aquela dissertação ou tese.

Na pesquisa, utilizei as seguintes palavras-chave: Infância no Oitocentos, Mortalidade infantil, Casa oitocentista e Morte de anjos. Obtive mais respostas com a última, muito mais do que apresento aqui, mas era preciso recortar dentro do meu escopo. Feito isto, fiquei com aqueles estudos que me davam mais elementos para pensar no meu tema na Corte e/ou que, de alguma forma, não deixavam de citar elementos indispensáveis para mim.

A tese "A morte menina: práticas e representações da morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)", de Vailati (2005), foi uma grande contribuição para o trabalho. Além de sua importante bibliografia, que me ajudou a pensar a minha temática, é o estudo que mais se assemelha ao que proponho. Nele, além da história da morte infantil, o autor se debruça a traçar a história da infância através de observações de viajantes. Esses viajantes destacavam as diferenças entre os rituais fúnebres de adultos e os de crianças, deixando evidente que nos cortejos fúnebres de adultos havia a presença da tristeza, enquanto nos das crianças havia júbilo. Dentre os documentos utilizados nesse trabalho, destaco: literatura de viagem, textos eclesiásticos, compromissos das Irmandades, livros de óbito, textos de medicina, fotografias e diários. Com a leitura desse estudo, foi possível concluir ainda que os rituais fúnebres levaram os viajantes da época a interpretar que no Brasil não havia um sentimento

materno ou familiar por essas crianças que acabavam de morrer. Contrariando essa interpretação, havia um grande sofrimento, mas ficava restrito ao ambiente familiar. O autor divide seu estudo em três partes: na primeira, localiza a morte menina, verificando a existência de uma sensibilidade para com a morte da criança e a infância no interior das atitudes mortuárias; na segunda parte, ele trata do gestual da morte da menina e dos cuidados com os rituais para as crianças; e na última, trabalha com a morte infantil como objeto de discurso.

A dissertação "Morte e vida feminina: a construção da medicina da mulher na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (final do século XIX)", de Oliveira (2012), revela a procura das mulheres por tratamento hospitalar para suas moléstias, bem como para a realização de partos, antes realizados em casa. A pesquisa busca examinar e compreender a relação estabelecida entre as mulheres pobres enfermas e suas doenças com o saber e as ações médicas produzidas na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Além dessa instituição, o autor analisa a cadeira clínica de obstetrícia e ginecologia consolidada na Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. É importante frisar que Oliveira (2012) trabalhou com mulheres pobres em Porto Alegre, realidade diferente da tratada aqui. Mas, sua pesquisa faz uma importante abordagem sobre a medicina da mulher no século XIX, trazendo contribuições sobre doenças e perigos do parto nesse período. Como fontes utilizadas, destaco documentos do acervo do Centro Histórico-Cultural Santa Casa, tais como livros de óbitos, livros de matrículas dos enfermos, regulamento do cemitério da Santa Casa, dentre outros.

Verona (2007), em sua dissertação "Da feminilidade oitocentista", buscou analisar o papel social da mulher oitocentista, tendo em vista as grandes e significativas transformações ocorridas no Rio de Janeiro com a mudança da capital do Império, quando a cidade sofreu intenso processo de urbanização que repercutiu decisivamente nos hábitos e costumes de seus moradores, principalmente das mulheres. Essa pesquisa se torna importante aqui por abordar questões referentes ao parto e às moléstias que envolviam as mulheres, bem como o papel delas na educação das crianças no período em questão. A autora utilizou como fonte textos médicos, literários e jornalísticos, dialogando com a bibliografia selecionada.

Traçando o caminho dos brinquedos no Brasil e nomeando-os, a tese "Infância, sujeito brincante e as práticas lúdicas no Brasil oitocentista", de Teixeira (2007), trata da infância, das brincadeiras, dos brinquedos, bem como do que se ocupavam as crianças e dos perigos a que eram expostas no século XIX. A pesquisa revela o discurso contraditório oitocentista de que a criança era um ser frágil, inacabado, mas, ao mesmo tempo, com grandes funções de trabalho. Para a autora, a família sentia-se consolada com a perda da criança, pois, devido aos altos índices de mortalidade, o "[...] morrer seria uma forma dos pais se sentirem aliviados por terem um anjo nos céus, a seu serviço, intercedendo para a remissão de seus pecados" (SOUZA, 2007,

p. 181). Como fontes, foram utilizados pela autora textos de cronistas viajantes, textos literários, além de vasta bibliografia.

Em sua tese, Vasconcelos (2004) propôs-se a estudar as características da prática da educação doméstica e suas circunstâncias, assim como as relações estabelecidas entre elas, os colégios particulares e a escola pública emergente. Com o título "A casa e os seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos", a pesquisa se constitui relevante por traçar a história da infância no Oitocentos através da educação em casa, trabalhando com o cotidiano nos lares das famílias que optavam por essa forma de educação para meninos e meninas e evidenciando maior confinamento, à medida que a casa se tornava escola. Baseado em fontes documentais, o estudo consultou uma vasta quantidade de jornais e revistas, manuscritos e livros, assim como outras bibliografias.

Assemelhando-se à pesquisa de Vailati (2005), ainda que com foco em outra província, a tese de Duarte (2018), "Em vida inocente, na morte 'anjinho'. Morte, infância e significados da morte infantil em Minas Gerais (séculos XVIII-XX)", aponta a relevância com que era tratada a morte das crianças na sociedade da época. Seu texto analisa não só o lugar da criança no modelo familiar, mas também o atributo de sua alma nas crenças. Aborda ainda a secularização da morte, assim como a constituição da memória através da perda, que não exclui os significados religiosos diretamente ligados a essa devoção da memória.

Com elementos essenciais e contribuições da área da Arte que ajudam a entender o papel da fotografia no século XIX, seus usos mórbidos, além da memória, luto e gestos para tornar presente o que desapareceu, a tese "O corpo, a morte, a margem: a invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem", de Santos (2015), aborda a prática das fotografias memoriais e *post-mortem* fazendo a análise da dimensão privada da imagem, sua intimidade e seu sentido relicário para as famílias. Em especial, a autora trabalha com a ideia de salvar o corpo através da fotografia, dedicando uma seção, que julgo muito importante, a compreender a lamentação das mães que perderam seus filhos e se preocuparam em salvar esse corpo através da imagem e, mais ainda, através de objetos memoriais.

A pesquisa de Camargo (2007) tem por objetivo analisar as relações que se construíram na sociedade paulistana do século XIX a partir da presença constante das doenças que assolavam não só São Paulo, mas, também, outras províncias, levando muitos à morte. O trabalho se torna uma importante investigação para a análise por revelar que a incidência das mortes era maior entre crianças, mulheres, pobres e escravos, cabendo investigar as possíveis razões para esse fato. A tese, intitulada "Viver e Morrer em São Paulo - a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX", amplia a discussão sobre as doenças que assolavam as províncias, além de trazer grande contribuição ao debate da mortalidade infantil assim como das memórias, lembranças e esquecimentos que se dão através da morte. O autor utiliza

documentos da Cúria, literatura, relatos de viajantes, memorialistas e correlatos, dentre ampla bibliografia.

Em “Representações da morte: fotografia e memória”, Soares (2007) discute os usos e funções da fotografia mortuária. Ele traz diversos elementos relacionados às questões da imagem e da memória, tanto individual como coletiva. A pesquisa, que se deu através da análise de 68 imagens mortuárias, evidencia como a fotografia passou a ser um importante elemento, disputando espaço com esculturas, relevos e demais signos funerários. Traz, portanto, grande contribuição para a análise desse tipo de registro, tema que irei tratar no capítulo 3 desta pesquisa.

Após a revisão de literatura coletada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, foi feito também um levantamento de livros e artigos científicos para aporte teórico da análise, tanto dos documentos históricos quanto da infância no Oitocentos, bem como da fotografia, da memória e da história da morte. O Quadro 6 foi elaborado para organizar essas informações e dar melhor visibilidade à forma pensada para a estruturação desta pesquisa.

Quadro 6 – Revisão Bibliográfica: Livros

História social oitocentista		
Título	**Autor/a/es**	**Ano**
História da Vida Privada no Brasil - Vol.2: Império: a corte e a modernidade nacional	Fernando A. Novais Luiz e Felipe de Alencastro (org.)	2019
História das Crianças no Brasil	Mary Del Priore (org.)	2018a
História das Mulheres no Brasil	Mary Del Priore (org.)	2018b
História Social da criança e da família	Philippe Ariès	2018
Vida social no Brasil nos meados do século XIX	Gilberto Freyre	2008
História da morte		
Título	**Autor/a/es**	**Ano**
O Exercício moral de memória da morte: escritos religiosos do Brasil Colonial	Clara Braz dos Santos	2018
O homem diante da morte	Philippe Ariès	2014
História da morte no Ocidente	Philippe Ariès	2003
Nas Fronteiras do Além: o processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)	Claudia Rodrigues	2002
História da morte		
Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres na Corte	Claudia Rodrigues	1995
A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX	João José Reis	1991
História da fotografia		
Título	**Autor/a/es**	**Ano**
Breve história de la fotografía	Walter Benjamin	2019
História & imagem	Eduardo França Paiva	2015
Fotografia e História	Boris Kossoy	2014
História & fotografia	Maria Eliza Linhares Borges	2011

Fonte: O autor, 2021.

O Quadro 6 foi dividido a partir das áreas consideradas fundamentais para a estruturação e desenvolvimento desta pesquisa, com destaque para os trabalhos que compuseram a bibliografia e que, em um primeiro momento, tornaram-se a base desta dissertação. Ele contém os principais livros analisados e que ajudaram a pensar os próximos capítulos. Portanto, as informações a seguir colocadas explicitam a bibliografia selecionada para a dissertação, apresentando pontos utilizados para o diálogo e tecendo alguns comentários, a fim de não antecipar elementos presentes dentro do próprio texto que fará parte das análises.

A primeira categoria do Quadro 6 é o agrupamento História social, no qual encontram-se os autores que, para além de apenas uma história da infância, apresentam a sociedade do Oitocentos, abordando tanto uma história da criança, quanto da família ou da sociedade onde elas se inseriam. Apresento os autores que fundamentam o pensamento aqui abordado, além de suas escritas, que se manifestam como fontes bibliográficas no desenvolvimento da temática.

O livro "História da vida privada no Brasil, volume 2" de Novais e Alencastro (2019), é uma obra que traz elementos que, a todo momento, ajudaram a estruturar o trabalho a partir daquilo que se entende por privado e cotidiano. Elementos como o cotidiano da vida privada e ordem privada no Império, assim como o cotidiano da morte no Brasil oitocentista, são abordagens tratadas pela obra e que se tornaram importantes aqui. Da mesma forma são relevantes as peculiaridades do século, não só na Corte, mas, principalmente, em outras províncias. O olhar dos viajantes estrangeiros e o cotidiano são representados pelas fotografias, além de inúmeras gravuras da própria imprensa, que se consolida no Império e que conta a história do Brasil.

"História das crianças no Brasil", escrita por Del Priore (2018a), traz textos de diferentes historiadores e sociólogos, dentre outros pensadores da infância, para traçar um panorama das diferentes infâncias, pensadas desde o século XVI ao XX. Dois capítulos em específico, foram destaque para a pesquisa: "O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império", de Mary Del Priore, que parte dos cuidados aos recém-nascidos, à alimentação, aos perigos e ao brincar, aspectos fundamentais para pensar o primeiro capítulo desta dissertação; e "A vida das crianças de elite durante o Império", de Ana Maria Mauad, que traz o cotidiano das casas de elite do Brasil no Oitocentos, a educação de suas crianças, as idades da infância, os cuidados com as crianças e os adolescentes. Ademais, analisa o lugar das crianças em um mundo dos adultos. O livro é um importante marco para se pensar a história das crianças, além de abordar uma bibliografia que, sem dúvida, foi fundamental para a pesquisa.

A obra "História das Mulheres no Brasil", também elaborada por Del Priore (2018b), traz uma diversidade de autores com importantes artigos para debater o cotidiano e a intimidade

das mulheres através da história do Brasil, além da relação com a medicina e com a magia que envolviam essas mulheres. Destacam-se contribuições para se entender o período de gravidez das mulheres e como elas procuravam maneiras de curar doenças quando a medicina não as alcançava.

Na obra "História social da criança e da família", Ariès (1981) caracteriza cada século, desde o XVIII por privilegiarem uma periodização da vida. Em especial, o século XIX teria privilegiado a infância. A obra revela-se como ótima contribuição para a compreensão das idades da vida, além de abordar a história dos jogos e brincadeiras. Partindo dos registros da infância de Luís XIII, desvenda como seriam as brincadeiras no século XVII e em outros séculos. Trata-se de obra fundamental para entender a realidade europeia por destacar elementos como o traje das crianças através dos séculos, que, por muito tempo, não se distinguia dos trajes dos adultos, e outros que nos fazem pensar no modelo ocidental que concebe a família e a infância.

"Vida social no Brasil nos meados do século XIX" é mais uma obra que leva ao encontro de detalhes da vida privada no Brasil. Seu autor, Freyre (2008), afirma que seus conceitos seriam menos públicos e oficiais, mas nem por isso menos sociológicos e psicológicos do viver em família em meados do século XIX. O Brasil patriarcal, a igreja católica exercendo função importante na vida das famílias, a educação das crianças começando em casa, assim como o papel da mulher nessa educação são temas abordados. O autor apresenta ainda um Brasil de grande mortalidade, suas epidemias, as moléstias que assolaram a segunda metade do século e o sentimento da família com o morto, trabalhando os cuidados com o rito da morte.

A segunda categoria do Quadro 6 é o agrupamento História da morte, onde foram registradas obras tanto da bibliografia referente ao estudo da morte no Brasil quanto do estudo da morte no mundo ocidental como um todo. São obras extensas e de autores que são referência no Brasil, como também no mundo, no campo da história da morte.

"O homem diante da morte" e "História da morte no Ocidente" são de autoria de Philippe Ariès (2014, 2003), nas quais o autor investiga os diferentes sentimentos humanos diante da morte, utilizando-se da sociologia e até mesmo da psicologia. Um dos conceitos apresentados nas obras e que destaco é o de "morte domesticada", que Ariès define como uma morte que vem lentamente, diferentemente de uma morte súbita, essa traz sofrimento ao moribundo é esperada no interior das casas, onde as famílias se reúnem com o intuito de se despedir do ente querido.

"Nas Fronteiras do Além: o processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)" e "Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações

fúnebres na Corte" são importantes obras de Rodrigues (2002, 1995) por aprofundarem o campo da história da morte não só no Rio de Janeiro, mas no Brasil. Constituem-se em bibliografia fundamental para quem está pesquisando a história da morte, não faltando como referência em teses e dissertações daqueles que se dedicam à temática. Rodrigues, nessas obras, aborda que o morrer era algo que se aprendia e que ensinava, bem como o "bem morrer" e a secularização da morte.

"A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX" foi escrita por Reis (1991), historiador que se destacou com seus estudos no campo da morte no Brasil, talvez um dos primeiros pesquisadores que tenha se dedicado a olhar para essa história em nosso país. Sua pesquisa foi feita na Bahia e aborda os eventos festivos ligados à morte no século XIX, através de documentos e relatos da época. Dentro da análise dos rituais fúnebres, Reis relata a revolta ocorrida contra a construção do cemitério do Campo Santo, passando pela secularização da morte no Brasil, com os rituais fúnebres que deixam de ser festivos para ser de cautela e medo, algo necessário para que se aceitasse a construção dos cemitérios, a fim de ter-se um distanciamento do morto, que antes era enterrado em igrejas e outros lugares santos.

Outra categoria do Quadro 6 é a História da fotografia, onde busquei registar a bibliografia que analisa o contexto do surgimento da fotografia, ocorrido no século XIX. Nela também estão os pesquisadores que ajudaram na análise das fotografias encontradas na pesquisa e em outras que a pesquisa bibliográfica trouxe.

"*Breve historia de la fotografia*" é um ensaio publicado por Benjamin (1931) como forma de comemorar o centenário da fotografia. O autor traça um histórico desde a invenção da fotografia até quando ela se torna pública. Através de imagens fotográficas, tenta compreender o alcance social, a dimensão estética e a importância histórica da fotografia para o século XIX.

"História & imagem", de Paiva (2015), além de abordar questões históricas das imagens, apresenta o uso da iconografia e das representações gráficas pelo historiador em suas pesquisas, o que vem propiciando e instigando novas reflexões metodológicas. A representação de imagens ganhou um novo contexto dentro da discussão histórica, passando de longe por uma forma de colorir as páginas ou até mesmo para chamar a atenção de quem lê, mas trazendo uma nova abordagem dos fatos históricos.

"Fotografia e História", de Kossoy (2014), é uma obra que, além de passar pela história da fotografia, aborda suas concepções, assim como a fotografia de documentos e de realidades. Para o autor, a fotografia é uma forma de expressão cultural na qual foram registrados diferentes aspectos e acontecimentos sociais de diversas naturezas, mostrando o fotógrafo como autor da imagem e como participante de todo esse processo.

"História & fotografia", de Borges (2011), é mais uma obra que ajuda a entender o contexto em que a fotografia surge, bem como suas utilizações e seu papel na pesquisa histórica. A obra aborda o paradigma da História, desde a utilização da fotografia como mera ilustração, até quando ela ganha mais espaço na pesquisa histórica e adquire valor de fonte, assim como os documentos oficiais.

Por último, no Quadro 7, destaco os artigos científicos que foram relevantes para desenvolver a temática. Essas publicações estão organizadas em duas categorias: História da fotografia, com artigos que ajudaram tanto a entender a história da fotografia quanto a analisar seus usos; e Medicina oitocentista, composta por artigos fundamentais para entender a história da medicina feminina nesse período, além das contribuições advindas da consolidação da área no Brasil do Oitocentos.

Quadro 7 – Revisão Bibliográfica: Artigos Científicos

História da Fotografia		
Título	**Autor(a)(es)**	**Ano**
Um lugar para o corpo: fotografias familiares em contexto de luto	Carolina Junqueira dos Santos	2017
As fotografias de "anjos" no Brasil do século XIX	Luiz Lima Vailati	2006
Medicina Oitocentista		
Título	**Autor(a)(es)**	**Ano**
Gênero, história e medicalização do parto: a exposição "Mulheres e práticas de saúde"	Luciana Aparecida Palharini e Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa	2018
Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro imperial	Maria Luiza Marcílio	1993
História da parturição no Brasil, século XIX	Anayansi Correa Brenes	1991

Fonte: O autor, 2020.

"Um lugar para o corpo: fotografias familiares em contexto de luto" é um artigo que se constitui numa extensão da tese de Santos (2017), do departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, e que traz mais uma forma de se pensar o luto e o uso da fotografia mortuária. O artigo foi publicado na Revista M: estudos sobre mortes, mortos e o morrer, e aborda o universo da fotografia de família, destacando sua produção e seu uso no contexto funerário e de luto. A ideia central é a de que o retrato fotográfico, depois da morte da pessoa retratada, se torna o novo corpo do morto, lugar de contato e vínculo.

O artigo "As fotografias de 'anjos' no Brasil do século XIX", de Vailati (2006), publicado nos anais do Museu Paulista, tem como objetivo examinar as fotografias de crianças mortas produzidas em São Paulo, no século XIX, de modo a pensar acerca da sensibilidade da

época em relação à morte. Trata-se de um diálogo com sua tese, que também é abordada nesta pesquisa.

"Gênero, história e medicalização do parto: a exposição 'Mulheres e práticas de saúde'", de Palharini e Figueirôa (2018), é um artigo publicado na Revista História, Ciências, Saúde, da Fiocruz. As autoras trabalham a institucionalização da medicina no Brasil, que fez com que as parteiras perdessem espaço na área e, ao mesmo tempo, com que as mulheres lutassem para ter acesso a esse curso superior.

No artigo "Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro imperial", publicado na Revista de História da Universidade de São Paulo e escrito por Marcílio (1993), a autora calcula os níveis da mortalidade no século XIX no Rio de Janeiro. O artigo evidencia que anualmente, e até o final do século, a mortalidade foi inferior à natalidade.

"História da parturição no Brasil, século XIX" é um artigo escrito por Brenes (1991), professora do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. O texto tem como objetivo resgatar as particularidades da constituição da arte obstétrica no Brasil do século XIX. A autora trabalha também com a inauguração das escolas de medicina e cirurgia, na Bahia e no Rio de Janeiro, que fez a medicina da mulher começar a ser pensada.

Pensar a medicina da mulher e a medicalização do parto foi preciso para entender como esses campos determinavam os cuidados que a parturiente deveria ter em vista de, durante a gestação, a criança não se tornar um natimorto. Analisar a medicina da mulher como ciência no Oitocentos é também refletir como ela contribuiu para os dados estatísticos tanto de nascimento quanto de natimortos.

Após a análise da revisão de literatura, pensei na melhor forma de estruturar a pesquisa, de modo que o que foi selecionado no levantamento constitui-se importante fonte bibliográfica para o andamento do trabalho. Busco, pois, dialogar com a bibliografia aqui já mencionada, assim como com outras fontes que apareceram no decorrer da escrita.

Além da introdução, da revisão da literatura e das considerações finais, a dissertação é constituída por três capítulos. No primeiro, abordo a casa como lugar que abrigava o nascimento e a educação de muitas crianças oitocentistas. Esse capítulo pretende localizar os estudos em um ambiente onde tudo começa e onde, especialmente, as mulheres viviam um confinamento maior. Abordo a composição familiar e quem eram aqueles que dividiam o espaço da casa, assim como a relação entre a gravidez e o aleitamento. A casa também era o lugar onde muitas crianças nasciam e onde muitas não atingiam longo tempo de vida. Na sua própria casa, as crianças recebiam a educação formal, brincavam e boa parte delas ficavam confinadas. Destaco

também quais eram os perigos que cercavam essas crianças em seu cotidiano, bem como as moléstias que contraíam e os acidentes que sofriam.

No capítulo 2, abordo como a infância era ameaçada diante dos perigos que se manifestavam. Apresento também as estatísticas da mortalidade e o que diziam tanto o Recenseamento de 1872 como os Apontamentos do Barão de Lavradio, além de mostrar as superstições e rezas que envolviam a sociedade e que eram utilizadas para atenuar a perda de um ente querido. Apresento ainda imagens encontradas nos periódicos que auxiliaram na compreensão da abordagem escolhida para esse tópico.

Por fim, o capítulo 3 se dedica à infância perpetuada, quando a dor de perder uma criança falava mais alto e as famílias recorriam a maneiras de eternizar suas memórias, fosse em uma fotografia, em esculturas em cemitérios, lápides, mausoléus ou através de roupas e adereços utilizados para esse fim. Para tanto, examino um apanhado da iconografia, muitas vezes recuperada através da bibliografia selecionada e discutida aqui. Ademais, exponho uma breve história da fotografia, invenção recém-difundida no século XIX e que foi uma das principais maneiras encontradas pelas famílias para preservar as imagens de suas crianças mortas.

2 INFÂNCIA DOMESTICADA: A CRIANÇA E A CASA

> Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora [...]
>
> *Machado de Assis, 1906*

Em sua última coletânea de textos publicados, Machado de Assis presenteia o leitor com um punhado de contos e sonetos. Destaco o trecho de um deles como abertura do primeiro capítulo desta dissertação, a fim de exemplificar a necessidade de recorrer à casa como centro dos acontecimentos oitocentistas.

Muitos historiadores, apesar de sua construção ficcional, consideram a obra como segura reconstituição da época. Sendo assim, tento extrair algumas dessas relíquias para dividi-las com a minha pesquisa.

Importa lembrar que este capítulo trabalha com a infância domesticada no sentido de algo que é investigado a partir de vivências no âmbito doméstico. Decerto, é muito difícil traçar uma história sobre crianças, já que o que se tem de vestígios são fatos relacionados aos adultos. Stearns (2006) já traz esse debate para o campo quando salienta que:

> É difícil elaborar histórias bem-feitas sobre crianças. Crianças deixavam relativamente poucos registros diretos. [...] é mais fácil tratar historicamente da infância do que das crianças em si, porque a infância é em parte definida pelos adultos e por instituições adultas. Compreender as crianças no passado é ilusório. (STEARNS, 2006, p.13)

Leite (2016) também afirma que "[...] o estudo da criança no século XIX é dificultado pela escassez de estudos de demografia histórica". Em seguida, ao citar estudos de Maria Luiza Marcílio, lembra que o recenseamento de 1872 traz dados estatísticos vitais para se escrever a história da infância nesse século. Posto isto, este capítulo traz a infância à maneira como os documentos históricos a relatam, enfatizando a relação entre essa infância e a casa oitocentista, bem como o nascimento, brincadeiras e perigos presentes em um ambiente tão singular.

Antes da história da infância no século XIX, é preciso abordar a história das mulheres na casa do Oitocentos, pois uma não pode ser dissociada da outra, na medida em que as mulheres viviam, muitas vezes, confinadas no interior das casas, exercendo o papel de mães e desempenhando atividades para o bom funcionamento do cotidiano doméstico. Elas são as

verdadeiras protagonistas dessa história. É através delas que o olhar é despertado para o interior de seus lares e se pode entender o papel que a sociedade exerceu na definição do que era ser mulher e o que se esperava das futuras mães. Essa história se apresenta, no entanto, invisibilizada, mas, aos poucos, vai se tornando mais visível, através de inúmeros estudos recentes.

A casa, aqui abordada, é peça fundamental tanto para a abertura do primeiro capítulo, como para os próximos. Ela era o local que integrava diferentes ritos e práticas cotidianas que marcavam a infância das crianças no século XIX. Era a casa, por exemplo, o primeiro lugar de contato das crianças com o mundo exterior.

Quando o momento de dar à luz chegava, eram as parteiras que rapidamente atendiam as mulheres, tomando a responsabilidade de trazer a criança para o mundo externo ali mesmo, dentro da casa brasileira. Essa prática era comum no período oitocentista, deixando para os médicos apenas os partos complicados e/ou aqueles que as parteiras sozinhas não davam conta. Este era o primeiro rito que a casa abrigava, não o único, pois as crianças que acabavam de chegar ainda vivenciariam muitas coisas entre as paredes dos inúmeros cômodos espalhados pelas casas, sobrados, fazendas, cortiços etc.

A casa também se manifestava como o espaço do brincar, rodeada, entretanto, por muitos perigos para as crianças fora de suas paredes. Restringir os pequenos à casa e ocupá-los com brinquedos não parecia uma má ideia, até que pudessem ter acesso a outros espaços com a presença de um adulto. Pensando em meninas e meninos, será que havia diferença de tratamento entre eles nas casas? Sim, as diferenças eram bem evidentes: elas mais privadas do que eles, eles com mais responsabilidades do que elas.

Chegada a hora do contato com a educação formal, nas famílias das camadas mais favorecidas da população era preciso encontrar preceptores que se dedicassem à educação da criança que já atingia a idade necessária às primeiras letras. Nesse momento, a casa se tornava escola para parte das crianças nascidas no Oitocentos, aquelas que não tinham a possibilidade de um dia ter outras paredes como escola. Esse era outro rito que a casa brasileira abrigava, o rito da educação formal.

Muitas crianças atravessaram esses ritos aqui descritos, mas, e quanto àquelas que mal conheceram suas casas? E aquelas que mal conheceram a rua? Ou ainda aquelas que sequer chegaram com vida às novas paredes que teriam como lar? Desse modo, a casa se torna um marco para se pensar a infância no século XIX.

Mas, afinal, de qual casa estamos falando? Qual infância é aqui abordada? No Brasil do Oitocentos, não havia apenas uma infância, por isso, recorro às imagens com o intuito de

apresentar a família brasileira, a qual eu tomo como objeto de estudo, e que atribuía à casa todos esses significados.

A aquarela sobre papel produzida em 1823 (Figura 5), elaborada por Jean-Baptiste Debret, pintor, desenhista, gravador, professor, decorador, cenógrafo e viajante do século XIX, que chegou ao Brasil por volta de 1816, dá pistas da família das camadas mais favorecidas social e economicamente e do interior da casa brasileira no período enfocado pela pesquisa. Retrata uma senhora branca a cortar tecido no ato de bordar, enquanto sua filha, ao que parece, está tomando a lição. Ao redor delas, o pintor retrata também uma forte marca do passado brasileiro que fazia parte do cotidiano das casas nobres aqui retratadas: a presença escrava. Duas famílias, dois contrastes, e uma imagem que diz muito sobre o interior das casas elitizadas que são abordadas neste capítulo.

Figura 5 – Uma senhora de algumas posses em seus hábitos diários

Fonte: Debret, 1823.

A infância utilizada como objeto de estudo nesta dissertação é a infância das famílias mais favorecidas economicamente da população, considerando que as desigualdades presentes na sociedade oitocentista, escravocrata e latifundiária, faziam com que existisse apenas uma camada social destacada, capaz de arcar com custos relativos à casa na abrangência do espaço e personagens que possuía naquele século.

Neste capítulo, a infância é descrita nas casas oitocentistas brasileiras para, em seguida, serem identificados os principais aspectos que a envolvia nesses lares. A

investigação sobre esse elemento foi expandida, abarcando-se desde a fase da gravidez e aleitamento, com ênfase também nas brincadeiras e na educação limitada à casa dessas crianças, sem esquecer daquelas que pouco tempo tinham quando deixaram seus pais.

2.1 **Família: a gravidez e o aleitamento**

A proposta é começar a história da infância na casa a partir da gravidez, passando pelos cuidados que as mulheres tinham nesse período, até o nascimento das crianças. Em seguida, tem-se o aleitamento, assim como os discursos, tanto da sociedade como da própria ciência, na adoção de certas práticas que, em geral, não favoreciam a saúde dos recém-nascidos e que caracterizam os primeiros perigos da infância.

Mas, para se chegar ao debate sobre a família e as questões que giravam em torno da gravidez e do aleitamento é preciso recorrer à História das Mulheres. Essa é, pois, a discussão que desencadeará a história desses pequenos.

No que tange à história das mulheres, Perrot (2005) fala da dificuldade que é escrever essa história, evidenciando que o que se tem é um registro fragmentado e sempre contado a partir dos homens, fazendo com que elas sofram apagamento de seus traços, sobretudo no sentido privado, que é o enfoque da pesquisa. A história é o lugar da legitimação, do domínio, e a história das mulheres contribui para a narrativa e a revelação de uma história do silêncio. Nesse sentido, a mulher é:

> Personagem que, de certa forma, impõe de antemão alguns limites, principalmente no que diz respeito à documentação. É praticamente um lugar comum afirmar que o historiador dispõe de mais documentos sobre os egípcios do que sobre os núbios; muito mais sobre os espanhóis, que sobre os maias; e, é claro, muito mais sobre os homens, que sobre as mulheres. Há sempre, em uma sociedade, um grupo determinado que predomina sobre outro, e a história é uma das disciplinas que se encarregam de narrar os processos que levaram a esta partição (VERONA, 2007, p. 21).

A mulher, por muito tempo, teve em seu apagamento como uma marca da historiografia. Daí a necessidade de se interrogar o passado para entender como o século XIX trouxe outras formas de se pensar o papel das mulheres na sociedade. Começo então a narrar essa história por um fato que mudou o cotidiano brasileiro: a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, em especial para o Rio de Janeiro, tornando-o, assim, capital da Corte. Esse evento, possibilitou um outro acontecimento de grande importância para esta pesquisa e para a sociedade da época. Tudo começou com o decreto de D. João VI, publicado em 2 de abril de 1808, que estabeleceu

uma cadeira no Hospital Real Militar da Corte, oficializando o início da profissionalização médica no Rio de Janeiro, com a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica.

Essa mudança, impulsionada pela chegada da família real, certamente, consolidou a área médica na então América Portuguesa. Assim, o decreto passou a caracterizar uma tentativa de concretizar inúmeros serviços prestados, um deles de grande interesse para esta pesquisa: a consolidação do campo médico, em especial, a nova forma com que a medicina passou a tratar as mulheres brasileiras e o que esse fato acarretou para a saúde na infância.

A inauguração das escolas de medicina e cirurgia, na Bahia e no Rio de Janeiro, impulsionadas pela vinda da família real, fez com que a medicina da mulher começasse a ser pensada nas teses elaboradas nessas instituições ao longo do século XIX. Como eram instituições de nível superior, exigiam que seus alunos fossem alfabetizados e que falassem francês, motivo que não ajudou as parteiras a se atualizarem e se especializarem na clínica obstétrica como ciência. Essa foi uma das razões para a diminuição de mulheres parteiras, com o passar do tempo, e, pouco a pouco, para a redução dessa prática.

Verona (2007) mostra outras transformações com a vinda da família real para o Brasil. Segundo a autora, não só a medicina ganhou mais especialidades, mas o modo de vida, principalmente das mulheres, personagens dessa trama, também sofreu mudanças. Novos discursos foram incorporados, trazendo novas formas de legitimação do papel da mulher na sociedade oitocentista, sobretudo das mulheres pertencentes à elite, que tinham um maior cuidado em relação à aparência e à representação em sociedade. Prova disso são os inúmeros manuais de civilidade, livros de conselhos, tratados de cortesia e códigos de etiqueta, escritos no século XIX e que ditavam as regras de conduta esperadas para a boa convivência em sociedade dessas mulheres.

Com os inúmeros entretenimentos pensados para a figura feminina, não se pode deixar de destacar o papel dos jornais e revistas, que trouxeram uma importante demonstração do que se esperava da mulher na sociedade em questão. Exemplo disso está descrito na revista "Novo Correio das Modas"[5], que traz a público:

> Uma das principais ocupações das mulheres deve ser o cuidado da sua casa [...]. Uma mulher incapaz de preencher as obrigações que lhe impõe o título de mãe de família e dona de casa, seja qual for o seu talento e sua instrução, será sempre mais ridícula e

[5] *Correio das Modas: jornal crítico e literário das modas, bailes e teatros*, foi um jornal semanal que circulou de janeiro 1839 a dezembro de 1840, publicando em suas páginas textos sobre modas, crônicas, charadas e novelas. Chegou a ser publicado até duas vezes por semana. Em 1852, seus editores, Eduardo e Henrique Laemmert, resolveram transformá-lo em revista ilustrada semanal, tornando-se assim o *Novo Correio das Modas: jornal do mundo elegante consagrado às famílias brasileiras,* que circulou de 1852 a 1854. (CRUZ; SENA, 2012).

> mais digna de compaixão que de estima (*Novo Correio das Modas*, 1854, p. 69 a*pud* VERONA, 2007, p. 29).

Portanto, os periódicos e a própria medicina reforçavam esse lugar esperado para as mulheres oitocentistas. Alguns autores ainda acrescentam que o casamento tardio não traria perigos para os homens, mas poderia acarretar inúmeros males à mulher, já que ela só estaria completa após o primeiro parto, forçando a busca por um casamento o mais cedo possível e, rapidamente, pela gravidez.

Confinadas às casas, era a janela que se tornava o mais próximo das ruas. Dessa forma podiam observar os inúmeros acontecimentos cotidianos. Muitas transformações aconteceram, principalmente no século XIX, possibilitando uma vida mais agitada para as mulheres, cujo contato com o mundo exterior se tornava mais frequente por meio das igrejas, teatros, praças, passeios públicos e bailes. Assim, a vida das mulheres foi, pouco a pouco, deixando a exclusividade dos espaços privados. Mesmo diante das mudanças, a mulher ainda era vista por seu papel de mãe e por sua faculdade procriadora, defendida pelos médicos, a todo momento, em periódicos do século XIX, voltados para o universo feminino.

Chegada a hora do parto, muitas mulheres tinham a opção de recorrer a médicos caso surgisse alguma complicação no nascimento de seus filhos, o que foi possível após a criação da faculdade de medicina e com a importação de médicos. No entanto, as parteiras ainda eram muito utilizadas para esse momento, até porque dar à luz era considerado “assunto de mulher”. E elas, as parteiras, aprendiam empiricamente a melhor forma de se fazer um parto, atuando como uma espécie de guardiãs dos saberes, que iam sendo passados de uma a uma.

Del Priore (2018a) aborda esse momento que acontecia nas casas oitocentistas, diante das mulheres que ali habitavam ou que eram convocadas para presenciá-lo. Assim a autora o descreve:

> Vigiada por uma imagem de Nossa Senhora do Ó ou do Bom Parto, agachada ou sentada, a mulher esperava os sinais do parto. Familiarizadas com as manobras para facilitá-lo, as comadres ou “aparadeiras” encarregavam-se da lubrificação das partes genitais, untando-as com gordura animal, óleo de açucenas ou azeite (DEL PRIORE, 2018a, p. 85-86).

Nossa Senhora do Ó, Bom Parto ou das Dores são as denominações referentes à Nossa Senhora ou Maria, cada uma delas associada com esse momento especial que Maria passou ao dar à luz a Jesus Cristo. As dores representavam as dores que Maria teve ao longo da sua jornada: a dor de perder o filho, de sepultá-lo, dentre outras. Já que o momento do parto era dividido entre as mulheres, por que não se recorrer à mãe mais conhecida das escrituras cristãs, para que, assim, esta pudesse interceder pela grávida que estava a poucos instantes de ser mãe?

Nessa esteira discursiva, é possível perceber a presença das "rezas e superstições". Segundo Del Priore (2018a), relíquias e cordões coloridos asseguravam um bom parto na mentalidade da época. São inúmeros os amuletos utilizados e que passavam pelo imaginário das parturientes, desde uma pedra, que poderia trazer a criança rapidamente para fora do ventre, até o ato de mastigar cebolas na hora do parto para que a mulher não sentisse dores.

Após o nascimento, as superstições pensadas para a hora do parto não deixavam de existir, mas agora tinham o objetivo de preservar o bebê. Exemplo disso era a maneira como o recém-nascido era tratado. Seu primeiro banho era feito com líquidos como vinho ou cachaça, e ainda eram limpos com manteigas e outras substâncias oleaginosas. Seu umbigo recebia óleo de rícino com pimenta, a fim de acelerar a cicatrização.

Essas eram algumas das superstições praticadas entre as mulheres grávidas (DEL PRIORE, 2018a) e que revelam qual saber dominava a sociedade da época para que, depois, pouco a pouco, os manuais de medicina começassem a incorporar alternativas para substituí-las. Essas práticas estavam bem presentes no cotidiano das gestantes, pois, como coloca Del Priore (2016), os dois terrores que mais cercavam as mulheres, no século XIX, era o momento do parto e, passando esse, a preocupação com a sobrevivência dos rebentos. Em um século que foi castigado por muitas doenças, com mais vestígios que serão abordados no próximo capítulo, não é de se espantar a preocupação dessas mães.

Paulatinamente, com a disseminação dos saberes científicos, o cuidado com os bebês foi sendo aperfeiçoado, e as práticas que dominavam tanto a hora do parto quanto o pós-parto foram sendo substituídas por cuidados prescritos por médicos. Sobre esse momento, assim diz Del Priore (2018a):

> Pouco a pouco os manuais de medicina ensinavam às mães a envolver seus filhinhos em "mantilhas suaves folgadas" em vez de apertá-los em faixas capazes de estropiar os tenros membros. Sugeriam ainda, que substituíssem as pegajosas abluções com óleos por "água e sabão" e que a estopada fosse substituída por "barretinho ou touca de pano branco" [...]. (DEL PRIORE, 2018a, p. 86, grifos da autora).

As sugestões acima foram dadas por um dos mais importantes médicos da Corte portuguesa, Francisco de Melo Franco[6], pioneiro no campo da puericultura. Decerto, inúmeros eram os perigos que vinham dos "cuidados" a que esses bebês estavam expostos, em uma sociedade que carecia de profissionais e de práticas de higiene.

---

[6] Francisco de Melo Franco, nascido em 17 de setembro de 1757 em Minas Gerais, foi médico da Casa Real e tornou-se correspondente da mesma, em Lisboa, na Oficina da Academia Real das Ciências (1790). Formado em Medicina pela Universidade de Coimbra, pioneiro no campo da puericultura e um dos mais importantes médicos na corte portuguesa da sua época, mudou-se para o Brasil em 1817. Morreu perto de Ubatuba, durante uma viagem marítima de Santos para o Rio de Janeiro. Autor de Elementos de Higiene, Lisboa (1814). (ESCOLA, 2021).

Médicos oitocentistas se preocupavam com as altas taxas de mortalidade infantil, o que fazia com que muitos deles se debruçassem sobre a temática para analisar suas possíveis causas, listando entre elas: as comidas fortes, o vestuário impróprio, o aleitamento mercenário e o horror ao banho. Só na segunda metade do século XIX, com os manuais de medicina, o banho foi frequentemente introduzido como forma de fortificar os tecidos da criança, salienta Carolino da Silva Campos (*apud* Del Priore, 2016). Antes disso, os banhos eram raros entre os pequenos e quando ocorriam acabavam tendo algum cunho "mágico".

Sobre o aleitamento materno já se tinha a noção da sua importância desde a América Portuguesa, então não seria diferente no Brasil Império. O que preocupava tanto os viajantes como os médicos eram os hábitos que giravam em torno dessa prática, como alimentos engrossados com farinhas, causadores, segundo Melo Franco, em seu tratado de educação física, de "[...] azedumes, lombrigas, obstrução do mensetério, [...] cólicas contínuas, inchaço no ventre [...]", dentre muitas outras moléstias (FRANCO, 1790 *apud* DEL PRIORE, 2018a, p. 87).

Outro viajante, citado por Del Priore (2018a), é Ernest Ebel, um austríaco que relata sua surpresa ao se deparar com uma mulher escravizada a alimentar crianças brancas "[...] com mingau de tapioca, que elas lhes levavam à boca servindo-se para isso de dois dedos" (DEL PRIORE, 2018a, p. 88). Esses eram hábitos ligados à cultura das mulheres escravizadas e que em nada espantavam as mães, mas que acendiam um alerta para os viajantes estrangeiros na preocupação higiênica da população.

Ao falar em comida entra em cena outra personagem muito importante para a história da infância, especialmente para a infância da família elitizada, que, já no início do século XIX, utilizava muitos desses serviços, refiro-me a ama de leite. Francisco Rodrigues[7], um cirurgião dentista que deu continuação ao trabalho de seu pai, Augusto Rodrigues, se dedicou a formar uma galeria com imagens oitocentistas. A Figura 6, a seguir, é uma fotografia da sua Coleção e representa uma ama de leite com um bebê em seus braços.

[7] Francisco Rodrigues (1904 -1977). Sua coleção se tornou um símbolo da diversidade brasileira, pertencente à Fundação Joaquim Nabuco. Sala Aloísio Magalhães (Recife, PE). Disponível em: https://www.fundaj.gov.br/index.php/area-de-imprensa/4550-colecao-francisco-rodrigues-retrato-da-sociedade-brasileira Acesso em: 27 ago. 2021.

Figura 6– Ama de leite nos trajes típicos de Ama de leite brasileira do século XIX

Fonte: Francisco Rodrigues, [1860]. Reprodução de original da Coleção.

A Figura 6 traz ao debate quem de fato eram as responsáveis por prover a alimentação das crianças recém-nascidas. As amas de leite tiveram um papel crucial para a sobrevivência de muitas crianças da elite em detrimento de suas próprias crianças, que competiam para também serem alimentadas. Durante muito tempo, por questões culturais, foram as amas de leite as responsáveis por esse ato que separava a mãe de seus filhos a pedido das próprias mães. A amamentação era tão negligenciada que o viajante Ferdinand Denis assim relatou em sua viagem:

> Se o recém-nascido pertence a uma classe distinta, raro é que a própria mãe o amamente: este cuidado é incumbido usualmente a uma mulata ou preta. Porém, quaisquer que sejam as circunstâncias que vem a mudar os costumes interiores, cumpre dizer em abono dos brasileiros que a ama não é considerada como escrava, mas sim como fazendo parte da família (FERDINAND DENIS, 1816, p. 213 *apud* LEITE, 2016, p. 44-45).

Os manuais e teses da área médica abominavam essa prática, que se tornou forte a partir do início do século XIX. Eles incentivavam as mulheres a assumirem esse papel, ao invés de designarem outras personagens para um ato que deveria ser vivenciado entre mãe e filho.

Observe-se o que Zeferino Meirelles[8], em sua tese, defendida na faculdade de medicina, já registrava:

> Compare a saúde florescente deste que é alimentado pela própria mãe, como o estado miserável daquele, porque tiveste a imprevidência de tomar a primeira ama que se vos apresentou, sem vos importar se tinha algum vício ou moléstia; então vosso coração ficara pungido da mais cruel dor ao ver que esse inocente, que tão forte nascera, se acha fraco e coberto de enfermidades, tornando-se o espelho em que refletem as moléstias da ama, que com o leite facilmente lhe foram transmitidas; e assim vai, enfim, definhando de dia em dia, e uma morte prematura o virá decepar na aurora da vida. (MEIRELLES, 1847. p. 14).

Meirelles aponta preocupações na escolha de uma ama, muitas vezes designada sem critério algum, podendo estar passando por moléstias e vícios que colocariam a saúde do bebê em risco por conta da vida precária a que muitas delas estavam submetidas. O médico já salientava em seus escritos, a necessidade da própria mãe alimentar seu filho e como este cresceria saudável se essa prática fosse seguida. Além disso, compara as crianças que eram amamentadas por amas de leite àquelas que eram alimentadas pela própria mãe, demonstrando a aparência de mais saudável daquelas que se alimentavam do leite de sua mãe.

Miriam Leite, em "A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem", cita inúmeros viajantes que trataram das condições das crianças no Oitocentos. Um deles, Charles Expilly[9], assim registrou sobre as amas de leite.

> [...] Uma ama-de-leite é alugada por mais que uma engomadeira uma cozinheira ou uma mucama para quê de honra e lucro colocada numa boa casa o senhor durante a gravidez lhe reserva os trabalhos mais leves após o parto a rapariga ver suas camisas destruídas e suas roupas velhas distribuídas aos companheiros enquanto seu guarda-roupa renovado e recebe enxoval novo é roupa grosseira mas bem feita vestidos simples aqui a senhora se os meios lhe permitem colocou 2 ou 3 m de renda comum e um vestido branco com seis babados realização do sonho Dourado constante das jovens negras eis o primeiro benefício da maternidade [...]. (Charles Expilly, 1862 *apud* Leite 2016, p. 45).

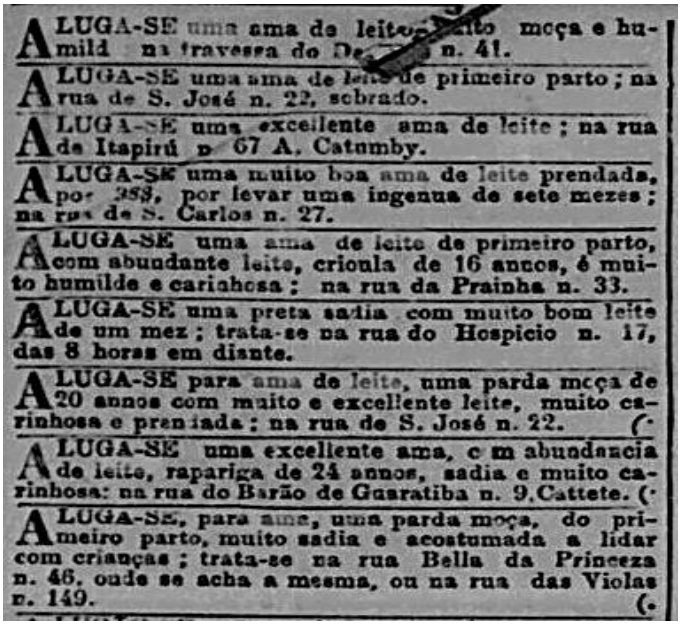
---

[8] Zeferino Justino da Silva Meirelles nasceu em 31 de janeiro de 1858, em Macaé, RJ. Doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1882, defendendo tese intitulada "Diagnósticos e tratamento das nevroses diatésicas". Após sua graduação, foi Delegado da Instrução Pública da Província do Rio de Janeiro no período de 1885 a 1887. Eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1903, apresentou memória intitulada "Das diarreias na primeira infância". Também foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Faleceu em 28 de agosto de 1914, no Rio de Janeiro. (Academia Nacional de Medicina, disponível em: https://www.anm.org.br/zeferino-justino-da-silva-meirelles/ Acesso em: 30/07/2021).

[9] Jean-Charles Marie Expilly (1814 – 1886) era francês e viveu no Brasil em meados do século XIX. Diferente de outros viajantes, veio para enriquecer através do comércio de fósforo no tempo que aqui ficou. Seus escritos, que se tornaram livros, denunciam a corrupção, a crueldade para com os negros, a condição feminina, as injustiças sociais, a arrogância das classes abastadas brasileiras, acusando o sistema escravocrata como culpado por toda essa degradação dos costumes (MELLO, 2017).

A procura pelos serviços da ama de leite era bem alta, já que tanto as famílias como as próprias amas anunciavam nos periódicos seus serviços, fato comprovado com as milhares de ocorrências do termo nas páginas do *Jornal do Commercio* na década de 1880 (Figura 7).

Figura 7– Anúncio do *Jornal do Commercio* de Amas de leite em 1880[10]



ALUGA-SE uma ama de leite muito moça e humild na travessa do De[illegible] n. 41.

ALUGA-SE uma ama de leite de primeiro parto; na rua de S. José n. 22, sobrado.

ALUGA-SE uma excellente ama de leite; na rua de Itapirú n. 67 A. Catumby.

ALUGA-SE uma muito boa ama de leite prendada, por 35$, por levar uma ingenua de sete mezes; na rua de S. Carlos n. 27.

ALUGA-SE uma ama de leite de primeiro parto, com abundante leite, crioula de 16 annos, é muito humilde e carinhosa; na rua da Prainha n. 33.

ALUGA-SE uma preta sadia com muito bom leite de um mez; trata-se na rua do Hospicio n. 17, das 8 horas em diante.

ALUGA-SE para ama de leite, uma parda moça de 20 annos com muito e excellente leite, muito carinhosa e prendada; na rua de S. José n. 22.

ALUGA-SE uma excellente ama, com abundancia de leite, rapariga de 24 annos, sadia e muito carinhosa: na rua do Barão de Guaratiba n. 9, Cattete.

ALUGA-SE, para ama, uma parda moça, do primeiro parto, muito sadia e acostumada a lidar com crianças; trata-se na rua Bella da Princeza n. 46, onde se acha a mesma, ou na rua das Violas n. 149.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 3 de janeiro de 1880, p. 6.

Como mostra o anúncio, a procura por amas de leite ainda era grande no ano de 1880, fazendo com que esse trabalho fosse divulgado junto a vários outros anúncios de mesma ordem, por seus senhores. Muitas delas eram jovens, característica, dentre tantas outras destacadas nos anúncios, para servir de atrativo a fim de que a ama de leite fosse alugada, assim como: moça humilde, ama de primeiro parto, prendada, carinhosa etc.

---

[10] O texto correspondente é: "Aluga-se uma ama de leite muito moça e humild na travessa do (?) n.41.
Aluga-se uma ama de leite de primeiro parto; na rua de S. José n. 22, sobrado.
Aluga-se uma excellente ama de leite; na rua de Itaipu n. 67 A. Catumby.
Aluga-se uma muito boa ama de leite prendada, por 35$, por levar uma ingênua de sete mezes; na rua de S. Carlos n. 27.
Aluga-se uma ama de leite de primeiro parto, com abundante leite, crioula de 16 annos, é muito humilde e carinhosa; na rua da Prainha n. 33.
Aluga-se uma preta sadia com muito bom leite de um mez; trata-se na rua do Hospicio n. 17, das 8 horas em diante.
Aluga-se para ama de leite, uma parda moça de 20 annos com muito e excellente leite, muito carinhosa e prendada; na rua S. José n. 22.
Aluga-se uma excellente ama, com abundancia de leite, rapariga de 25 annos, sadia e muito carinhosa; na rua do Barão de Guaratiba n. 9, Cattete.
Aluga-se, para ama, uma parda moça, do primeiro parto, muito sadia e acostumada a lidar com crianças; trata-se na rua Bella da Princeza n. 46, onde se acha a mesma, ou na rua das Violas n. 149."

2.2 **O nascimento e os natimortos**

Para começar a analisar os dados de nascimentos e natimortos presentes em estudos referentes à Corte brasileira e na província do Rio de Janeiro, é preciso conhecer aquele que publica uma pesquisa importante para a área da medicina, José Pereira Rego, o Barão de Lavradio, em dados biográficos presentes no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). O Barão nasceu em 24 de agosto de 1816 e formou-se pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1838, com o seguinte trabalho: "Dissertação sobre os fenômenos obtidos pelos diversos métodos de exploração do coração, e aplicação dos mesmos fenômenos ao diagnóstico de algumas afecções do mesmo órgão mais frequentes", sendo aprovado com êxito em sua pesquisa de final de curso. Em 1840, foi eleito membro titular da Academia Nacional de Medicina. Atuou como presidente da Junta Central de Higiene, foi diretor de Saúde do Porto e, como médico, lutou contra a epidemia de febre amarela que atingiu o Império. Preocupou-se com os problemas referentes ao saneamento básico, não medindo esforços no combate às frequentes epidemias e moléstias. Através de seu olhar em defesa das crianças fluminenses, consagrou-se também como pediatra.

Com a crescente preocupação em torno das condições de insalubridade que assolavam o Império brasileiro no século XIX, repercutidas na mídia nacional e internacional e já apontadas por Pereira Rego em seus estudos, houve a necessidade de se indicar as possíveis causas desse problema, além de seus efeitos na sociedade.

Concernente a esse cenário, o Barão de Lavradio mostrou os altos índices de mortalidade ocorridos desde o ano de 1870 e, principalmente, no quadriênio de 1873 a 1876, período enfocado em seus estudos, considerando a população da província do Rio de Janeiro, Corte Imperial, composta por 490.087 pessoas livres, em 1872, segundo o Recenseamento do Império (BRASIL, 1872).

Os estudos de Lavradio evidenciam vários dados estatísticos que ajudam na compreensão do decrescimento da população da Corte naquele período. Além da baixa fecundidade que assolava muitos países no século em questão, os dados das mortes de crianças, fossem após o nascimento ou até de natimortos, eram bem preocupantes, pois parte considerável das crianças não chegaria a idade adulta (LAVRADIO, 1878).

Uma das primeiras informações trazidas em sua análise, referente aos dados da população infantil no município do Rio de Janeiro, é reforçada por John Luccock[11] em viagem ao Rio de Janeiro, ao dizer que:

---

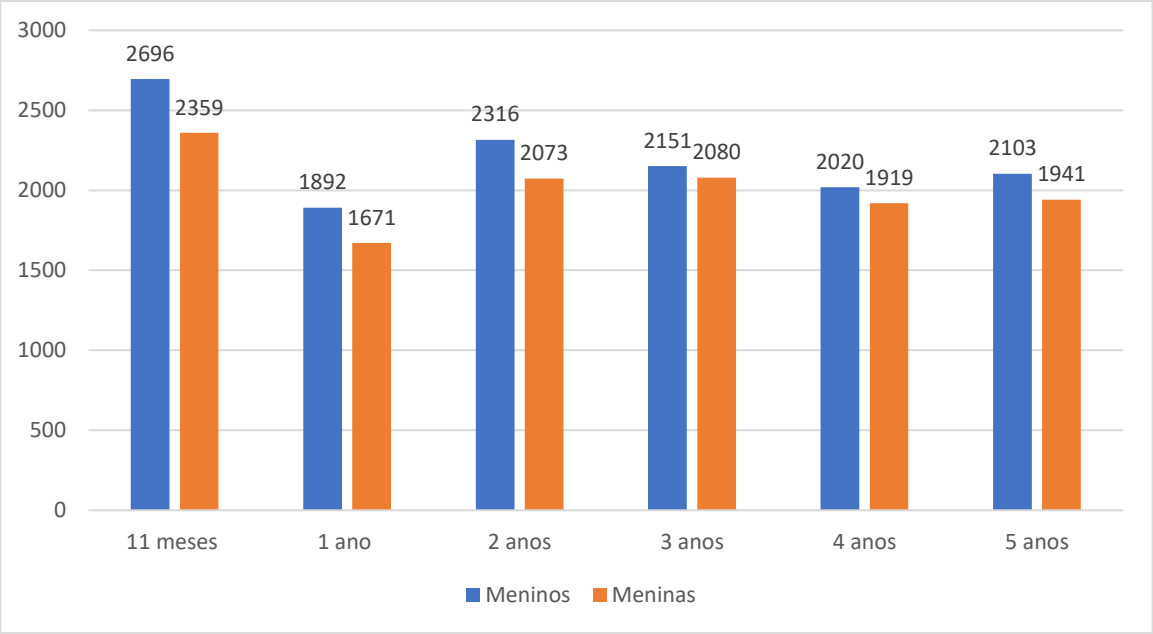
[11] John Luccock foi um representante comercial que esteve no Rio de Janeiro. Chegou em meados de 1808 e permaneceu no Brasil durante dez anos, realizando negócios, procurando enriquecer e observando a terra e a sociedade. Em seu diário, detalhou tudo que viu em sua viagem e depois lançou o livro – *Notas sobre o Rio*

> Mesmo nas cidades grandes [as crianças] morrem muito em tenra idade mas na realidade nascem relativamente poucas crianças no Rio de Janeiro e devido a fraqueza de constituição menos ainda se conservam vivas mesmo nas famílias que se destacam pelos cuidados hábeis e ternos com que tratam suas proles. Muitas se vão por causa da maneira impróprias de tratar de negligência ou indulgência danosa frequentemente mistura de uma com a outra. (LUCCOCK, 1810-1817, p. 28 *apud* LEITE, 2016, p. 44).

Em seus apontamentos, Lavradio sinaliza o expressivo número de meninos, se comparado ao de meninas, nesse período. Nas palavras do autor: "[...] os dados expostos mostram com evidência que é maior o número dos nascimentos no sexo masculino que não no feminino, facto este que é ainda comprovado pela estatística da mortalidade" (LAVRADIO, 1878, p. 25), dado este que já reserva vestígios para o próximo capítulo desta dissertação, que aborda os números da mortalidade.

Alguns gráficos, elaborados com base nos dados do Recenseamento de 1872, ajudam na análise dos dados que são de suma importância para esse tópico: o número de crianças na província do Rio de Janeiro; o número de profissionais das áreas médicas; o número de nascimento; e o número dos natimortos. O Gráfico 1, abaixo, elaborado a partir dos registros de Lavradio (1878), está dividido em faixas etárias, a partir de 11 meses e passando por 1, 2, 3, 4 e 5 anos de idade. Nele, está evidenciado o quantitativo de crianças, entre meninas e meninos, nascidos nacionalmente, considerando a população livre, perfazendo um total de 25.221 crianças nesta faixa etária.

Gráfico 1 – Número de crianças no município do Rio de Janeiro no Oitocentos



Fonte: O autor, 2021.

de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil – no qual comenta, admirado, as mudanças na vida das pessoas que aqui moravam, com o estabelecimento da corte portuguesa. (A CORTE...[20-?]).

Na apresentação dos dados do Gráfico 1, observa-se que a baixa fecundidade e até mesmo a mortalidade infantil fazem com que as colunas variem de idade para idade. Lavradio demonstra também que a mortalidade infantil era mais comum entre as meninas do que entre os meninos e, ao se analisar as primeiras colunas do gráfico, observa-se que em nenhuma faixa etária, de 11 meses a 5 anos, o número de meninas ultrapassa o número de meninos. Isso evidencia um possível decrescimento pensando-se na população futura.

Assim, preocupava a Lavradio o crescente aumento da mortalidade com o passar dos anos. No que se refere aos natimortos, entre os anos de 1868-1871, 2.102 crianças nasceram mortas, sendo 1.225 do sexo masculino e 877 do feminino. O número de natimortos, 2.102 crianças, estava distribuído ainda entre os anos de 1868 e 1871, contabilizando, respectivamente, 281, 391, 428, 500 e 502, em cada ano.

Nesse mesmo período, de 1868 a 1871, o número de crianças mortas entre dias de vida e até 4 anos de idade foi de 9.440 crianças. Observa-se, pois, um aumento na mortalidade, se comparado com o quadriênio anterior, fato que, com o passar do tempo, deveria ocorrer ao contrário e diminuir. Esperava-se que morressem menos crianças após o seu nascimento, pois, a cada ano, a medicina se fortalecia com mais médicos, mas os dados apresentados não eram promissores.

Como não havia um sistema organizado para contabilizar os nascimentos e entendia-se que toda criança ao nascer seria batizada, o levantamento do movimento populacional era feito através dos dados presentes nas igrejas. O número de nascimentos era buscado nas paróquias pertencentes ao Rio de Janeiro, onde estavam registrados os batizados corridos.

Lavradio (1878) trabalha com algumas possibilidades para as mortes que provocaram um decrescimento na população. No Quadro 8, a seguir, apresento esses dados a fim de melhor visualização.

Quadro 8 – Motivos para um decrescimento da população segundo Lavradio - 1878

Possíveis causas	**Possíveis desenvolvimentos**
Casamento entre consanguíneos	Dando origem a causas de esterilidade e de moléstias graves difíceis de curar e até mesmo incuráveis.
Abortos frequentes	Pouca ou quase nenhuma fecundidade de algumas mulheres por conta dos inúmeros abortos.
Tuberculose	Atuando no desaparecimento na segunda e terceira geração da família de algumas pessoas.
Fraqueza congênita	Favorecendo grande contingente de mortalidade nos recém-nascidos.
Convulsões	Grande número de convulsões nos primeiros meses de vida.
Lugares insalubres	Moradias construídas em lugares insalubres ou de baixa higiene, favorecendo a respiração impregnada de elementos deletérios.

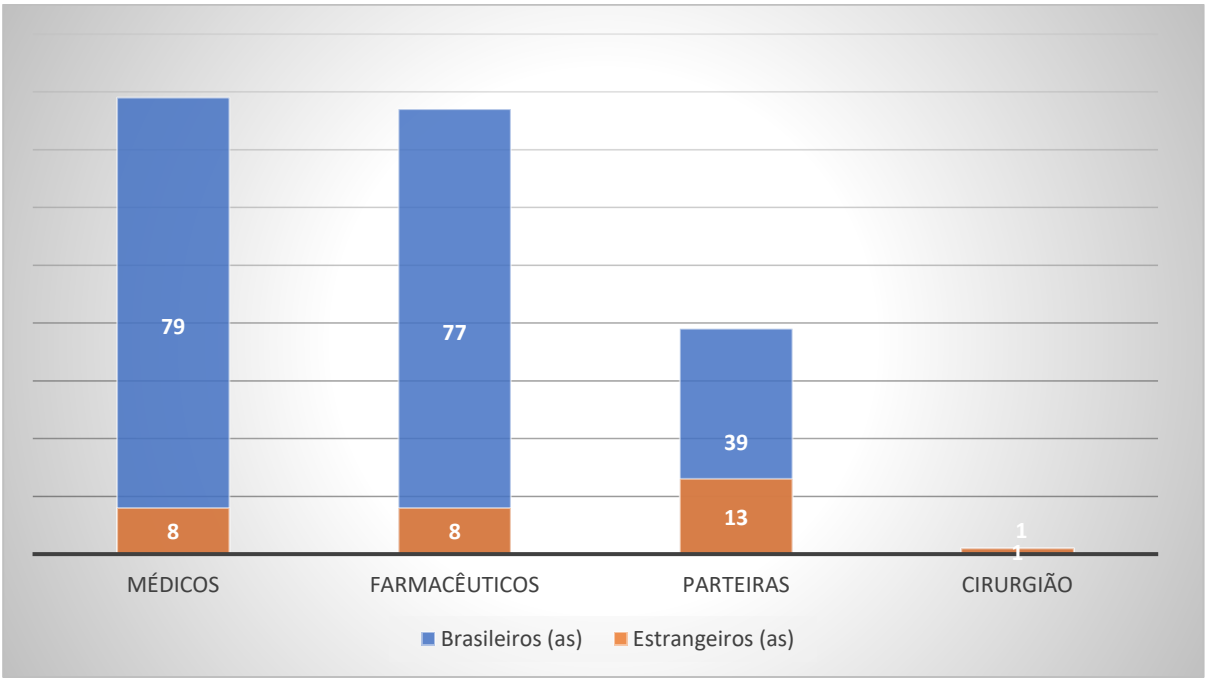
Fonte: O autor, 2021.

O Quadro 8 é dividido em duas colunas, uma referente às “Possíveis causas” do decrescimento e a outra aos “Possíveis desenvolvimentos” que acarretavam essa causa, segundo

os apontamentos de Lavradio (1878). O casamento entre consanguíneos, além de causar uma esterilidade, trazia o risco de o feto ter uma má formação, acarretando doenças incuráveis, segundo o Barão. Abortos frequentes também acarretavam uma baixa fecundidade. A tuberculose levava a contaminação de algumas famílias, até a terceira geração. A fraqueza congênita e as convulsões geravam altos índices de mortalidade nos recém-nascidos. Por fim, lugares insalubres propiciavam a contaminação por inúmeras outras doenças, prejudicando a gestação e o desenvolvimento dos bebês.

O Gráfico 2 traz informações do Recenseamento de 1872 (BRASIL, 1872), que aborda a quantidade de profissionais da área da saúde no Rio de Janeiro Imperial. Esses dados fornecem mais um elemento para se pensar a mortalidade infantil no século XIX. Porém, não se deve considerar qualquer dado como única fonte. Viajantes que passaram pela Corte notificaram em seus relatos uma quantidade maior de profissionais, mais do que a revelada no documento fonte, e esses dados são analisados mais à frente e comparados com os oficiais. Por fim, o que pode ser antecipado dos dados analisados adiante é que a quantidade de profissionais, de fato, era pouca e os índices populacionais na Corte elevados, se a eles comparados.

Gráfico 2 – Profissionais da área da saúde no Recenseamento de 1872 no Rio de Janeiro



Fonte: O autor, 2021.

O Gráfico 2, elaborado a partir dos dados estatísticos do Recenseamento de 1872, revela informações importantes para se compreender como era tratada a saúde na província do Rio de Janeiro. Com uma população de 490.087 pessoas livres e com apenas 87 médicos, tem-se, aproximadamente, 5.600 pessoas para cada médico presente na província. Da mesma forma,

havia 52 parteiras para 234.281 mulheres livres, o equivalente a uma parteira para cada 4.505 mulheres. Outro dado é da ordem dos ocupantes em cada profissão. A medicina se constituía num campo exclusivamente masculino naquele período, enquanto as mulheres ocupavam por completo o lugar de parteiras na Corte. Constatou-se ainda a presença de apenas dois profissionais de cirurgia: um brasileiro e outro estrangeiro. Os dados também mostram que, nesse período, os profissionais nacionais já ultrapassavam em número os estrangeiros, dado que afirma a importância da consolidação do campo das áreas médicas no Brasil Imperial, mesmo com muito ainda a se desenvolver.

O recenseamento apresenta baixo número de parteiras nesse período, tendo em vista o crescente aumento de médicos formados para trabalhar na Corte. Uma muito conhecida no Rio de Janeiro era Madame Durocher. Josephina Matilde Durocher chegou a realizar 5.510 partos em seus 51 anos de clínica, atendendo às gestantes até seus 80 anos de idade. Madame Durocher nasceu em Paris, em 1808, e chegou ao Brasil em 1816. Em 1834, ela se matriculou no curso de partos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. “Angariou conhecimento e prestígio – foi a única parteira a ser convidada a integrar a Academia Imperial de Medicina” (DEL PRIORE, 2016, p. 322).

Poucas eram as parteiras que conseguiam o certificado, tornando-se, talvez, mais difícil de mensurá-las, por conta das exigências. Ao se matricularem no curso, “exigia-se que as alunas fossem alfabetizadas e falassem francês [...] muitas parteiras continuavam a exercer seu ofício sem diploma” (DEL PRIORE, 2016, p. 322).

Como dar à luz no século XIX ainda era algo íntimo às mulheres, havia uma maior aceitação das parteiras, do que dar à luz fora da casa e na presença de um homem. Como não havia maternidades, os partos mais complicados aconteciam na Santa Casa, por exemplo. Ter o filho em casa envolvia “correntes de solidariedade tradicionais, pois, [...] ajudar no parto e atender aos recém-nascidos com primeiros socorros unia as mulheres” (DEL PRIORE, 2016, p.321).

2.3 **A educação e o tempo livre das crianças na casa**

Neste tópico apresento as brincadeiras e a educação das crianças, tendo como pano de fundo a casa oitocentista brasileira, também local da educação formal e de práticas da vivência infantil no século XIX.

Após o nascimento, muitas crianças eram limitadas às casas. As meninas eram as mais privadas. Boa parte da infância delas era voltada para o aprendizado dos afazeres domésticos,

dentre outras coisas que compunham a “boa educação” feminina. Quando começavam a ter os primeiros contatos com a educação formal, iniciavam um período mais disciplinado e regido por preceptores.

Em “A casa e seus mestres”, Vasconcelos (2005) aborda que a partir do século XIX, a educação doméstica deixou de ser apenas uma realidade das elites aristocráticas, tornando-se, também, uma das principais formas de educação das famílias de camadas médias da sociedade da época. Nesse sentido, muitos comerciantes e trabalhadores livres tentavam proporcionar a mesma forma de educação que a elite tinha acesso, aos seus filhos e filhas, contratando preceptores e professores particulares para as casas.

Vasconcelos (2005) mostra em seu estudo que a educação dessas famílias ocorria na esfera privada, diferentemente da educação escolar, que se dava na esfera pública. Nesse ritmo, a casa também se tornava a escola.

Gilberto Freyre (2008) também aborda essa questão em “Vida Social no Brasil”, colocando que a educação doméstica seria “[...] a tarefa de não só educar como instruir meninos e meninas nas casas patriarcais [também] tinha profundo cunho católico” (FREYRE, 2008, p. 93). Já ouviam desde pequenos de seus familiares histórias bíblicas que construiriam o temor à Deus. A muitos meninos cabia, através da obrigação dos pais, ajudar nas igrejas em posição de coroinhas e as meninas, algumas vezes, eram enviadas a um convento religioso. A educação formal caminhava paralelamente à educação católica, que estava presente nas casas, e, ao pensar em engenhos, em sua grande maioria, possuíam capelas “[...] onde os mortos queridos da família eram patriarcalmente enterrados, em vez de serem levados ao cemitério” [velados por] “além dos pais e filhos, de comadres e afilhados, a parentela; e além da parentela, mucamas, pajens, toda a escravaria doméstica” (FREYRE, 2008, p. 94).

Nesse período, segunda metade do século XIX, houve um crescimento sem precedentes na procura por pessoas com formação suficiente para dar os ensinamentos básicos a crianças dentro de suas próprias casas. Em um primeiro momento, as mães, pais, tios ou até mesmo um padre capelão eram os responsáveis por esse processo, mas, com a valorização da “boa” educação feminina e maiores expectativas sobre a masculina, surgiu a necessidade de se contratar outras pessoas para exercerem a função de educar crianças em casa. Assim, amplia-se uma rede relativamente organizada de professores particulares e preceptores que divulgavam seus serviços nos mais diferentes periódicos da época. Seguem abaixo (Figura 8) dois desses anúncios muito comuns no *Jornal do Commercio*, um com a designação professora e outro como preceptora.

Figura 8 – Anúncio do *Jornal do Commercio* de Professoras para atuar nas casas/fazenda em 1880[12]

PROFESSORA

Precisa-se de uma que esteja habilitada a ensina; o portuguez, francez, geographia, arithmettica e piano, para uma fazenda, proxima a estrada de ferror para tratar, na rua de D. Luiza n. 15.

BOTAFOGO

Comprão-se moveis e paga-se bem, dinheiro á vista; na rua de S. Clemente n, 16.

PROFESSORA

Uma senhora franceza, dá lições de piano, canto e francez, por 20$ mensaes; para informações, na rua Sete de Setembro n. 47, 1º andar.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 24 jan. 1880, p. 6.

Na Figura 8, é possível identificar dois anúncios de professoras, um partindo de uma família, pedindo os serviços para uma fazenda, a fim de lecionar o português, francês, geografia, aritmética e piano. O outro é de uma professora divulgando seus serviços de aulas de francês, piano e canto, deixando também o valor cobrado pelas aulas mensais. Esse dado deixa evidente a baixa remuneração dessas profissionais que atuavam de casa em casa e de fazenda em fazenda.

Além disso, tive o cuidado de preservar o anúncio que aparece em meio aos citados para mostrar a localização das ofertas de professoras no *Jornal do Commercio.* Como se observa não havia distinção de anúncios, podendo se encontrar venda de escravizados, produtos milagrosos e, neste caso, compra de móveis usados, juntamente com o oferecimento de professores.

Vasconcelos (2005) descreve a diferenciação entre os profissionais que no século XIX atuavam nas casas educando as crianças da elite brasileira. No anúncio anterior, Figura 8, tem-se o termo professora para a ocupação desejada, enquanto no anúncio que será mostrado mais a frente, Figura 9, do mesmo ano, trata-se de uma preceptora. Assim, é preciso diferenciar essas ocupações, a fim de se entender qual o papel de cada uma na educação doméstica oitocentista.

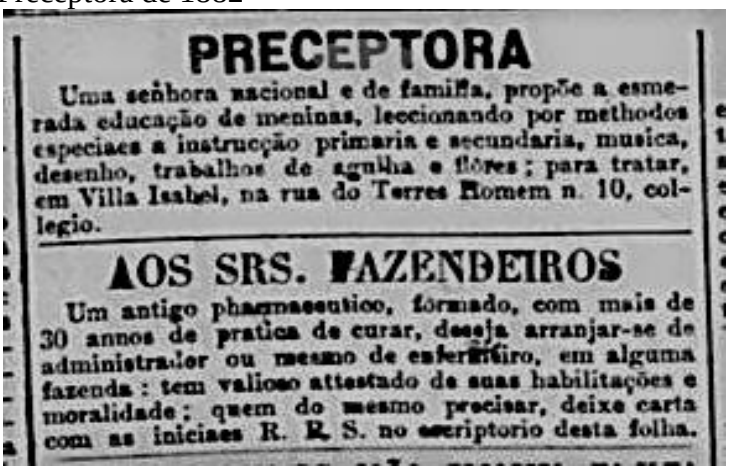
> Professores particulares – também chamados de mestres particulares ou mestres que davam lições "por casas", eram mestres específicos de primeiras letras, gramática, línguas, música, piano, artes e outros conhecimentos, que visitavam as casas ou fazendas sistematicamente, ministrando aulas a alunos membros da família, ou agregados, individualmente. Não habitavam nas casas, mas compareciam, para ministrar as aulas, em dias e horários pré-estabelecidos. Eram pagos pela família pelos cursos que ministravam. (VASCONCELOS, 2005, p. 12).

[12] O texto correspondente é: "Professora. Precisa-se de uma que esteja habilitada a ensina; o portuguez, francez, geografia, arithmettica, e piano para uma fazenda, proxima a estrada de ferror para tratar, na rua D. Luiza n. 15. Botafogo. Compra-se móveis e paga-se bem, dinheiro á vista; na rua de S. Clemente n, 16. Professora. Uma senhora franceza, dá lições de piano, canto de francez por 20$ mansaes; para informações, na rua Sete de Setembro n. 47, 1º andar".

O anúncio da Figura 8 é um exemplo de oferecimento do trabalho de professoras particulares, escolhidas para disciplinas específicas e que atuavam em várias casas, atendendo inúmeras crianças em sua jornada. Seus serviços eram mais baratos em comparação ao de preceptoras, que, "[...] além de receberem um valor maior anual, podiam residir na casa de seus alunos, reduzindo as suas despesas" (VASCONCELOS, 2007, p. 31).

Na figura 9, tem-se um exemplo de anúncio de uma preceptora de 1882, que divulga seus serviços e a forma como iria executá-los para que as famílias ficassem interessadas em contratá-la para educar suas crianças.

Figura 9 – Anúncio do *Jornal do Commercio* de Preceptora de 1882[13]



PRECEPTORA

Uma senhora nacional e de familia, propõe a esmerada educação de meninas, leccionando por methodos especiaes a instrucção primaria e secundaria, musica, desenho, trabalhos de agulha e flôres; para tratar, em Villa Isabel, na rua do Torres Homem n. 10, collegio.

AOS SRS. FAZENDEIROS

Um antigo pharmaceutico, formado, com mais de 30 annos de pratica de curar, deseja arranjar-se de administrador ou mesmo de enfermeiro, em alguma fazenda: tem valioso attestado de suas habilitações e moralidade; quem do mesmo precisar, deixe carta com as iniciaes R. R. S. no escriptorio desta folha.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 18 maio 1882.

As famílias contratavam preceptores que "[...] eram mestres ou mestras que moravam na residência da família, às vezes, estrangeiros contratados para a educação das crianças e jovens da casa (filhos, sobrinhos, irmãos menores)" (VASCONCELOS, 2005, p.12). Muitas vezes, eram famílias cuja mãe já não estava viva, ou famílias que moravam em locais de difícil acesso, como fazendas distantes da Corte, sendo mais viável alguém residir no mesmo lugar, podendo ter um melhor acompanhamento da rotina daquelas crianças. Nas décadas de 1870 e 1880 vai haver uma grande procura por preceptoras, especialmente vindas da Europa, para atuar nas casas dessas famílias, a fim de que as crianças pudessem ser educadas por mulheres que tinham uma formação estrangeira e fossem capazes de dar os ensinamentos específicos que eram direcionados às meninas.

[13] O texto correspondente é: "Preceptora. Uma senhora nacional e de família, propõe a esmerada educação de meninas, leccionando por methodos especiaes a instrucção primeira e secundaria, musica, desenho, trabalhos de agulha e flores; para tratar em Villa Isabel, na rua do Torres Homem n. 10, colégio. Aos Srs. Fazendeiros. Um antigo pharmaceutico, formado, com mais de 30 annos de pratica de curar, deseja arranjar-se de administrador ou mesmo de enfermeiro, em alguma fazenda: tem valioso atestado de suas habilitações e moralidade; quem do mesmo precisar, deixe carta com as iniciais R. R. S. no escriptorio desta folha."

> Para as meninas, havia conhecimentos específicos a serem aprendidos como bordar, coser, marcar, cortar, dançar, trabalhos de agulha, caia a ouro, prata, matriz e escama de peixe, tricot, filot, flores, obras de fantasia, recortar estofos, veludos e outros trabalhos manuais, que eram oferecidos para serem ministrados por professores particulares e preceptores [...] (VASCONCELOS, 2005, p. 76).

Além dos conhecimentos específicos descritos acima, segundo Vasconcelos (2005) também era oferecido um currículo composto por diferentes matérias, conforme a escolha dos pais:

> Ensino da escrita, leitura e contas -, ensinamentos de português e francês prioritariamente, seguidos de latim, inglês, alemão, italiano, espanhol, caligrafia, literatura, composição, religião, música, piano, solfejo, canto, rabeca, gramática portuguesa, latina, francesa e inglesa, lógica, matemática, geometria, aritmética, álgebra, contabilidade, escrituração mercantil, física, botânica, história universal, história do Brasil, geografia, desenho, pintura e aquarela (VASCONCELOS, 2005, p.76).

Para as famílias que não possuíam condições de contratar professoras particulares ou preceptoras, restavam as aulas-domésticas, como eram chamadas, "[...] ministradas no espaço da própria casa por membros da família, mãe, pai, tios, avós, ou até mesmo pelo padre capelão, que não tinham custo algum e atendiam apenas às crianças daquela família ou parentela" (VASCONCELOS, 2005, p.12-13).

Ao atingir certa idade, os meninos tinham a opção de estudar em outro ambiente, mas as meninas nem sempre tinham essa possibilidade. As famílias não consideravam as escolas como a melhor opção para as meninas, sendo a educação doméstica ou a ida para um internato religioso, muitas vezes, a única escolha para elas. "Aos oito ou nove anos, era a menina de família patriarcal mais opulenta enviada para um internato religioso, onde ficava até aos treze ou quatorze. Aí sua educação, começada em casa, continuava." (FREYRE, 2008, p. 95, grifos meus).

Mauad (2018) corrobora esse debate sobre a diferença entre a educação das meninas e dos meninos e de como essa lógica trazia muitos estigmas para o feminino. Ela afirma ainda que, desde muito cedo, já era determinado o futuro das crianças.

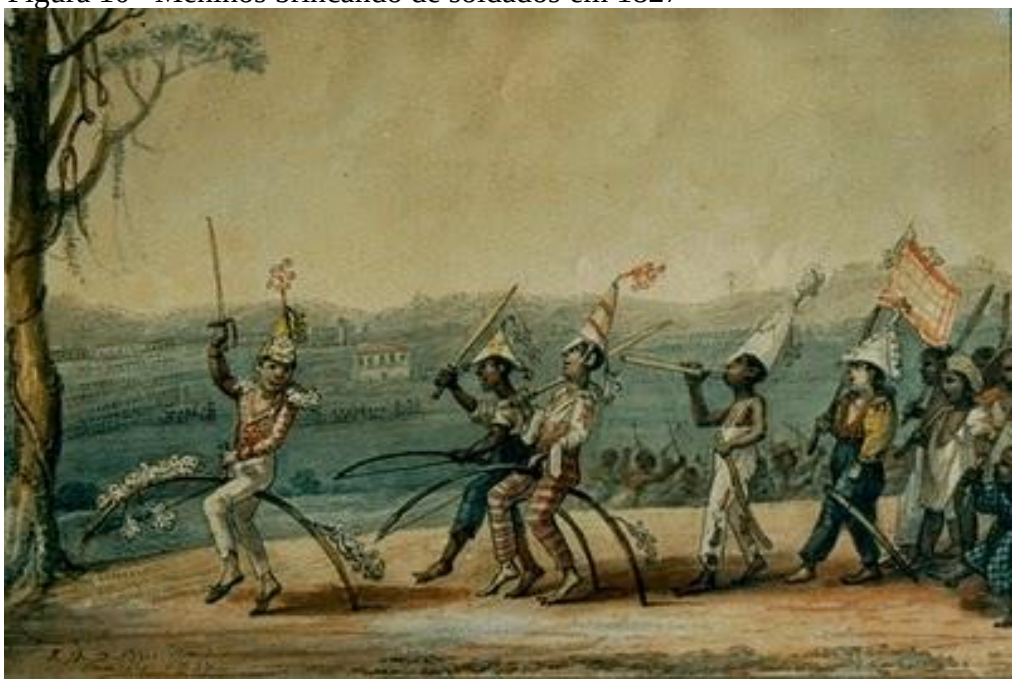
> Onde residiria a diferença nas duas formas de educar? Basicamente na valorização dos atributos manuais e intelectuais, sendo os primeiros concernentes ao universo feminino e o segundo ao masculino, mas também no tempo de duração da instrução. Os meninos de elite iam para a escola aos sete anos e só terminavam sua instrução, dentro ou fora do Brasil, com um diploma de doutor, geralmente de advogado. (MAUAD, 2018, p. 152).

A formação das meninas sofreu algumas mudanças durante o século XIX, mas, manteve a valorização das habilidades manuais já descritas anteriormente, como a aprendizagem do piano, da linguagem e das habilidades de cortar e de tricotar, durante todo o tempo.

Além de palco da educação formal das crianças da elite, a casa também era o lugar do brincar. Como a rua abrigava muitos perigos, era na casa que muitas crianças ficavam confinadas. Logo, havia uma disputa entre o tempo da educação e o tempo do brincar.

Escrever sobre brincadeiras nesse período não é uma tarefa fácil. Assim como a história da infância, que é escrita por adultos, tudo o que se tem do brincar é pouco, se pensado sob o ponto de vista de uma criança desse período. Com a ajuda da iconografia é possível buscar mais evidências de como isso se dava. A Figura 10, por exemplo, trata de uma reprodução da Aquarela de Jean-Baptiste Debret que representa crianças brincando de soldados. Na imagem, crianças brancas brincam com crianças negras, uma situação que era comum, já que essas crianças cresciam juntas dentro das casas, ainda que em posições e ocupando espaços distintos.

Figura 10– Meninos brincando de soldados em 1827



Fonte: Debret, 1827.

Del Priore (2016) recorda o fato de Maria Graham[14], em um de seus escritos, relatar que as crianças brasileiras não eram proibidas de fazerem o que queriam. Em um dos seus apontamentos, reparou que elas corriam e se agitavam durante um baile de adultos, fato que

[14] Maria Graham (1785 - 1842) foi pintora, desenhista, escritora, historiadora. Em 1821, a caminho do Chile, no navio comandado por seu marido, o capitão da Marinha Real Inglesa Thomas Graham, passou por Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Após a morte do marido, em 1822, residiu alguns meses no Rio de Janeiro, onde permaneceu. Em 1823, tornou-se preceptora da princesa dona Maria da Glória (1819-1853), filha do imperador dom Pedro I (1798-1834). No ano seguinte, realizou um panorama da cidade do Rio de Janeiro e publicou um diário com suas impressões sobre o Brasil, intitulado *Journal of a Voyage to Brazil and Residence there During Years 1821, 1822, 1823*. (MARIA..., 2019).

não seria possível de acontecer na Inglaterra, onde todas as crianças estariam em suas camas aos cuidados das governantas e das amas.

As crianças brasileiras participavam frequentemente do mundo dos adultos, estranhando esse fato aos viajantes que as consideravam “piores do que mosquitos, praga tropical das mais desesperadoras”, como o descreveu Luccock (*apud* LEITE, 2016, p. 28-29). Em complemento, Del Priore diz que ao invés dos pais colocarem as crianças para dormir preferiam a sua companhia mesmo que fosse para fazer da sala de jantar “território de caça”, como relata um viajante, ao lembrar que as crianças brincavam livremente pelos cômodos da casa.

Para finalizar sua visão das crianças brasileiras, Luccock (*apud* LEITE, 2016, p. 28-29) conclui que “crianças no sentido inglês, não existem no Brasil...”, mostrando o quão a educação da infância brasileira na casa oitocentista diferia dos padrões europeus e se aproximava do cenário em que ocorria, em meio a moradias extensas, com uma parentela ampliada, além dos escravizados, guardadas pelas amas de leite que, normalmente, eram bastante permissivas para com as crianças que ajudavam a criar.

3 INFÂNCIA AMEAÇADA: A MORTALIDADE INFANTIL

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrela divina
Que ao firmamento voou! [...]
Não chorem! lembro-me ainda
Como a criança era linda
No frescor da facezinha!
Com seus lábios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Álvarez de Azevedo, 1853

Na abertura deste capítulo apresento um trecho do poema *Anjinho,* de Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1853), que retrata o foco deste trabalho, a morte de crianças no Oitocentos. Na composição, o autor tenta, a cada estrofe, confortar aqueles que estão tristes pela perda de um "anjinho", palavra esta que em uma de suas acepções recebe o significado, em seu sentido figurado, de "criancinha morta" (BORBA, 2011).

Álvarez de Azevedo traduz o imaginário daqueles familiares ao verem a criança já sem vida: "Era um anjinho do céu/ Que um outro anjinho chamou!". Na medida em que a mortalidade infantil acometia um grande número de crianças, a ideia de elas estarem apenas dormindo confortava seus familiares, ideia essa também lembrada pelo poeta: "Não chorem! que não morreu!". Difícil era se desvincular dos detalhes que a criança deixava, com sua face fresca, lábios azulados e seus olhos ainda vidrados.

A mortalidade infantil e suas estatísticas são neste capítulo abordadas reforçando, mais uma vez, os dados trazidos tanto pelo Barão de Lavradio (1878), quanto pelo recenseamento imperial (BRASIL, 1872), e elucidados com a ajuda de gráficos e quadros elaborados para a melhor visualização das informações. Para apresentação dos perigos que assolavam a infância, pautei-me nos periódicos, assim como em outras fontes bibliográficas que demonstram muitos perigos físicos e até imaginários. Por fim, trabalhando a partir de uma ótica da infância

ameaçada, discorro sobre as superstições e rezas que, em parte, contribuíram para alguns riscos a essas crianças e, ao mesmo tempo, preservaram a "imagem" desses anjinhos.

Muitos eram os perigos que ameaçavam a infância. Ameaça, como aborda Philippe Ariès (1981) na "História Social da Criança e da Família", principalmente, de não completarem os primeiros anos de vida. É o que Vailati (2010) chama de "morte menina", uma morte tão repentina, que contrariava o que se esperava, isto é, uma vida traçada e objetivada na espera da criança "vir a ser" aquilo que os adultos almejavam; uma morte que acabou sucumbindo tudo aquilo que se imaginava para aquele pequeno ser.

O diálogo com os estudos de Vailati (2010, 2020) e seu conceito de "morte menina" ajudam a examinar, nas próximas etapas desta pesquisa, os obstáculos que cercavam a infância, em especial na Corte, como também a entender as homenagens feitas pelos pais, na medida do que podiam, diante do momento de grande ameaça da perda dos inocentes. Além disso, também se demonstra como, de certa forma, a igreja teve um papel fundamental na aceitação dessas mortes.

Del Priore (2016) também auxilia na identificação de alguns dos perigos da infância oitocentista, em seus textos "Ritmos da vida: nascer, casar e morrer" e o "O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o império" (DEL PRIORE, 2018a). A historiadora descreve superstições que cercavam esses perigos e revela o cotidiano oitocentista, que pode ser relacionado com aquele apresentado por Gilberto Freyre (2006) em "Casa-Grande e Senzala" e "Vida social no Brasil" (FREYRE, 2008), permitindo reconstruir parte do que era habitual no imaginário relativo às crianças no século XIX. Dessa forma, ambos os autores ajudam na construção do enredo sobre a criança ameaçada no Brasil Oitocentista.

Além dos autores citados, a visão dos viajantes, evidente na bibliografia usada como referência, descreve suas espantosas expressões de como viam as atitudes da população brasileira na forma de cuidar das crianças. Neste capítulo, em especial, também são feitas análises acerca dos problemas sociais que acarretavam o aumento da mortalidade infantil, incluindo a má assistência por parte dos familiares, em muitos casos.

Os periódicos *Jornal do Commercio* e *A mãi de família,* com publicações acerca dos acidentes e dos perigos que colocavam a infância em risco, também estão presentes neste capítulo, ajudando no entrelaçamento dos dados apresentados pelas fontes documentais. Suas matérias alertam os leitores sobre acidentes, trazem agradecimentos médicos e convites de sepultamento, bem como conteúdos relacionados com crianças e os perigos a que estavam submetidas.

As fontes revelam ainda que o alto índice de mortalidade infantil era justificado pelas moléstias infantis, pelas epidemias e pela falta de saneamento das cidades, mesmo na Corte. Contudo, para além da mortalidade, as crianças passavam por inúmeros perigos, comprovados pelos periódicos da época, como espancamentos por suas mães, ataques de animais, acidentes domésticos que levavam a queimaduras, desabamentos e até acidentes com arma de fogo.

Ao apresentar a finalidade de seus estudos acerca da temática, o Barão de Lavradio afirma: "[...] nosso fim é apenas occuparmo-nos especialmente da mortalidade das crianças em virtude da influencia que pode ella exercer na diminuição ou pequeno augmento na população nacional" (LAVRADIO, 1878, p. 6). Com base nesse registro, proponho, para além de um estudo sobre o decrescimento da população no século XIX, entender o curto tempo que essa infância foi vivida e acometida por intempéries desde seu nascimento.

3.1 **A mortalidade infantil e as suas estatísticas**

Muitos são os dados a serem analisados acerca da mortalidade infantil na segunda metade do século XIX. No Rio de Janeiro, os apontamentos feitos por Lavradio (1878) são essenciais para análise dessa temática, não apenas no que se refere à mortalidade infantil. O Barão já deixava evidente que a epidemia de febre amarela havia ceifado 9.256 vidas somente no quadriênio após o Recenciamento encomendado pelo Império e publicado em 1872 (BRASIL, 1872).

Vale lembrar que o Rio de Janeiro foi acometido pela primeira vez com a epidemia de febre amarela nos anos de 1849 e 1850. Nesse período, mais de 90 mil pessoas haviam se infectado com a doença, o que contabilizou mais de 4 mil mortes em uma população de 266 mil habitantes. 4.325 vidas já haviam sido levadas por outras febres, entre elas a de varíola que ceifou 2.835 vidas, sem distinguir idade e sexo. Se os dados já eram altos e preocupantes no que se refere a população em geral, pode-se mensurar o efeito dessas epidemias e doenças em crianças.

O Barão de Lavradio aponta a importância das estatísticas para se conhecer a dimensão e alcance do problema.

> Se assim é, tornam-se intuitivas as vantagens que se podem tirar das estatisticas no estudo das questões do dominio daquella de que tratamos, e que si não constituem ellas a base mais segura na resolução dos problemas sociologicos, são uma das mais importantes e que não póde jámais ser desprezada (LAVRADIO, 1878, p. VI).

Assim, a abordagem desses dados estatísticos se mostra fundamental para o debate da infância ameaçada, evidenciando os números que preocupavam àquela época.

Em sua passagem pelo Brasil, a partir de 17 de junho de 1888, a princesa Teresa da Baviera[15], que usava o pseudônimo Condessa Elpen, com o intuito de não ser reconhecida em suas expedições pelo país, detalhou suas experiências com a natureza e com a população brasileira. Dentre seus relatos, destaca-se sua passagem pelo Rio de Janeiro, em 16 de setembro onde, em seu diário, ela especificou uma visita ao hospital geral:

> Antes que deixássemos o hospital nos comunicaram que somente hoje um acometido de febre amarela fora levado para lá. Após a constatação de seu mal tinham-no então levado, como tal sempre costuma acontecer, para outro lado da baía, ao hospital de febre amarela. A febre amarela tronou-se endêmica no Rio, depois que ali havia assolado epidemicamente alguns anos seguidos a partir de 1850. Naquela ocasião, no primeiro ano de sua aparição, adoeceram não menos que 120.000 pessoas, das quais morreram no mínimo 4.000. Em média calcula-se um óbito de febre amarela por ano por 350 habitantes. (BAVIERA, 2014, p. 407-408).

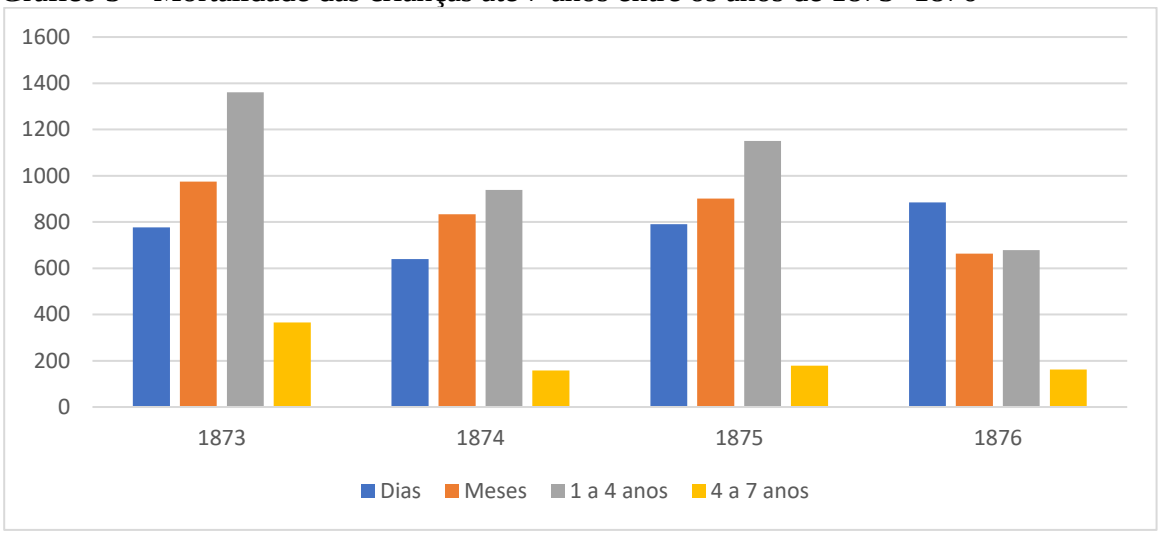
O relato da princesa Teresa da Baviera (2014) pode ser comprovado pelos estudos do Barão de Lavradio (1878) e vice-versa, ao ressaltar o número de vítimas que a epidemia de febre amarela causou em anos seguidos, após 1850, auge da epidemia. Durante o tempo em que esteve presente no Rio de Janeiro, Teresa notou que a febre amarela era uma endemia no Brasil e, embora já estivesse com proporções menores e mais controladas, ainda causava preocupação e a necessidade de se manter um hospital que fosse referência no trato da doença para a transferência dos pacientes. Portanto, não poderia se dizer que no final dos anos de 1880, no Rio de Janeiro, sede do Império, já teria se erradicado a doença, mas tão somente havia se conseguido conviver com ela em menores proporções.

No Gráfico 3, a seguir, elaborado a partir de tabelas produzidas pelo Barão de Lavradio em seus apontamentos (LAVRADIO, 1878, p. 65), é possível constatar a mortalidade das crianças até 7 anos, nas 11 freguesias urbanas do Rio de Janeiro, no quadriênio de 1873 a 1876. Os dados representados revelam que a mortalidade na faixa etária de dias de vida teve uma diminuição, comparando-se o ano de 1873 com o ano de 1874. Mas, nos anos seguintes, os dados saltaram mais uma vez.

---

[15] Princesa Teresa da Baviera, nascida no ano de 1850 em Munique, seu pai, Leopoldo, Príncipe Regente da Baviera era primo da Imperatriz Dona Amélia. Era conhecida como a princesa cientista. Visitou o Brasil em uma viagem exploratória ficando pouco tempo, mas deixando minuciosamente escritos que seriam fundamentais para os estudos das ciências tanto naturais quanto humanas. Chegou a visitar 13 províncias em um espaço de, aproximadamente, 4 meses, relatando cada passo em seu diário. Seus escritos ajudaram nas áreas da etnologia, geografia, geologia, paleontologia, zoologia e botânica. Em 1892, recebeu o título honoris causa, como a primeira mulher na Academia Bávara de Ciências. Escreveu inúmeros artigos científicos e se dedicou a continuar trabalhos de outros pesquisadores que eram consideradom ainda “inacabados”. Faleceu em 19 de dezembro de 1925, em Lindau, também na Alemanha. Entre os livros que foram publicados destaco “Viagem ao Espírito Santo 1888” e “Viagem pelos trópicos brasileiros”.

Gráfico 3 – Mortalidade das crianças até 7 anos entre os anos de 1873 -1876



Fonte: O autor, 2021.

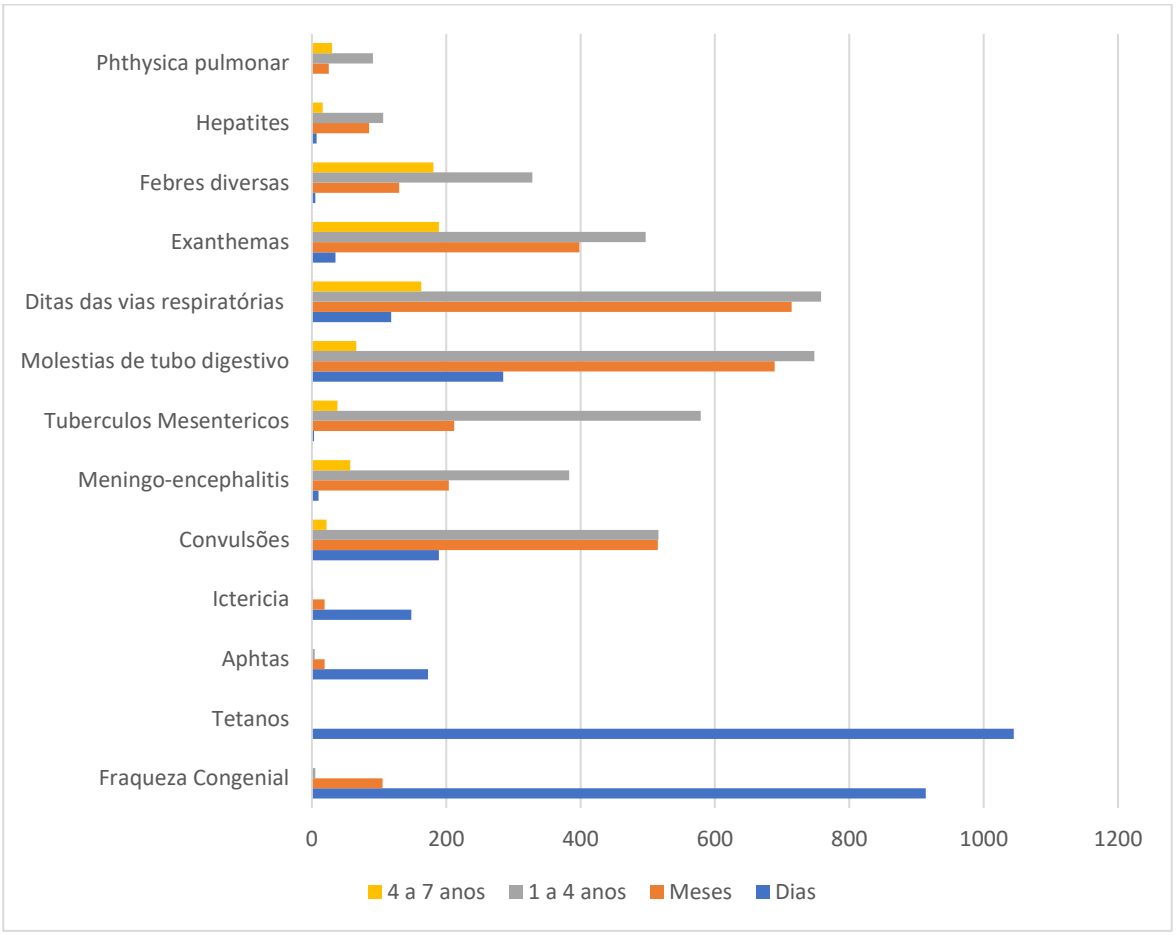
As crianças com pouco tempo de vida ficavam mais expostas a doenças e nem sempre recebiam os cuidados adequados. Na faixa etária de meses, já houve uma queda da mortalidade nos anos de 1874 e 1876, se comparado com os anos anteriores a essas datas. As crianças entre 1 e 4 anos de idade eram as mais acometidas com a mortalidade, tendo aumento nos anos de 1873 e 1875. Entretanto, fechou-se o ano de 1876 com menos da metade do número de óbitos, se comparado com o quantitativo do primeiro ano. Na faixa etária de 4 a 7 anos de idade, os dados mostram que os números de mortalidade foram bem inferiores nos primeiros anos de vida, e nos anos que sucederam o de 1873, conseguiu-se manter a taxa abaixo dos 200 óbitos registrados.

Lavradio (1878) relata a dificuldade que foi organizar os dados expostos em seu livro, pelas lacunas que encontrava e a dificuldade que tinha em obter informações acerca do assunto, havendo muita subnotificação dos casos de mortalidade. Contudo, as evidências são claras de que essa era a grande preocupação por parte da ala médica, relativa a um dos principais problemas que assolavam a capital do Império.

> Difficil é sem duvida apresentar um trabalho desta ordem que satisfaça as exigencias reclamadas á resolução de tão importante problema, por melhor boa vontade e mais esforços empregados cm sua confecção, principalmente quando faltam as fontes mais seguras de suas bases, como succede entre nós. Apezar, porém, da plena convicção das difficuldades de um tal emprehendimento, não esmorecemos no nosso intento, pelo valor que nos inspirava a certeza da relevação das faltas e lacunas que commettessemos, attenta a difficuldade e grandeza do assumpto. (LAVRADIO, 1878, p. 65).

Para entender melhor os dados do Gráfico 3, segue, no Gráfico 4, o detalhamento das informações apresentadas, com os nomes das moléstias que maior número de crianças ceifou, nesse mesmo período, conforme os apontamentos de Lavradio (1878, p. 65).

Gráfico 4 – Moléstias que causavam mais óbitos nas crianças até sete anos de idade nos anos de 1873 a 1876



Fonte: O autor, 2020.

Como é perceptível, a faixa etária dos dias de vida é uma das que mais aparece nas diferentes moléstias apresentadas nos apontamentos de Lavradio (1878), estando presente em todas com exceção da "phthysica pulmonar"[16]. Essa mesma faixa etária fecha o quadriênio de 1873 a 1876 somando 2.939 mortes pelas diversas moléstias. A faixa etária com maior número de vítimas foi a de 1 a 4 anos de idade, somando um total de 4.017 vidas levadas pelas doenças, com destaque para aquelas "ditas das vias respiratórias" e "moléstias de tubo digestivo", que tiveram mais de 740 vítimas cada uma. Com a menor mortalidade, como visto no primeiro gráfico deste capítulo (Gráfico 3), estão as crianças de quatro a sete anos de idade, somando 764 vítimas que foram acometidas com "febres diversas" e "exanthemas"[17], com mais de 180 crianças em cada doença. A faixa etária de meses foi a segunda com o maior número de vítimas, com 3.025 crianças acometidas de doenças, destacando-se as "moléstias de tudo digestivo" e "ditas das vias respiratórias", que somam 689 e 714, respectivamente.

16 Nome atribuído à tuberculose na época.
17 Conhecido como cutâneo e caracterizado por manchas vermelhas na pele, que podem ser de vários tipos, podendo ter origens diversas.

3.2 **Perigos que assolavam a infância**

Os perigos que assolavam a infância eram variados e os jornais selecionados como fontes para esta pesquisa trazem informações importantes para se entender quais eram esses perigos. Em suas edições, o *Jornal do Commercio* e o jornal *A Mãi de Familia* abordavam acontecimentos que envolviam as crianças e que as expunham a perigos que, por muitas vezes, ocasionavam morte.

O *Jornal do Commercio* apresentava uma variedade de acontecimentos relativos a esse tema publicados em suas edições, como, por exemplo, desde acidentes dos mais distintos, até agradecimentos à médicos, em especial, por curar algum ente querido de uma moléstia. Estavam presentes ainda nas edições, convites para missas em homenagem a diferentes pessoas, inclusive crianças, sujeitos de pesquisa deste estudo. Na coluna de subtítulo *Factos diversos*, pode-se encontrar inúmeras notícias que envolviam crianças, como esta: "Foi recolhida ao xadrez ante hontem, Maria Rosa da Conceição, por estar espancando barbaramente, em público, uma filha menor de 2 annos de idade." (JORNAL DO COMMERCIO, 1880, p.1).

A temática "espancamento" era muito comum nessa coluna, com acontecimentos envolvendo crianças e seus pais. Outro tema comum era a violência sexual, como a relatada neste trecho:

> O italiano Salvador Zecca, morador na Travessa das Partilhas n. 42, apresentou-se ante hontem na 10ª estação policial queixando-se de que seu compatriota Vicente Luca havia tentado violentar a sua filha menor de 8 annos de idade. Lucas foi preso e recolhido à casa de detenção e os médicos da policia forão incumbidos de examinar a menor. (JORNAL DO COMMERCIO, 1889, p. 1).

De fácil compreensão, por conta das referências, essas notícias eram veiculadas, muitas vezes, na primeira página do periódico, que era bastante visitada pelos leitores, além de estabelecer uma ligação direta dos acontecimentos com a sociedade. Além disso, muitas notícias eram enviadas pelos próprios leitores, a fim de serem veiculadas.

Em uma publicação do início do ano de 1879, no mês de janeiro, tem-se um levantamento do número de doentes atendidos no consultório pertencente ao Dr. Marcellino Pinto Ribeiro Duarte[18], vinculado ao Imperial Instituto Médico Fluminense[19], que atendia na

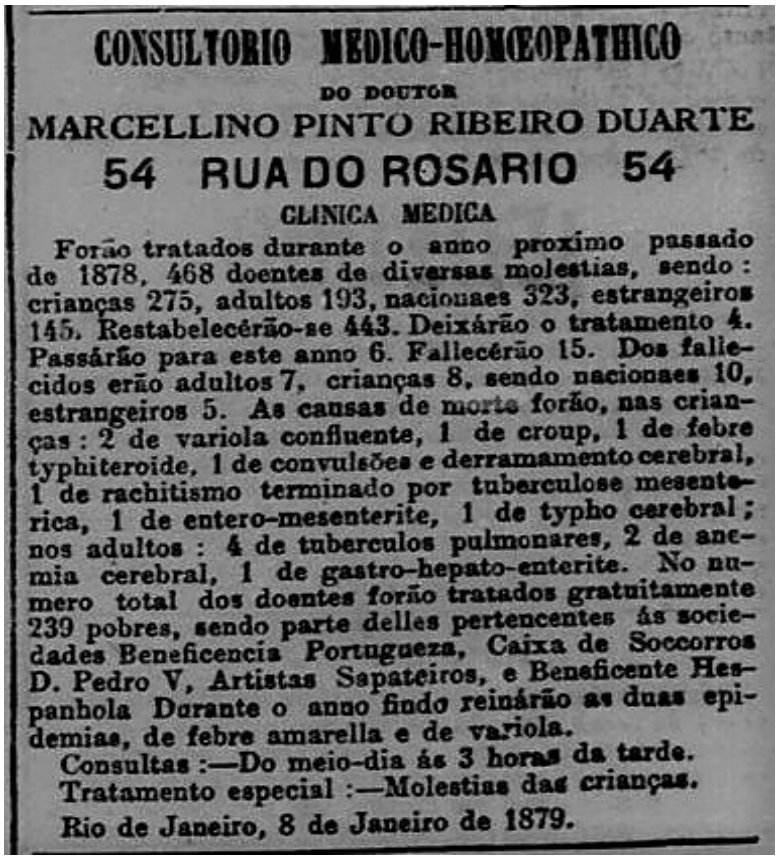
---

[18] Marcellino Pinto Ribeiro Duarte (nascimento e morte desconhecidos) compôs a junta médica que reunia 23 profissionais relacionados para participarem da Comissão Sanitária, todos faziam parte do quadro científico do Imperial Instituto Médico Fluminense. Marcellino era responsável pelo 3º Distrito (desde os extremos da rua do Imperador até a rua da Conceição) junto com os médicos José do Nascimento Garcia de Mendonça, João Militão da Fonseca e Manuel da Silveira Rodrigues. (FIOCRUZ, 2003).

[19] O Imperial Instituto Médico Fluminense foi inaugurado no dia 9 de maio de 1867. Foi criado com o intuito de debater as questões médicas e de atender à população e auxiliar os poderes públicos no que tangia à saúde pública, especialmente em relação às epidemias. Seguia, basicamente, os mesmos moldes da então Academia

Rua do Rosário nº 54 no Rio de Janeiro. Nesta publicação, veiculada no *Jornal do Commercio* (Figura 11), é possível verificar as moléstias enumeradas pelo médico e o número de crianças por elas acometidas no ano anterior. O médico faz um balanço dos seus atendimentos no último ano e expõe dados de diversas moléstias que acometiam tanto brasileiros como estrangeiros, apresentando também indícios das doenças que mais atacavam tantos os adultos como as crianças. Ele destaca a varíola confluente, crupe[20], febre tifoide, convulsões e derramamento cerebral, além de outras doenças que acercavam a infância. O médico Marcellino Pinto Ribeiro Duarte se apresentava como especialista, sobretudo, das moléstias infantis. Seus dados, junto com os apontamentos do Barão de Lavradio, permitem entender as doenças que acometiam as crianças.

Figura 11– Divulgação do levantamento de atendimentos do médico Marcellino Pinto Ribeiro Duarte



CONSULTORIO MEDICO-HOMŒOPATHICO

DO DOUTOR

MARCELLINO PINTO RIBEIRO DUARTE

54 RUA DO ROSARIO 54

CLINICA MEDICA

Forão tratados durante o anno proximo passado de 1878, 468 doentes de diversas molestias, sendo: crianças 275, adultos 193, nacionaes 323, estrangeiros 145. Restabelecérão-se 443. Deixárão o tratamento 4. Passárão para este anno 6. Fallecérão 15. Dos fallecidos erão adultos 7, crianças 8, sendo nacionaes 10, estrangeiros 5. As causas de morte forão, nas crianças: 2 de variola confluente, 1 de croup, 1 de febre typhiteroide, 1 de convulsões e derramamento cerebral, 1 de rachitismo terminado por tuberculose mesenterica, 1 de entero-mesenterite, 1 de typho cerebral; nos adultos: 4 de tuberculos pulmonares, 2 de anemia cerebral, 1 de gastro-hepato-enterite. No numero total dos doentes forão tratados gratuitamente 239 pobres, sendo parte delles pertencentes ás sociedades Beneficencia Portugueza, Caixa de Soccorros D. Pedro V, Artistas Sapateiros, e Beneficente Hespanhola Durante o anno findo reinárão as duas epidemias, de febre amarella e de variola.

Consultas:—Do meio-dia ás 3 horas da tarde.

Tratamento especial:—Molestias das crianças.

Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1879.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 12 de janeiro de 1879, p. 5.

Em suas páginas diárias, o *Jornal do Commercio* divulgava também os óbitos do dia, assim como as suas causas. Esses dados foram observados na pesquisa quando faziam menção

Imperial de Medicina. O Imperial Instituto Médico Fluminense funcionou regularmente, na cidade de Niterói, até 1870. (FIOCRUZ, 2003).

[20] Crupe: infecção das vias aéreas superiores que bloqueia a respiração e causa tosse forte.

às doenças citadas pelos apontamentos do Barão de Lavradio (1878), assim como nos relatos de viajantes e do médico Marcellino Pinto Ribeiro.

Para além dos perigos que envolviam moléstias, as crianças também estavam expostas a acontecimentos rotineiros de risco de morte causados pelos adultos. Os periódicos mostram alguns desses casos cotidianos, em que muitos envolvidos eram presos e punidos por tais atos.

Nos quadros a seguir (Quadros 9 e 10), reúno os trechos que foram veiculados no *Jornal do Commercio* e que estão relacionados diretamente aos perigos que assolavam a infância ou que, muitas vezes, colocavam em risco as crianças. Na busca, feita na Hemeroteca da BN, utilizei as palavras-chave: "filha menor" e "filho menor". Após uma filtragem para selecionar aqueles que relatavam perigos para esse grupo da população nos anos de 1879 a 1889 cheguei aos resultados apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 – Perigos coletados no *Jornal do Commercio* com a palavra-chave "filha menor" (1879-1889)

Perigos	**Ocorrências encontradas**
Mordidas de cão	5
Rapto e sumiço	5
Espancamento e agressão	10
Acidente	2
Estupro	2

Fonte: O autor, 2021.

O Quadro 9 reúne dados dos perigos que acometiam as meninas no período de 1879 a 1889 relatados no *Jornal do Commercio*. Reuni os dados em cinco grupos, nomeando-os de: Mordidas de cão; Rapto e sumiço; Espancamento e agressão; Acidente; e Estupro. Muitos perigos eram denominados da mesma forma no jornal, como por exemplo, o espancamento e a agressão, os quais eram os mais relatados nesse veículo, muitas vezes sendo publicados em uma coluna que se chamava *Gazetilha*. Outros perigos recorrentes ligados às meninas eram as mordidas de cachorros, além do rapto e de sumiços. Também eram relevantes os casos de abuso sexual, destacando-se um caso em que a mãe da vítima também fora abusada pela mesma pessoa. Por último, duas ocorrências envolviam acidentes, uma causada por uma carroça e a outra por uma queda acidental, ambas com poucos ferimentos.

No Quadro 10, apresento os dados coletados a partir da palavra-chave "filho menor", que aparece em maior número de ocorrências no mesmo periódico. Esse resultado possibilita a interpretação de que era mais comum o registro de acontecimentos que envolviam os meninos, por estarem circulando mais, consequentemente, se expondo a mais perigos. Observei também a possibilidade de não se divulgar dados de atos criminosos referentes às meninas, como eram divulgados sobre os meninos.

Quadro 10 – Perigos coletados do *Jornal do Commercio* com a palavra-chave “filho menor” (1879-1889)

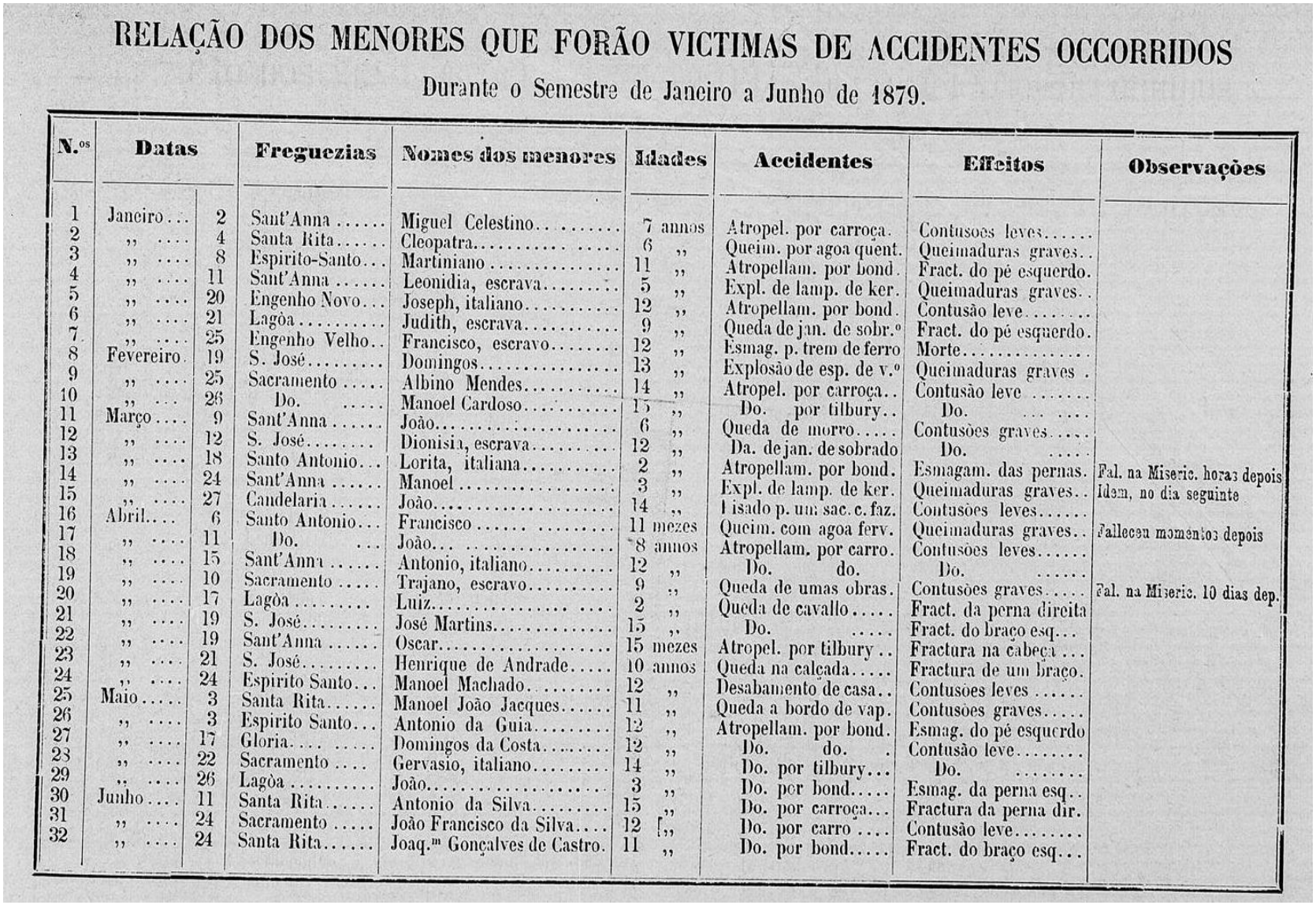
Perigos	**Ocorrências encontradas**
Mordidas de cão	14
Rapto e sumiço	1
Espancamento e agressão	21
Acidente	2
Envenenamento	1
Arma de fogo	2

Fonte: O autor, 2021.

O Quadro 10 foi dividido em seis grupos de perigos: Mordidas de cão; Rapto e sumiço; Espancamento e agressão; Acidente; Envenenamento; e Arma de fogo. Diferentemente do Quadro relacionado às meninas (Quadro 9), traz para a listagem a arma de fogo e o envenenamento e não apresenta dados acerca de estupros e abusos para este público. Em espancamento e agressão há 21 ocorrências, destacando-se dois espancamentos. Um deles praticado pela mãe de um menino, tratada pelo jornal com a expressão “Que mãi”, que, ao espancar seu filho na rua, foi levada por um guarda urbano. O outro caso recebeu o título “Sem commentarios", referindo-se a um espancamento por parte de um professor da escola pública, que agrediu um aluno de sete anos. Outra ocorrência que acontecia com frequência e muito mais relativa a meninos, segundo a fonte do periódico, era a mordida de cachorros, deixando um total de 14 vítimas registradas.

A Figura 12, abaixo, apresenta um recorte de um dos exemplares do jornal *A Mãi de Familia*, do ano de 1879, trazendo uma tabela com a relação de crianças que foram vítimas de acidentes ocorridos durante o semestre de janeiro a junho do mesmo ano.

Figura 12 – Relação dos menores que foram vítimas em acidentes, segundo A Mãi de Familia, em 1879



RELAÇÃO DOS MENORES QUE FORÃO VICTIMAS DE ACCIDENTES OCCORRIDOS

Durante o Semestre de Janeiro a Junho de 1879.

N.os	Datas		Freguezias	Nomes dos menores	Idades	Accidentes	Effeitos	Observações
1	Janeiro...	2	Sant'Anna.....	Miguel Celestino.....	7 annos	Atropel. por carroça.	Contusões leves.....	
2	,, ...	4	Santa Rita.....	Cleopatra.....	6 ,,	Queim. por agoa quent.	Queimaduras graves..	
3	,, ...	8	Espirito-Santo...	Martiniano.....	11 ,,	Atropellam. por bond.	Fract. do pé esquerdo.	
4	,, ...	11	Sant'Anna.....	Leonidia, escrava.....	5 ,,	Expl. de lamp. de ker.	Queimaduras graves..	
5	,, ...	20	Engenho Novo...	Joseph, italiano.....	12 ,,	Atropellam. por bond.	Contusão leve.....	
6	,, ...	21	Lagôa.....	Judith, escrava.....	9 ,,	Queda de jan. de sobr.o	Fract. do pé esquerdo.	
7	,, ...	25	Engenho Velho..	Francisco, escravo.....	12 ,,	Esmag. p. trem de ferro	Morte.....	
8	Fevereiro.	19	S. José.....	Domingos.....	13 ,,	Explosão de esp. de v.o	Queimaduras graves .	
9	,, ...	25	Sacramento.....	Albino Mendes.....	14 ,,	Atropel. por carroça..	Contusão leve	
10	,, ...	26	Do.	Manoel Cardoso.....	15 ,,	Do. por tilbury..	Do.	
11	Março....	9	Sant'Anna.....	João.....	6 ,,	Queda de morro.....	Contusões graves.....	
12	,, ...	12	S. José.....	Dionisia, escrava.....	12 ,,	Da. de jan. de sobrado	Do.	
13	,, ...	18	Santo Antonio...	Lorita, italiana.....	2 ,,	Atropellam. por bond.	Esmagam. das pernas.	Fal. na Miseric. horas depois
14	,, ...	24	Sant'Anna.....	Manoel.....	3 ,,	Expl. de lamp. de ker.	Queimaduras graves..	Idem, no dia seguinte
15	,, ...	27	Candelaria.....	João.....	14 ,,	Fisado p. um sac. c. faz.	Contusões leves.....	
16	Abril....	6	Santo Antonio...	Francisco.....	11 mezes	Queim. com agoa ferv.	Queimaduras graves..	Falleceu momentos depois
17	,, ...	11	Do. ...	João.....	8 annos	Atropellam. por carro.	Contusões leves.....	
18	,, ...	15	Sant'Anna.....	Antonio, italiano.....	12 ,,	Do. do.	Do.	
19	,, ...	10	Sacramento.....	Trajano, escravo.....	9 ,,	Queda de umas obras.	Contusões graves.....	Fal. na Miseric. 10 dias dep.
20	,, ...	17	Lagôa.....	Luiz.....	2 ,,	Queda de cavallo.....	Fract. da perna direita	
21	,, ...	19	S. José.....	José Martins.....	15 ,,	Do.	Fract. do braço esq...	
22	,, ...	19	Sant'Anna.....	Oscar.....	15 mezes	Atropel. por tilbury..	Fractura na cabeça...	
23	,, ...	21	S. José.....	Henrique de Andrade.....	10 annos	Queda na calçada.....	Fractura de um braço.	
24	,, ...	24	Espirito Santo...	Manoel Machado.....	12 ,,	Desabamento de casa..	Contusões leves	
25	Maio.....	3	Santa Rita.....	Manoel João Jacques.....	11 ,,	Queda a bordo de vap.	Contusões graves.....	
26	,, ...	3	Espirito Santo...	Antonio da Guia.....	12 ,,	Atropellam. por bond.	Esmag. do pé esquerdo	
27	,, ...	17	Gloria.....	Domingos da Costa.....	12 ,,	Do. do.	Contusão leve.....	
28	,, ...	22	Sacramento....	Gervasio, italiano.....	14 ,,	Do. por tilbury...	Do.	
29	,, ...	26	Lagôa.....	João.....	3 ,,	Do. por bond.....	Esmag. da perna esq..	
30	Junho....	11	Santa Rita.....	Antonio da Silva.....	15 ,,	Do. por carroça...	Fractura da perna dir.	
31	,, ...	24	Sacramento.....	João Francisco da Silva....	12 ,,	Do. por carro	Contusão leve.....	
32	,, ...	24	Santa Rita.....	Joaq.m Gonçalves de Castro.	11 ,,	Do. por bond.....	Fract. do braço esq...	

Fonte: *A Mãi de Familia*, 1879, p. 7.

A Figura 12 acima apresenta 32 ocorrências de acidentes, datados, identificando as freguesias da província onde eles ocorreram. Outros dados que constam são a idade de cada menor, a descrição do acidente, os efeitos causados e observações, em alguns casos. Os acidentes aconteceram no primeiro semestre de 1879 com crianças que variavam de 11 meses a 15 anos de idade, dentre elas crianças escravizadas, livres e estrangeiras. Destaco, entre os registros, os acidentes por atropelamento que, de 16 de janeiro a junho do ano de 1879, seja por bonde, carroça ou carro, eram os mais comuns. De um total de 32 acidentes, a metade é referente a atropelamentos, evidenciando o quanto a rua era perigosa para as crianças. Desses 16 acidentes, um foi reportado como fatal e, conforme descrito nas observações ao lado, em quase metade houve esmagamentos de membros e fraturas, deixando a criança em estado grave. Os outros tiveram apenas contusões leves.

O periódico *A mãi de familia* atuou, portanto, como um espaço para que médicos pudessem compartilhar saberes com as mães e indicar cuidados que deveriam ser tomados para preservar a saúde das crianças. Em uma publicação, o médico Carlos Costa advertia:

> Estamos em tempos das festas! Esta palavra que causa delirio às crianças que cogitam, sonham com os brinquedos, com as teteás que lhes hão de dar, é a causa de verdadeiras torturas para as algibeiras paternas. [...] A chimica nos revela que productos extremamente venenosos são utilizados na confecção d'esses objectos que as crianças tão ardentemente desejam possuir. (COSTA apud A mãi de familia, 1879, p. 4).

O médico chamava atenção dos pais para o perigo que eram os brinquedos com pinturas que, com o desgaste, somado à condição das crianças de colocarem tudo na boca, tornavam-se venenosos a tal ponto de levar os pequenos à morte. Salientava ainda que muitos higienistas na Europa orientavam a produção de brinquedos sem cores, para que não oferecessem riscos às crianças e que os brinquedos sem cores estavam, também, sendo enviados para o Brasil. Assim, o médico dava conselhos de cuidados com a infância e divulgava a existência de brinquedos estrangeiros melhores do que os fabricados nacionalmente, que possivelmente usavam tinta de chumbo, extremamente tóxica.

Os trechos analisados trazem algumas informações a respeito da temática dos perigos que as crianças passavam no século XIX. A seguir, apresento um Quadro com o resumo da seleção feita com a busca da palavra-chave "morte" na hemeroteca digital da BN que me levou ao periódico *A mãi de família*, após uma revisão dos resultados obtidos. O Quadro 11, elaborado a partir da coleta de dados no jornal *A mãi de familia,* tem a finalidade de trazer à pesquisa as preocupações do redator do periódico com os riscos da mortalidade infantil por maus cuidados, acidentes e pelo contágio de moléstias perigosas.

Quadro 11 – Dados coletados do jornal A mãi de familia indicando os perigos da infância envolvendo a morte das crianças (1879-1889)

Perigo	Descrição
Ingestão de partes decorativas de brinquedos e outros objetos	Tintas que podem ser venenosas e pequenos pedaços dos brinquedos que podem ser digeridos e causar a morte da criança.
Queimaduras através da manipulação de foguetes	Não acompanhar as crianças na hora de ascender um foguete, deixando-as livremente brincando com pólvora, ocasionando queimaduras e, em muitos casos, a morte dessas.
Alimentação não adequada para crianças	Dando a elas qualquer tipo de comida, inclusive guloseimas açucaradas, que desenvolvem inúmeras moléstias e até mesmo prisão de ventre, podendo levar à morte.
Não agasalhar as crianças com roupas adequadas	Gerando bronquites e desenvolvendo pneumonias, produzindo facilmente a morte.
Não utilização do leite materno ou de leite de vaca	Designar uma ama de leite desprende graves doenças para os bebês, podendo se manifestar tuberculose e raquitismo e no pior dos casos, a morte.
O tabaco um veneno para as crianças	Meninos de quatro e cinco anos sendo encontrados com pequenos cigarros na boca, sem que um adulto intervenha.
Coqueluche	Por desinformação, muitas mães acabam não se preocupando em tratar a moléstia devidamente e a criança pode vir a óbito pelas suas complicações, caso não siga corretamente o que o médico receita.
Cadeira furada na hora do parto	Pode-se mostrar perigoso e levar à morte a parturiente. Quanto à criança, é recomendado usar uma cama com o próprio colchão.
A utilização de querosene na iluminação	Muito utilizado no interior e em muitas casas da capital, o líquido inflamável explode facilmente o lampião, podendo causar queimaduras e a morte.
Tirar o sono da criança	Deixar uma criança pequena sem dormir por 24 horas a leva a óbito, portanto há necessidade de a criança dormir em um local sem luz viva e ruídos.
Pouca higienização da pele	Os poros acumulam sujeiras que não deixam a pele respirar, ocasionando males que levam a óbito.
Mudança rápida na temperatura corporal	Por conta do grande frio, deve haver a preocupação em não banhar a criança em água muito quente para que a variação de temperatura não cause a morte súbita.

Fonte: O autor, 2021.

Muitas doenças, acidentes e negligências foram expostas por esse periódico e seu redator, com a ajuda de outros médicos que contribuíam em muitas matérias. Eles advertiam às mães os cuidados que deveriam ter no período gestacional, na educação das crianças e com o seu crescimento. Assim como o *Jornal do Commercio, A mãi de família* também alertou para a ocorrência de acidentes e maus tratos que acometiam as crianças no século XIX, sendo que o periódico editado pelo Dr. Carlos Costa possuía uma intervenção médica com grande aporte para a discussão da temática.

3.3 **Superstições e rezas**

Concernente às superstições e rezas pode-se dividi-las em dois grandes momentos, o primeiro que compreende o nascimento e a preservação da vida do recém-nascido; e o segundo, o momento da morte. No primeiro capítulo, já evidenciei algumas das superstições que acompanhavam as mulheres na hora do parto; saberes passados pelas próprias parteiras e por

outras mães mais experientes, tendo em vista que, normalmente, as mulheres tinham a companhia de alguém que já havia passado por essa situação e tendiam a repetir os seus passos.

Desde muito tempo, como uma espécie de crença coletiva até o século XIX, homens e mulheres acreditavam que as doenças que os acometiam eram castigos divinos. Essa ideia se manteve, trazendo a crença de que "Deus afligiria os corpos com mazelas, na expectativa de que seus filhos se redimissem dos pecados" (DEL PRIORE, 2018b, p.78). Essa era a "pedagogia do medo", difundida pela igreja para que as pessoas, cada vez mais, seguissem os preceitos católicos. Para a ciência, era a forma de preencher as lacunas dos conhecimentos ainda não desvendados.

Eram muitas as superstições que dominavam o cotidiano das mulheres na hora do parto, destacando-se outras que também dominavam o imaginário das mães antes da gravidez e já com as crianças em seus braços. Uma grande preocupação com as crianças era o assédio de bruxas. Como aponta Del Priore (2018a, p. 90): "Protegê-los graças a defumadouros na casa e na cama e ao uso de arruda entre lençóis era obrigatório. Os aposentos deveriam ser regados com cozimento de verbena [...]."

O medo de perdê-las e de seus corpos serem utilizados em feitiços fazia as mães recorrerem a inúmeros cuidados. Além disso, os médicos ainda sustentaram essas superstições, durante muito tempo, recomendando desde pendurar cabeça e língua de cobra na cama da criança e até que espalhassem o sangue pela casa (DEL PRIORE, 2018a).

> Logo após o parto os parentes se apossam do recém-nascido e se revezam perto dele, dia e noite, até o dia do batismo, a fim de preservá-lo, dizem, das bruxas ou feiticeiras que se transformam em mariposas ou morcegos e, fazem-se invisíveis, sugam o sangue da criança pagã. A esses guardas cabe também renovar os ramos de arruda colocados nos cantos do berço e conservar religiosamente os talismãs e amuletos logo suspensos ao pescoço da criança (DEBRET, 1816, I, p.193 *apud* LEITE, 2016, p. 44).

Por serem frágeis, as mães tinham muito cuidado com os pequenos e tentavam a todo custo observar se eles estavam agindo de forma diferente. Caso essas crianças apresentassem sintomas incomuns, já associavam a feitiços e logo recorriam aos modos habituais da época para resolver o problema, fato que acarretava uma demora à procura médica. Os sintomas eram associados a doenças, mas a causa era determinada sob a ótica do sobrenatural, que dominava o imaginário das mães aflitas, diante da possibilidade de perderem seus filhos e filhas.

A igreja confortava o coração dessas mães que, através da fé, buscavam alguma forma de cura para as moléstias, que acreditavam ser ocasionadas por mau-olhado e bruxarias. Assim, as crianças eram colocadas "[...] frente a imagens da Virgem, levados em peregrinação a oratórios, presentes a procissões ou recebendo bençãos em dias de festa religiosa, os pequeninos

recuperavam a saúde e reproduziam um universo mental e cultural de pietismo religioso" (DEL PRIORE, 2018a, p. 92), com a finalidade de sanar todo o mal que se abatesse sobre elas.

As doenças infantis mais comuns na época eram o mal dos sete dias (que hoje especialistas consideram ser um tétano neonatal, causado por mal manuseio do cordão umbilical do recém-nascido), a sarna, a impingem, o sarampo, as bexigas e até mesmo lombrigas. Destaca-se uma oração muito utilizada, que era declamada junto a unção com óleos santos, para curar a erisipela, outra doença que comumente atacava as crianças:

> Pedro e Paulo foi a Roma
> Jesus Cristo encontrou
> Este lhe perguntou:
> Então, que há por lá?
> Senhor, erisipela má.
> Benze-a com azeite e logo sarará.
> (FREYRE, 2006, p. 522).

Além das rezas para enfermidades, ainda se tinha preocupações com ladrões, intrusos e até mesmo com o mal tempo. "Pelas janelas e portas da casa grudavam-se papéis com orações para proteger a família de ladrões, assassinos, raios, tempestades" (FREYRE, 2006, p. 522). Brancos e escravizados se juntavam, quando trovejava muito forte, em santuários, para "cantar o bendito, rezar o Magnificat, a oração de São Brás, de São Jeronimo e de Santa Bárbara" (FREYRE, 2006, p. 521). Todas essas superstições rodeavam a casa oitocentista e acabavam por educar as crianças de uma forma que também temessem todas as forças da natureza que eram traduzidas em forma de acontecimentos, muitas vezes, sobrenaturais.

As marcas do Brasil colônia ainda eram muito visíveis no século XIX, entre elas a estreita relação entre a magia e a medicina, uma complementando a outra na mentalidade das pessoas. Onde a medicina não dava conta de curar, a magia entrava em cena e vice-versa. Nesse sentido, o corpo da mulher era visto de forma diferente pelos homens da igreja e pelos médicos, chegando estes primeiros a dizer que corpo era "[...] palco nebuloso no qual digladiavam Deus e o Diabo" (DEL PRIORE, 2018b, p. 85).

A medicina, muitas vezes, adotava os mesmos termos utilizados para o corpo masculino ao se referir às mulheres, mostrando o quanto as mulheres eram deixadas de lado na construção do saber médico. Isso fazia com que muitas recorressem a outros saberes quando não se sentiam contempladas.

> Desprovidas dos recursos da medicina para combater as doenças cotidianas, as mulheres recorriam a curas informais, perpetrando, assim uma subversão: em vez dos médicos eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais resgatavam a saúde. A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com as quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as

> cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira. (DEL PRIORE, 2018b, p. 88-89).

Os saberes culturais desses diferentes grupos étnicos sustentavam a utilização de amuletos, plantas, talismãs, dentre outras formas de cura, com o intuito de sanar problemas que nem sempre a medicina conseguia de imediato, ou nem mesmo se tinha acesso ainda a cura dessas doenças. Mas, não se pode deixar de dizer que essas superstições tiveram um papel significativo, posteriormente, para a construção dos saberes científicos, embora alguns causem estranheza como, por exemplo, os gestos usados a fim de curar problemas do "baixo ventre" para se manter uma gravidez, que consistiam na curandeira tomar banha de porco, esfregá-la em folhas de couve e, em seguida, colocar uma folha no estômago e outra nos rins da paciente dizendo:

> Assim como as águas do mar
> Saem do mar
> E tornam para o mar
> Assim o ventre d'esta criatura
> Tome ao seu lugar.
> (VASCONCELLOS, [1900 ou 1901], p. 289 *apud* DEL PRIORE, 2018b, p. 89).

Outro recurso muito utilizado no século XIX para obtenção de cura, era recorrer aos boticários, denominação dos farmacêuticos, cujo nome se originou das boticas, estabelecimentos onde se preparavam e/ou se vendiam medicamentos. Os boticários preparavam os remédios, muitas vezes, na frente do paciente, ou os despachavam em frascos já elaborados em seu estabelecimento. Sua prática era legal, mas misturavam ciência com superstições, fazendo com que muitos médicos se posicionassem contrários a esses profissionais, que chegavam a receitar muitas poções feitas da mistura de produtos com efeitos terapêuticos e outros simplesmente psicológicos. Como não havia uma formação específica para se tornar um boticário, seus saberes eram passados de modo familiar, fazendo com que as poções fossem testadas por gerações, nem sempre convencendo os médicos.

Del Priore (2016) detalha que, além das benzedeiras e aparadeiras[21], os boticários também começaram a ser perseguidos por médicos, tamanha eram as crendices que envolviam essas profissões no imaginário das mulheres grávidas, fazendo com que recorressem às boticas para encontrar remédios e poções para doenças reais e imaginárias. Já as benzedeiras ou curandeiras se apresentavam com o papel de "[...] retirar o doente do mundo profano, graças ao emprego de palavras, prescrições e objetos simbólicos" (DEL PRIORE, 2018b, p. 95-96), atuando no cotidiano das mulheres e sendo muito requisitadas para trabalhos com enfermidades, sobretudo, aquelas que acometiam as crianças.

[21] Termo que se refere à mulher que exerce a profissão de parteira sem diplomação.

4 INFÂNCIA PERPETUADA: REGISTRO DA MORTE DE ANJOS

Recepções de cerimônia que dá a morte:
o morto, vestido para um ato inaugural;
e ambiguamente: com a roupa do orador
e a da estátua que se vai inaugurar.
No caixão, meio caixão meio pedestal,
o morto mais se inaugura do que morre;
e duplamente: ora sua própria estátua,
ora seu próprio vivo, em dia de posse.

Piqueniques infantis que dá a morte:
os enterros de criança no Nordeste:
reservados a menores de treze anos,
impróprios a adultos (nem o seguem).
Festa meio excursão meio piquenique,
ao ar livre, boa para dia sem classe;
nela, as crianças brincam de boneca,
e, aliás, com uma boneca de verdade.

João Cabral de Melo Neto, 2008

João Cabral de Melo Neto foi um poeta brasileiro, cujas obras vão desde uma tendência surrealista até a poesia popular, relatando constantemente os problemas sociais e tecendo, muitas vezes, duras críticas reflexivas. Seus textos trazem elementos relevantes para este capítulo, como aqueles que abordam os ritos de exéquias, o cemitério, o defunto, o velório e o funeral.

O trecho do poema que abre este capítulo é uma preciosa fonte literária que conta com detalhes como era o rito da morte, também no século XIX. Para além das tristezas que esse momento trazia, muitas cerimônias envolviam o momento fúnebre, desde arrumar o morto, enfeitar o caixão, recepcionar os participantes da despedida, dentre outras circunstâncias que se faziam presentes no rito de passagem. Nesse contexto, perpetuar a imagem do morto, da melhor forma, era o objetivo central de toda a cerimônia.

Nos capítulos anteriores apresentei os altos índices de mortalidade infantil e suas causas, principalmente na Corte Imperial, entre elas, problemas relacionados à baixa quantidade de profissionais ligados à área da saúde para atuar no momento do parto, como médicos, cirurgiões e parteiras, assim como as doenças que assolavam a população, em especial às crianças, são destaque para a mortalidade que ocorria nesse período.

Diante desses acontecimentos que atingiam todas as acamadas da população na época, as famílias tomavam posicionamentos diferentes no que dizia respeito à morte de suas crianças. No entanto, o que se tinha em comum era uma aceitação quase natural diante da perda. A igreja católica, por sua vez, teve um papel fundamental para a naturalização desse sentimento por parte das famílias, fazendo com que a perda se tornasse quase um motivo de contentamento, alegando que as crianças, até os sete anos, não possuíam o pecado carnal, portanto, logo se tornariam anjos e poderiam interceder por sua família que ficou na terra, diferentemente de um adulto, cuja perda era notadamente sentida.

Diante da aceitação e conformação com as recorrentes perdas de crianças, foram criados rituais de cortejo e de homenagens para essas crianças que deixavam muito cedo o mundo dos vivos, com um aparato que envolvia mensagens fúnebres, mortalhas, esculturas e, em especial, as fotografias *post mortem*, que atendiam ao desejo de preservação da memória dos filhos e filhas que as famílias haviam pedido.

Tento em vista essa prática, em especial o uso de fotografias *post mortem*, torna-se necessário abordar, neste capítulo, um pouco da história da fotografia e da fotografia no Brasil oitocentista para se entender a sua utilização nos rituais fúnebres. Tais fotografias eram uma tentativa de preservar a memória das pessoas que se foram, notadamente, as crianças. Além das fotografias, eram elaborados monumentos que serviam de homenagem à memória desses "anjinhos", como mausoléus e esculturas de cemitérios utilizados como forma de se estar mais próximo da presença do morto já sepultado. Assim, neste capítulo, apresento, uma exposição de como era o preparativo do corpo dos pequenos, para que sua partida à nova morada fosse em perfeita cerimônia, com direito a roupas e adereços de anjo.

Em seu livro, "Espaços da recordação", Assmann (2011) trabalha também com "sepulturas e lápides". Ao analisar a temática, a autora traz uma interessante frase de Thomas Gray para exemplificar a lírica mortuária tão popular no século XVIII e XIX: "Meia palavra sobre um lugar ou perto dele vale uma carga inteira de recordações" (GRAY *apud* ASSMANN, 2011, p. 342). Por essa perspectiva, "[...] a memória do local garante a presença do morto" (ASSMANN, 2011, p. 346), logo o cortejo fúnebre, vestimentas próprias, escrituras nas lápides e mensagens *post mortem* fariam o morto ainda estar presente naquele local. Mas, "[...] um local

- está claro - só conserva lembrança quando as pessoas se preocupam em mantê-las" (ASSMANN, 2011, p. 347). Portanto, visitar esses espaços de recordação, ler as mensagens ali deixadas e folhear os álbuns com fotografias *post mortem*, era uma necessidade dos vivos, de não deixar morrer a memória do morto.

4.1 **Fotografias *post mortem***

Benjamin (2012), em seu livro, "Magia e Técnica, Arte e Política", demostra o marco que a fotografia trouxe para a sociedade, enfatizando que a nova técnica substituiria a própria pintura. Ele explica que os quadros eram o testemunho artístico do autor, mas a fotografia seria um recorte da realidade, uma imagem congelada em uma folha, sem a intervenção do pintor. Aos poucos ela substituiria os tão famosos quadros encomendados por nobres e traria mais realidade às cenas cotidianas da sociedade.

> Se os quadros permaneciam no patrimônio da família, havia ainda uma certa curiosidade pelo retratado. Porém depois de duas ou três gerações esse interesse desaparecia: os quadros valiam apenas como testemunho artístico do seu autor. Mas na fotografia surge algo estranho e novo: [...] preserva-se algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquele que viveu ali, que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na "arte". (BENJAMIN, 2012, p. 93).

As famílias, desde muito tempo, de alguma forma vinham tentando preservar a imagem de seus descendentes. Muitos são os registros dessas tentativas, por meio de pinturas que eram a principal maneira de se eternizar famílias e personagens ilustres da história. Essa característica se manteve forte até o século XIX, quando surgiu um invento que revolucionou a técnica do registro de cenas.

Quando falo em família, mais uma vez, é preciso delimitar esse objeto, destacando que nem todas tinham a possibilidade de recorrer a encomendas de pinturas e, muito menos, a essa nova criação, a fotografia. Ela não era acessível a todos e sua importância está justamente por não ser apenas janelas que se abriam para o passado, mas também de servir como monumento e fonte de vestígios da vontade de ver registrada no papel a imagem construída de si próprio – dos sujeitos que contratavam o fotógrafo – e de seus familiares.

Com efeito, o século XIX foi palco de grandes transformações tecnológicas, com o advento da Revolução Industrial, que surgira no século anterior. Nesse contexto, o mundo ocidental passou por transformações tanto econômicas quanto socioculturais, relacionadas aos novos inventos que foram sendo incorporados ao cotidiano. Exatamente no dia 19 de agosto de 1839, mesmo ano em que o governo francês decretou a invenção como domínio público, foi

anunciada a criação de Louis Jacques Mandé Daguerre[22], inventor que conseguiu que o processo de fotografar fosse finalizado com um tempo menor do que em processos anteriores. Foi através de seus estudos, junto com os de outro francês, Niépce Joseph Nicéphore[23], que se conseguiu chegar a um invento que traria a promessa de registrar a realidade e baratear, mesmo que sem grande possibilidade de se dar acessibilidade a toda a população, um processo de representação da imagem que antes só era possível por meio da pintura.

A nova invenção atravessaria o oceano e meses depois chegariam ao Brasil as primeiras máquinas de daguerreótipos[24]. A rapidez da difusão do equipamento na Europa do século XIX permitiu que se pensasse em inúmeras transformações para diferentes áreas da vida cotidiana.

> A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informações e conhecimentos, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. (KOSSOY, 2014, p. 29)

Sua utilização foi tanta que possibilitou um aperfeiçoamento da técnica e da difusão entre as primeiras pessoas que seriam chamadas de fotógrafos. No território brasileiro sua propagação se deu através do primeiro homem a obter uma máquina do tipo, que foi Dom Pedro II. Ainda muito jovem, na década de 1840, ele contribuiu para que a fotografia registrasse o Brasil oitocentista. Embora o jovem imperador fosse uma figura central da fotografia brasileira, pouco tempo lhe sobrava para investir no passatempo, o que não o impediu de concentrar uma grande coleção de fotografias que, mais tarde, faria parte da Biblioteca Nacional.

> Ao longo dos séculos, as diferentes sociedades têm criado distintas formas de produzir, olhar, conceber, dialogar e utilizar suas produções imagéticas. Ao possibilitar o constante desejo de eternizar a condição humana, por perto transitória, a imagem fotográfica se aproxima de outras iconografias produzidas no passado. Como essas, a fotografia também desperta sentimentos de medo, angústia, paixão e encanto (BORGES, 2011, p. 37).

---

[22] Louis Jacques Mandé Daguerre nasceu no dia 18 de novembro de 1787. Foi pintor, físico e inventor de origem basca, tendo inventado a fotografia, buscando um método para reproduzir a realidade em imagens, sem necessidade de pintá-las. Também passou aos anais da história por descobrir o Diorama, mediante o qual se dava uma sensação de profundidade, um modelo tridimensional de paisagem que mostra eventos históricos, natureza, cidades, etc. para educação ou entretenimento, materiais ou elementos em três dimensões, que configuram uma cena da vida real. *(*NASCE..., 2019).

[23] Niépce Joseph Nicéphore nasceu no dia 7 de março de 1765, em Chalon-sur-Saone, na França, e morreu em 5 de julho de 1833. Foi um inventor francês e um dos criadores da fotografia. Ele foi o primeiro a encontrar uma maneira de fixar uma imagem produzida por uma câmara escura (cerca de 1820), utilizando betume da Judeia como a substância fotossensível (heliografia). (HISTÓRIA..., 2004).

[24] Um daguerreótipo consiste em uma imagem única e positiva, formada diretamente sobre placa de cobre, revestida com prata e, em seguida, polida e sensibilizada por vapores de iodo. Depois de exposta na câmera escura, a imagem é revelada por vapores de mercúrio e fixada por uma solução salina (WANDERLEY, 2021).

A admiração pela fotografia não ficou apenas com o imperador, os periódicos oitocentistas se fascinaram com o invento e não deixavam de noticiar a nova descoberta científica. Era difícil acreditar que uma invenção poderia eternizar um momento em tão pouco tempo de espera. A perfeição com que a imagem era registrada em um papel mudou a forma de preservar a memória da humanidade. A fotografia surgiu como um recorte da realidade e não mais o olhar do pintor sobre aquela realidade que ele observa, conforme demonstra a matéria do *Jornal do Commercio*, a seguir:

> Finalmente passou o daguerreotipo para cá os mares, e a fotografia, que até agora só era conhecida no Rio de Janeiro por teoria, e atualmente também pelos fatos que excedem quanto se tem lido pelos jornais tanto quanto vai do vivo ao pintado. Hoje de manhã teve lugar na hospedaria Pharoux um ensaio fotográfico tanto mais interessante, quanto é a primeira vez que a nova maravilha se apresenta aos olhos dos brasileiros. [...] É preciso ter visto a coisa com os seus próprios olhos para se poder fazer ideia da rapidez e do resultado da operação. Em menos de nove minutos o chafariz do largo do Paço, a praça do Peixe, o mosteiro de S. Bento, e todos os outros objetos circunstantes se acharam reproduzidos com tal fidelidade, precisão e minuciosidade, que bem se via que a coisa tinha sido feita pela própria mão na natureza, e quase sem intervenção do artista. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 17 de janeiro de 1840, p.1, grifo meu).

Para quem via pela primeira vez a fotografia, era de espantar os feitos que ela podia possibilitar no século XIX. Com a sua chegada ao Brasil, os jornais abriram espaços para noticiar o invento, bem como anunciar os profissionais que manipulavam a arte de fotografar e que prometiam eternizar todos os momentos e, principalmente, as pessoas. Mesmo com uma espera bem maior do que na atualidade, o processo se dava muito mais rápido do que a espera por uma tela a ser pintada e, como diziam as publicações, parecia que a própria natureza havia preparado o trabalho, quase sem a intervenção do fotógrafo na cena registrada.

É possível perceber, por meio do trecho retirado do *Jornal do Commercio*, o quão grande era a animação em receber a nova técnica da Europa, ainda poucos meses depois da oficialização do governo francês, que transformou o invento em um domínio público. Foi então, em uma hospedaria do Rio de Janeiro, que se realizou o primeiro ensaio fotográfico brasileiro de que se tem registro, no ano de 1840. O lugar não foi escolhido por acaso, o seu proprietário era um francês que veio para a Corte com a intenção de reconstruir seus negócios. Tratava-se da hospedaria Pharoux, localizada na região central da Corte Carioca, em frente ao mar. Pharoux era um ponto de referência para os turistas franceses. Três anos depois, a hospedaria seria usada como o primeiro ateliê fotográfico do Rio de Janeiro.

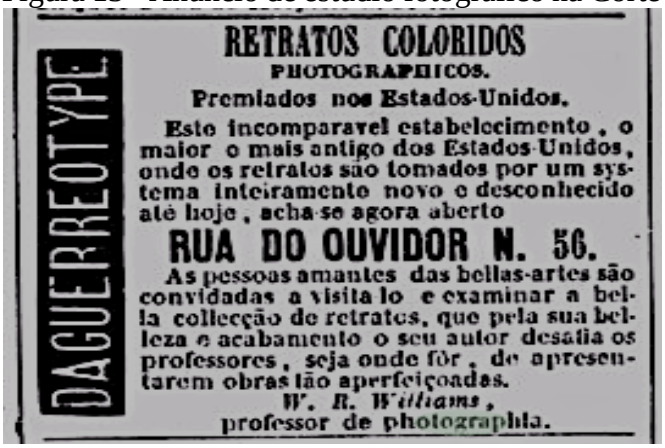
Não demorou muito para que o processo de fotografar se tornasse cada vez mais rápido e superasse, ainda mais, os nove minutos de espera, além de apresentar contornos mais nítidos, como se vê neste outro trecho, agora do ano de 1843:

> Aperfeiçoamento do daguerreótipo. Um correspondente de Nizza no Piemonte, chamado Iller, participa ao instituto de França um grande melhoramento por ele obtido na arte da fotografia. Até aqui se não tinham podido reproduzir as cores por meio do daguerreótipo: todos os desenhos obtidos por meio deste instrumento eram escuros como se tivessem sido executados a lápis. A descoberta de Iller consiste em obter os desenhos dos contornos, mas até as mesmíssimas cores do objeto representado. A operação exige apenas 30 segundos. (*JORNAL DO COMMERCIO*, 9 de junho de 1843, p.3, grifo meu).

Junto ao aperfeiçoamento do tempo de espera, o daguerreotipo acabou ganhando mais distinção dos tons que eram retratados. Esse processo revolucionou por completo a preservação de imagens por meio da fotografia, mas continuou a servir a um grupo específico da população. O ato de fotografar não era acessível a todas as famílias brasileiras, estando restrito apenas àquelas que tinham condições de contratar fotógrafos.

Na mesma década, 1840, é possível encontrar nos jornais, também, anúncios de fotógrafos de outros países divulgando seu trabalho e, inclusive, seus ensinamentos sobre o novo invento. Além de divulgar seu trabalho, alguns se especializavam no novo invento que encantava o mundo (Figura 13).

Figura 13 - Anúncio de estúdio fotográfico na Corte[25]



Fonte: *Jornal do Commercio*. Ano XXIII, n. 157, 06 Jun. 1848, p.1. Disponível na HDB.

No anúncio acima (Figura 13), o fotógrafo destacava seus grandes feitos e até um prêmio internacional, mostrando o quanto era habilitado para manipular a arte. W. R. Williams, como se denominou, tratava-se de um professor de fotografia que convidava o público a visitar o seu

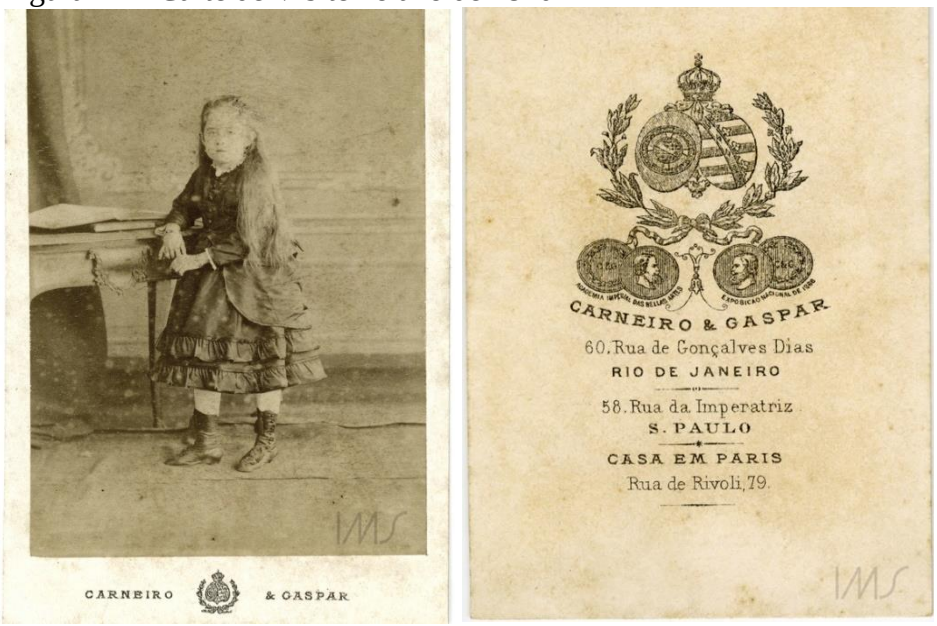
[25] O texto correspondente é: "Retratos coloridos. Photographicos. Premiados nos Estados-Unidos. Este incomparavel estabelecimento, o maior o mais antigo dos Estados-Unidos, onde os retratos são tomados por um systema inteiramente novo e desconhecido até hoje, acha-se agora aberto. Rua do Ouvidor N. 56. As pessoas amantes das bellas-artes são convidadas a visita lo e examinar a bela colleção de retratos, que pela sua belleza e acabamento o seu autor desafia os professores, seja onde for, de apresentarem obras tão perfeiçoadas. W. R. Williams, professor de photographia."

estabelecimento e espaço de trabalho, para conhecer as fotografias que o fizeram ganhar prêmios.

Não só Dom Pedro II, mas toda a Família Imperial teve grande importância na divulgação da nova técnica que surgira. Contudo, o preço não era acessível nem mesmo entre pessoas da elite. Os primeiros fotógrafos eram itinerantes, logo ficavam pouco tempo nas cidades, onde cobravam altos valores por uma fotografia. Esse período foi de, aproximadamente, 1840 a 1860, quando, em seguida, um novo material tornou a fotografia um pouco mais acessível para outras camadas da população, embora não assegurasse que todas as famílias tivessem a oportunidade de se beneficiar dos efeitos "mágicos" que prometia o novo invento.

Em 1854 surgiram as *cartes de visite*, imagens gravadas em cartões, com a função de tornar as fotografias da época mais acessíveis, fazendo com que houvesse um aumento do público consumidor desse artefato e que se ampliassem as encomendas de retratos.

Figura 14 – Carte de Visite no ano de 1870



Fonte: Carneiro & Gaspar[26], 1870. São Paulo, SP / Acervo IMS.

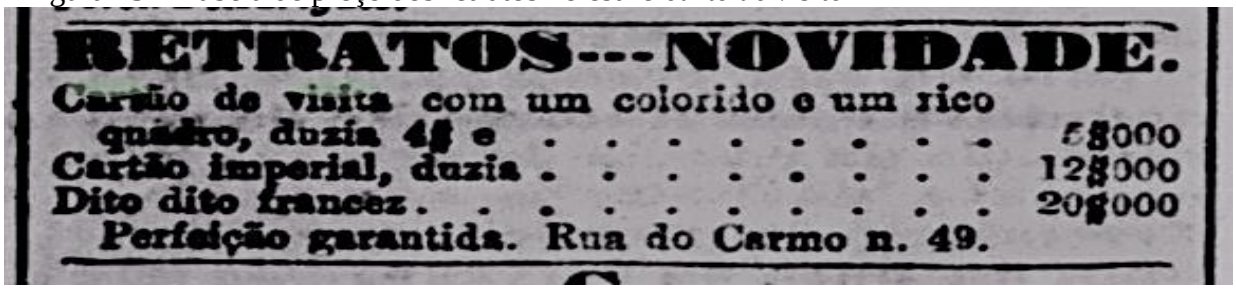
As *cartes de visite* (Figura 14) influenciavam na forma como a pessoa fotografada se colocava diante do fotógrafo, criando, assim, cenas sofisticadas a serem eternizadas. O *carte* mostrado anteriormente é um exemplo de como o aprimoramento da técnica de se fotografar serviu para um maior cuidado do fotógrafo em representar aquelas pessoas que o procuravam.

[26] "Carneiro tem seu nome ligado à evolução da fotografia no Rio de Janeiro, cidade onde seu estabelecimento nasceu e prosperou, atravessando três décadas de atividades ininterrupta (do final de 1850 ao final dos anos de 1880). [...] A partir de 1865, ano que se finda a associação com Smith, inicia-se a sociedade com Gaspar (Carneiro & Gaspar) que vigoraria até cerca de 1875". (KOSSOY, 2002, p. 104).

Fotografar a pessoa de corpo inteiro foi uma tendência que a técnica trouxe e, ao mesmo tempo, houve a necessidade e a preocupação de decorar o estúdio fotográfico em volta para servir como cenário. Com roupas pomposas, o intuito era de montar cenas que nem sempre eram do convívio do fotografado, mas sim uma realidade encenada, maneira pela qual as pessoas queriam deixar marcada a sua memória. A menina representada na Figura 14 é apresentada ao lado de uma mobília que contém livros em cima. Geralmente, o fotografado ficava próximo desses objetos para, de certa forma, se apoiarem com o intuito de não se mexerem e não ficarem "tremidos" ou "borrados" na arte final.

As *cartes de visite* eram anunciadas de forma recorrente no *Jornal do Commercio*, como no ano de 1876, na capital do Império (Figura 15). Os valores das fotografias se aproximavam, mas é possível perceber que, no Rio de Janeiro, já havia um barateamento dos cartões de visita com retratos, pois era o produto com maior demanda dos retratistas, fazendo com que a concorrência fosse maior e, portanto, o preço oscilasse:

Figura 15 – Tabela de preço dos retratos no estilo *carte de visite*[27]


RETRATOS---NOVIDADE.
Cartão de visita com um colorido e um rico quadro, duzia 4$ e . . . . . 5$000
Cartão imperial, duzia . . . . . 12$000
Dito dito francez . . . . . 20$000
Perfeição garantida. Rua do Carmo n. 49.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 1876 (data ilegível), p.1.

É possível perceber que, dependendo do estilo que era utilizado em determinados retratos, o preço era mais elevado. No anúncio anterior, da Figura 15, o fotógrafo promete deixar o retrato como um legítimo "francez", trazendo a ideia do local de origem da fotografia. Além de muitos fotógrafos europeus presentes, nesse período, em todo o Império, havia fotógrafos brasileiros que prometiam a reprodução de técnicas europeias, sendo essas as fotografias mais procuradas por sua qualidade e perfeição da arte.

Pelo exposto, fica evidente que na segunda metade do século XIX, o acesso às fotografias não era possível a todas as camadas da população, pois o valor cobrado por elas ainda era bastante elevado, fazendo com que apenas as famílias mais abastadas da população tivessem condições de se verem representadas em uma chapa fotográfica. Também é importante salientar que essas fotografias, mesmo sendo um recorte da realidade que se apresentava frente

[27] O texto correspondente é: "Retratos novidade. Cartão de visita com um colorido e um rico quadro, dúzia 4 e 5$000. Cartão imperial, dúzia 12$000. Dito dito francez 20$000. Perfeição garantida. Rua do Carmo n.49."

à câmera, como muitos autores a consideram, eram realidades montadas pelos próprios fotógrafos, considerando que a imagem ali eternizada nem sempre era a mesma ou sequer parecida com a do convívio do fotografado.

Borges (2011), em seu estudo sobre a "História & fotografia", indica como ainda era alto o valor cobrado por retratos de visita, por exemplo, em um estúdio fotográfico em Juiz de Fora, por mais que a técnica viesse sendo barateada. O estúdio *Photographia Allemã* pertencente aos fotógrafos Passig & Irmão[28], cobravam por volta de 6$000 a dúzia de cartões de visita, 10$000 a dúzia de cartões de visita abrilhantados e 18$000 a dúzia de retratos cartões imperiais abrilhantados. A autora afirma que o estúdio de Passig & Irmão ficava próximo ao Teatro Novelli[29], cujo ingresso para um camarote, na época, custava 25$000, o que revela o público que tinha a possibilidade de adquirir cartões de visita na década de 1880, sendo aquele que também tinha condições de frequentar o teatro, levando em conta o valor cobrado tanto dos cartões de visita quanto de um camarote do Teatro Novelli.

> [...] artifícios teatrais que definem seu *status*, longe do indivíduo e perto da máscara social, numa paródia de auto-representação [...], onde se unem realismo e idealização. Estes retratos são a forma mais completa de junção da série de elementos mobilizados na elaboração da cena fotográfica. São também neles que os clientes podem introduzir a sua própria indumentária, trazendo desde objetos cotidianos à roupa do dia-a-dia, podendo ostentar traços da moda desejada, já que os ateliês oferecem vestimentas, muitas vezes inacessíveis aos clientes. A verdade é que estas pessoas, procuram, por meio desses objetos, contar a sua própria história: muitos querem ser retratados com as suas ferramentas de trabalho, com seu ícone pessoal. Estes retratos agregam os fragmentos da personalidade do indivíduo, que são incorporados e reincorporados na sala de poses, que é o local onde se estabelece a construção individual (FABRIS, 1991, p. 21 *apud* LEITE, 2011, p.3-4).

Outro autor que fala sobre criar cenas fotográficas é Fernando Gralha (2014), em seu artigo "Fotografias *Post Mortem:* O Retorno do morto". Ele diz que a finalidade de eternizar a imagem que se queria mostrar do próprio indivíduo fez nascer a necessidade de rebuscar a fotografia com aquilo que era admirável e bom, a fim de apresentar outra realidade que não era necessariamente a do fotografado. Sendo assim, era criado um "personagem" somente para o ato de se fotografar, representando uma condição imaginada e desejada pelas pessoas

---

[28] Em 1884, há registros dos fotógrafos Francisco e João Passig (Passig & Irmão) na cidade de São João Del Rei – MG. Possivelmente, também atuaram como fotógrafos itinerantes. Em Ribeirão Preto, João Passig aparece estabelecido como fotógrafo profissional, com alvará de licença, no exercício de 1891. Seu ateliê estava localizado na rua Amador Bueno esquina com rua Américo Brasiliense. (CRISTINA, 2008).

[29] Inaugurado em 1889 pelos irmãos Ferreira Lage, filhos do pioneiro Mariano Procópio. Teatro Novelli, em homenagem a um ator italiano que por lá se apresentou. Posteriormente, o teatro recebeu o nome de Teatro Juiz de Fora. De todos era o melhor, com suas cadeiras douradas e foyer com espelhos de cristal, mas ainda pequeno e aquém das ambições culturais da cidade. (HISTÓRIA DO..., 2021).

envolvidas. Logo, os retratos se tornavam “ambíguos”, visto que os fotografados sempre “representavam” um novo indivíduo diante das câmeras (KOSSOY, 2007).

As fotografias entram na casa das famílias, primeiramente, com uma função muito específica, que não era a de retratar o cotidiano, mas sim de eternizar os entes queridos. No caso das crianças a casa era quase que um confinamento para as crianças, particularmente para as meninas, que raramente saíam dela. Muitas mal conheciam a rua, quando a morte as encontrava, cedo demais. É a partir da tentativa de se confortar com a perda de um ente querido, no caso dos filhos e das filhas, que entram no cotidiano das famílias as fotografias *post mortem*, com o intuito de: “Preservar o que sobra do ente amado é tentar apreender essa essência fugida que nos mantém vivos. E porque o corpo passa a ser a instancia total, o corpo morto indicaria ainda uma existência: a presença do indivíduo mesmo que na ausência de vida” (SCHIMITT, 2010, p. 170).

Juliana Schimitt (2010), em seu livro “Mortes vitorianas: corpos, lutos e vestuário”, descreve o significado das fotografias *post mortem* como uma necessidade que se tinha de tentar conservar a imagem de um familiar, para que sua existência não se apagasse com o passar do tempo, adotando-se a prática de fotografar os mortos. Assim, a fotografia cumpriria aquilo que os fotógrafos prometiam já desde a sua criação: eternizar uma cena, mesmo que nela o fotografado fosse aquele que não estava mais entre os vivos e mesmo que fosse em uma folha de papel.

A seguir, apresento um conjunto de fotografias adquiridas em diversos leilões pelo NHEMPE bem como fotografias pertencentes à Arquivos internacionais. Essas fotografias não estão datadas, portanto, para localizá-las no tempo utilizei os anos de aproximação de sua possível produção com a ajuda do Dicionário Histórico-fotográfico brasileiro, produzido por Boris Kossoy (2002), onde o autor descreve os principais fotógrafos que atuaram no Brasil no século XIX e que deixaram suas marcas nos periódicos da época. A identidade das crianças fotografadas também se apresenta como uma incógnita, cabendo ao pesquisador apenas observar minuciosamente os detalhes que caracterizam essas fotografias como legítimas *post mortem*, para encontrar sinais que possam levar a algum tipo de identificação.

Na Figura 16, subsequente, apresenta-se uma exemplar fotografia de criança *post mortem*, na qual é possível identificar a preocupação em preservar a imagem da morta dando a ideia que ela ainda se encontrava com vida.

Figura 16 – Fotografia *post mortem*, mãe e filha

Fonte: Pedro da Silveira [18--?]. Acervo NHEMPE/UERJ, 2021.

A fotografia exposta na Figura 16 se constitui como um modelo exemplar de fotografia encomendada após a morte, realizada no Brasil. Trata-se, possivelmente, de uma mãe junto à sua filha morta que permanecia sentada em seu colo, na tentativa de perpetuar esse último momento com a criança que, no pouco tempo que viveu, fez com que sua mãe e seus familiares quisessem registrar essa cena para lembrança futura. Além disso, acreditava-se que quando as crianças morriam certamente virariam anjos e poderiam interceder por seus familiares, portanto quanto mais novas, mais puras seriam e maior era a certeza do lugar que ocupariam após a morte, o que dissipava o medo diante delas.

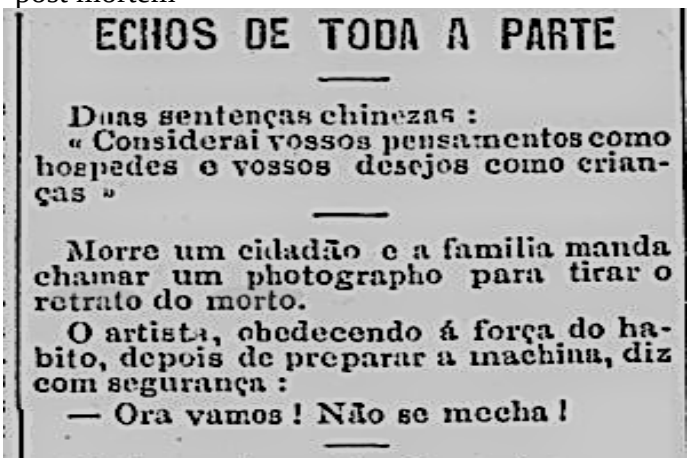
É possível notar, também, que tanto a mãe quanto a filha vestiam roupas pretas, simbolizando o luto pela perda. A fotografia tinha a finalidade não apenas de registrar aquele momento, mas de fazê-lo parecer um dia normal em que a menina estivesse viva, como a sua mãe. O realismo da fotografia só é "quebrado" pela maneira que a mãe segura a filha, deixando a mostra seu corpo um tanto "largado", não sendo essa uma condição comum de uma criança

viva, além do seu olhar fixo e distante, em um rosto muito bem maquiado e com cabelos penteados apoiados no corpo da mãe.

Outra marca contida na fotografia que a identifica como *post mortem* é a de estar sobre um fundo preto, com a indicação de seus criadores e o local onde ela foi produzida. A "fotografia *post mortem*, mãe e sua filha" foi realizada por Pedro da Silveira Photografo[30], estúdio localizado na Rua dos Ouvires n. 34, no Rio de Janeiro. A fotografia não apresenta data, mas ao pesquisar por seu fotógrafo, pode-se estipular que pertencia ao período de 1877 a 1887, quando, provavelmente, ele assinava sozinho seus trabalhos.

A próxima fotografia (Figura 17) mostra com que frequência se buscava um fotógrafo para a realização de um trabalho *post mortem*, mesmo que satirizando o ato de fotografar esses mortos. O recorte do periódico *O Paiz*, de 18 de abril de 1887, evidencia que os fotógrafos também se destinavam a fotografar, rotineiramente, os mortos. Essa sátira, feita pelo jornal *O Paiz*, foi bastante compartilhada, podendo ser facilmente encontrada em outros periódicos da época. Isso mostra o quanto os fotógrafos eram chamados para registrar o último momento junto ao corpo do ente querido.

Figura 17 – Anedota, em jornal, sobre a fotografia post mortem[31]



ECHOS DE TODA A PARTE

Duas sentenças chinezas :
« Considerai vossos pensamentos como hospedes e vossos desejos como crianças »

Morre um cidadão e a familia manda chamar um photographo para tirar o retrato do morto.
O artista, obedecendo á força do habito, depois de preparar a machina, diz com segurança :
— Ora vamos ! Não se mecha !

Fonte: *O Paiz*, 18 de abril de 1887, página 3.

[30] "Pedro Satyro de Souza da Silveira, ao que tudo indica, iniciou sua carreira no estabelecimento de Diogo Luiz Cypriano, de quem foi sócio a partir de 1870 (Cypriano & Silveira). Cypriano ganhou vários títulos sobre seus feitos fotográficos, fazendo com que Pedro da Silveira "copiasse" seus títulos em suas divulgações, já que, seu nome não constava na lista de fotógrafos da Casa Imperial. Foi sucessor do estabelecimento desde 1887, sempre sediado no tradicional ateliê da Rua dos Ouvires, 34. Anunciando regularmente seus trabalhos no *Laemmert* entre 1871 e 1891, sendo de 1888 a 1890 como sócio de Eugenio Francisco Magarinos Torres. (KOSSOY, 2002, p. 295-296).

[31] O texto correspondente é: "Echos de toda a parte. Duas sentenças chinesas: "considerai vossos pensamentos como hospedes e vossos desejos como crianças". Morre um cidadão e a família manda chamar um photographo para tirar o retrato do morto. O artista, obedecendo á força do hábito, depois de preparar a machina, diz com segurança: - Ora vamos! Não se mecha!"

Os “anjinhos” retratados nas fotografias nem sempre estavam acompanhados de sua mãe ou de um representante familiar. Muitas vezes, a cena era montada apenas com a criança, de modo que somente o pequenino ficasse registrado. A Figura 18, a seguir, exemplifica esse tipo de fotografia. Nela, a criança está vestida de branco, deitada em um volume de pano escuro para que passasse a ideia de repousar. Seus olhos não se prendem no fotógrafo, evidenciando, mais uma vez, um olhar fixo no vazio. A fotografia foi produzida por Tavares Sobrinho[32] e não apresenta uma data precisa, mas as fontes apontam que foi produzida entre 1889 e 1897, em um estúdio localizado na Rua Gonçalves Dias, n. 54, no Rio de Janeiro.

Figura 18 – Fotografia *post mortem* de criança

Fonte: Tavares Sobrinho, [18--?]. Acervo NHEMPE/UERJ, 2021.

Ao observar os olhos do fotografado, que mesmo depois de morto permaneciam abertos, tem-se a ideia de que ainda observava algo e, consequentemente, estava praticamente vivo naquele momento a ser perpetuado. Quando isso não ocorria, muitos fotógrafos se davam ao

[32] “Teria sido o sucessor de Carneiro & Tavares, estabelecimento tradicional do Rio de Janeiro que iniciou a sua trajetória com Carneiro ainda em meados da década de 1850. Ao que parece, Carneiro permaneceu ativo até 1888. Entre 1889 e 1897, Tavares sobrinho anuncia-se como sucessor de Carneiro & Tavares”. Pela lacuna deixada, não é de fácil entendimento se esse seria o próprio Tavares ou de fato seu sobrinho. (KOSSOY, 2002, p. 305).

trabalho de, algumas vezes, desenhar e pintar os olhos das crianças em suas pálpebras, para que ficassem o mais parecido possível com os de uma criança viva, como descreve Santos (2015):

> Não se trata, portanto, de uma mera apresentação do corpo ou representação do que era o vivo, mas de um *tornar presente* alguma instância do sujeito. Como se, no corpo refeito sobre o cadáver, em uma *imagem profundamente representativa do defunto*, algo de uma presença retornasse (SANTOS, 2015, p.27).

Nessa citação, Santos (2015) não está pensando em uma presença efetiva, mas em uma presença por meio da imagem que conectaria a pessoa que via a fotografia com o parente que já havia desaparecido fisicamente, retornando a ideia de vida em um corpo morto. O trabalho dos fotógrafos era o de trazer novamente a vida aquele ente querido, nem que isso ocorresse apenas quando a fotografia fosse vista em um álbum ou porta-retrato, onde o tempo já tivesse apagado a lembrança física.

A Figura 19, subsequente, também é uma produção de Carneiro & Gaspar, possivelmente de 1865 a 1875, quando os dois mantinham a associação e assinavam juntos os seus projetos fotográficos. Também pertence ao conjunto de fotografias produzidas no Rio de Janeiro. A fotografia tem como cenário e protagonista uma criança repousando em uma mobília do cotidiano dos lares oitocentistas.

Figura 19 - Fotografia *post mortem* produzida por Carneiro & Gaspar

Fonte: Carneiro e Gaspar, [18--?]. Acervo NHEMPE/UERJ.

Na Figura 19, observa-se uma posição incômoda para uma criança dessa idade, que precisaria estar imóvel por algum tempo. Destaca-se, ainda, a roupa usada pela menina, neste caso o branco, comum entre as cores mais utilizadas para vestimentas fúnebres. Na imagem, além do vestido branco, a menina usa um colar que, na maioria das vezes, era o suporte utilizado para prender o corpo ao móvel e tem o olhar, possivelmente, retocado pelo fotógrafo que a eterniza.

A Figura 20, abaixo, também é uma fotografia *post mortem,* de uma criança sem identificação. As evidências possíveis de análise consistem naquelas presente no verso das fotografias, especialmente dando a conhecer o fotógrafo que a realizou e mais alguns detalhes do fotografado. Elias da Silva[33] é o autor da fotografia e mantinha um estúdio na Rua da Carioca, n. 120, no Rio de Janeiro. Na fotografia, a criança repousa também em uma poltrona, objeto bastante comum nestes casos como forma de indicar que ali estavam sentadas, mesmo com sua pequenez diante da gigantesca mobília em destaque. Suas vestes brancas, simbolizando, mais uma vez, a pureza, deixam seu pequeno e fino braço amostra para o fotógrafo. Atrás de seu corpo, um enchimento com almofadas passa a ideia de repouso em um lugar confortável e que a faria ficar de maneira idêntica a postura de uma criança viva.

Figura 20 – Fotografia *post mortem* de bebê produzida por Elias da Silva

Fonte: Elias da Silva [18--?]. Acervo NHEMPE/UERJ.

A Figura 21 foi reproduzida do livro *Beyond the Dark Veil post mortem & mouring photography*[34], que é uma publicação do *Thanatos Archive*[35]. A Figura 21 é um daguerreótipo

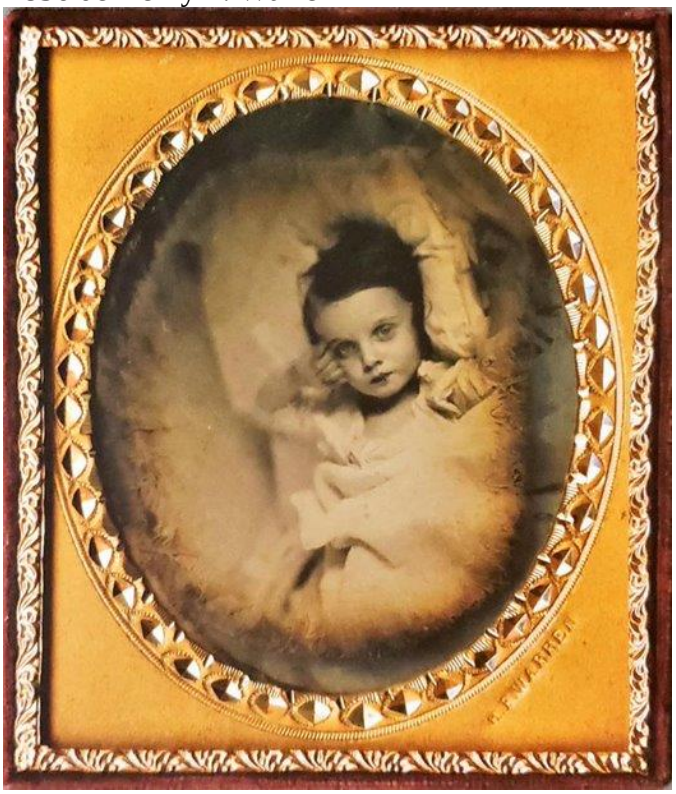
[33] Augusto Elias da Silva (1848-1903) foi um fotógrafo português radicado no Rio de Janeiro, pioneiro do Espiritismo no Brasil. Seu estúdio permaneceu em atividade no Rio de Janeiro por mais de duas décadas, período que se anunciava periodicamente no *Laemmert* entre 1886 e 1890. (KOSSOY, 2002, p. 293).

[34] "Além do véu escuro: fotografias de luto e post mortem" – Traduzido pelo autor.

[35] O *Thanatos Archive* é uma casa de guarda online não gratuita que conta com a colaboração de muitos membros que contribuem com grande coleção de fotografias e efêmeras post mortem, memorial e luto do século XIX e XX dos mais diversos países. Com acervo datando desde a primeira década de 1840, contando com mais de 3.000 imagens digitalizadas e com constante atualizações. O arquivo recebe esse nome devido ao Deus Tânato que para os gregos era a personificação da morte. O administrador e criador do Arquivo é Jack Mord.

post mortem de uma menina produzida por Henry F, Warren[36] de Massachussetts. É um modelo de fotografia *post mortem* internacional que muito se assemelha às brasileiras que esta pesquisa traz na medida que, o intuito não é representar a morte e sim a vida, mesmo em sua ausência. A menina, por mais que morta, aparente acaba de acordar e levemente encontra-se espreguiçando-se em vestes brancas. Seus olhos muito bem abertos, de longe dão a impressão de que ali a vida não mais morava. Houve todo um cuidado ao montar o cenário para que o corpo pequenino descansasse entre cama, travesseiro e cobertor. A fotografia intitulada "Esperando a morte", representa um daguerreótipo de luxo, muito bem trabalhado em suas bordas, diferente dos modelos brasileiros.

Figura 21 – Waiting for Death (Esperando a morte), 1856 de Henry F. Warren



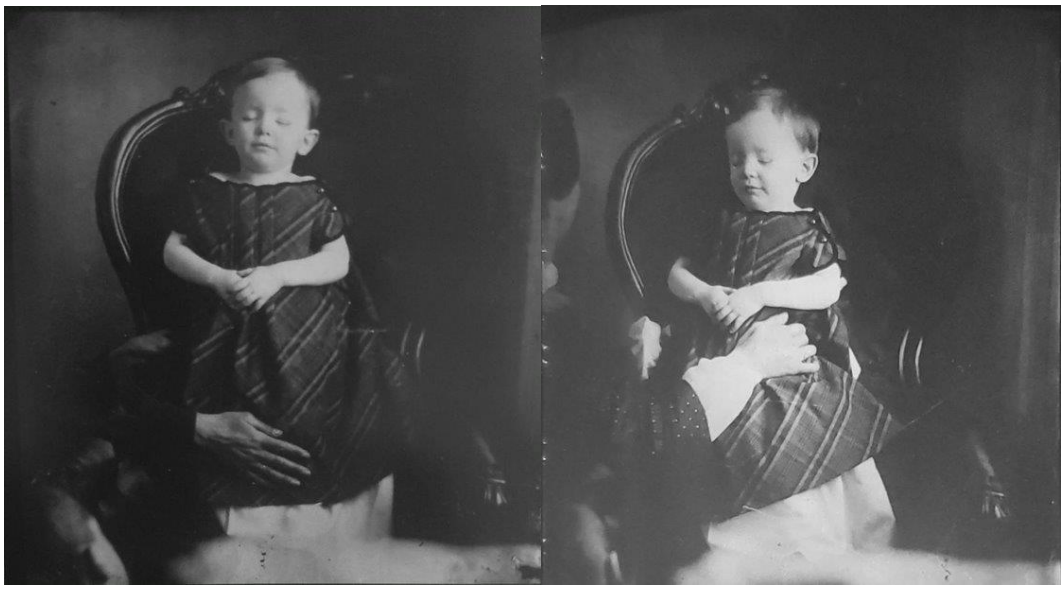
Fonte: *Thanatos Archive*, 1856, in: *Beyond the Dark Veil post mortem & mouring photography*.

A Figura 22, a seguir, também foi reproduzida do livro *Beyond the Dark Veil post mortem & mouring photography* mas, de autor desconhecido. Nela é retratada os bastidores de uma fotografia *post mortem* na qual uma mulher prepara seu filho para ser eternizado no papel. Nas duas imagens que compõem a Figura 22 é possível notar a cabeça de uma criança no canto

[36] Henry F. Warren foi um fotógrafo norte americano. Uma de suas fotografias mais conhecida está a do presidente Abraham Lincoln sendo considerada a última fotografia do presidente. (GILDER LEHRMAN INSTITUTE OF AMERICAN HISTORY, sd)

inferior esquerdo das imagens, possivelmente seria irmão da criança retratada. A fotografia é datada de cerca de 1862, mas seu local também é desconhecido. O cenário fotográfico remete a um possível estúdio ou até mesmo a casa onde vivia a criança. Para compor o cenário foi utilizado uma cadeira retratando que a criança se encontra em repouso, mas dessa vez com os olhos bem fechados restando, talvez, pintar seus olhos no final do processo para a trama fotográfica se parecer mais com a criança em vida. Na imagem da direita uma mão segura a criança a fim de deixar a fotografia mais perfeita dando a impressão de que a criança se mantem sentada sozinha, sem ajuda de nenhum utensílio.

Figura 22 – Woman with dead son (Mulher com o filho morto), 1862, autor desconhecido.



Fonte: Fonte: *Thanatos Archive*, 1856, in: *Beyond the Dark Veil post mortem & mouring photography*.

Para finalizar as fotografias *post mortem* oitocentistas brasileiras e que compõem o acervo do NHEPEM, apresento a Figura 23. Foi produzida por Antonio Tealdi & Irmão, e embora não se possa precisar a localização do estúdio e nem determinar o período de sua produção, é um raro exemplo desse tipo de fotografia pela idade da menina, o que tornava mais difícil mantê-la em pé. Vale notar que a menina fotografada está, tecnicamente, na ponta dos pés, devido à altura do tripé que ajuda a sustentá-la por detrás. Seu braço direito também se prende à cadeira, dando a entender que apenas repousa sobre a mobília. Seu traje consistia em um vestido largo, que escondia também algum mecanismo que, possivelmente, a ajudava a se manter de pé.

Figura 23 – Fotografia post mortem produzida por Antonio Tealdi & Irmão

Fonte: Antonio Tealdi & Irmão [18--?]. Acervo do NHEMPE/UERJ

Todas as imagens apresentadas aqui são fotografias *post mortem* e foram realizadas em um ambiente que se assemelha à casa, mas que também podem representar uma cena ficcional, produzida por fotógrafos especializados na arte de fotografar tanto os vivos quanto os mortos. Essa centralidade da casa, que comportava desde o nascimento, passando pelos ensinamentos, até a morte, demonstra um cotidiano de uma época em que os espaços públicos e privados, embora com outras conotações, possuíam delimitações rigorosas, sendo as crianças "da casa" aquelas que, muitas vezes, jamais passavam qualquer dia de sua existência fora dela.

4.2 **Mausoléus e esculturas de cemitérios**

Perpetuar a infância em registros que atravessariam os séculos não se limitava apenas às fotografias *post mortem*, pois havia uma prática mais antiga que a fotografia e que era – e ainda é – utilizada para eternizar a memória dos entes queridos. Para os sepultamentos era comum a encomenda de mausoléus, esculturas e mensagens de lápides, a fim de homenagear o morto, elementos também utilizados para retratar a pureza e a inocência das crianças mortas. Saindo do registro em papel, a pesquisa parte agora para os registros cemiteriais.

Ariès (2003), em seu livro "História da morte no ocidente", relata como os cemitérios se desenvolveram na Europa, tornando-se espaços próprios para os sepultamentos antes presentes em igrejas, hospitais e até mesmo no terreno da própria casa do morto. A evolução da

medicina fez entender que o morto precisava de um lugar afastado para que suas moléstias não levassem os vivos também a morte.

> Foi então que a concessão da sepultura tornou-se uma certa forma de propriedade, subtraída ao comércio mas com perpetuidade assegurada. Foi uma grande inovação. Vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai a casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade, estranha ao começo do Cristianismo. (ARIÈS, 2003, p.75).

Com o advento das sepulturas, a necessidade de visitar os mortos em seu local de descanso tornou-se um ato muito importante, até porque visitar, acender velas, colocar flores, ornamentar com dizeres e fotografias esses espaços passou a ser uma forma de eternizar a memória do morto. É o que Assmann (2011) chama de "espaços da recordação". Por mais que todos os objetos que lembram o morto sejam recordações dele, é preciso que o local seja visitado pela família, caso contrário "ficam apenas objetos remanescentes que, agregados a um monumento, fixam uma nova memória do local" (ASSMANN, 2011, p.348), e quando a família não visita mais "a memória do local se dissolve com eles", deixando a um futuro visitante as interpretações de todos os vestígios.

A exemplo desses monumentos criados para cultuar as crianças no século XIX, destaco uma escultura conhecida internacionalmente, trata-se da escultura da princesa Elizabeth de Clarence (Figura 24). Ela seria a terceira na linha de sucessão, filha de William, Duque de Clarence e da princesa Adelaide de Saxe-Meiningen, que, posteriormente, tornaram-se rei e rainha da Inglaterra. Depois de sua morte, com apenas três meses de idade, em 1821, seus pais encomendaram uma escultura comemorativa da princesa, deitada em seu leito de morte, para ser colocada no Castelo de Windsor.

Figura 24 – Princesa Elizabeth de Clarence (1820-21) de William Scoular

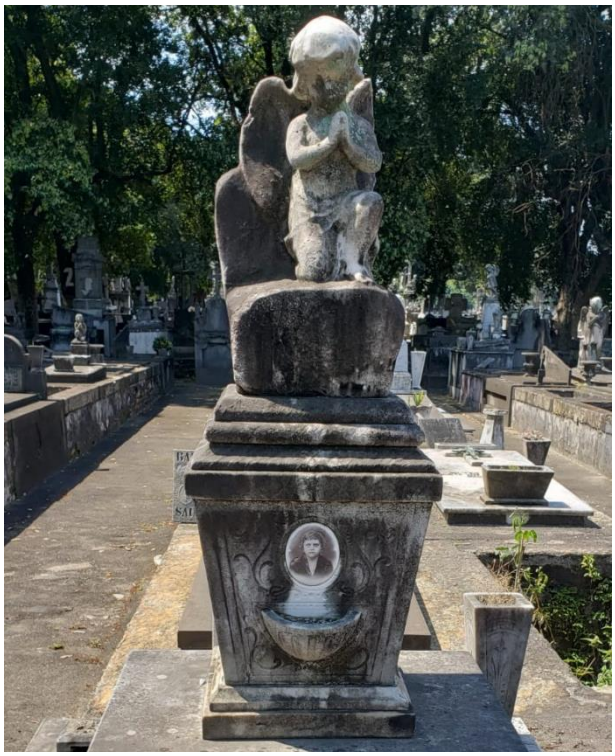
Fonte: William Scoular, 1854.

Na imagem, é possível ver a princesa retratada usando um vestido drapeado e turbante, deitada em uma chaise-longue com uma manta caindo ao lado, com o rosto voltado para a direita, a cabeça apoiada em uma almofada e com o braço esquerdo apoiado no peito. Muitos acreditam que a escultura é baseada na máscara mortuária de Elizabeth.

No Brasil do século XIX havia, também, o apego à memória dos "anjinhos", que gerava a necessidade de eternizar o pequeno espaço de tempo que eles passaram vivos. Apresento agora alguns exemplos de cortejos fúnebres e cemiteriais, produzidos durante o período estudado, que buscavam eternizar a memória das crianças.

A Figura 25, por exemplo, é parte de um jazigo onde fora enterrada uma criança. Por ações do tempo e má conservação da sepultura, não é possível identificar muitos detalhes do que foi talhado na pedra que compunha o jazigo, mas uma pequena mensagem ainda é possível de ser decifrada aos pés da fotografia, na pedra que fecha o túmulo. A mensagem, escrita por sua mãe, diz o quanto a menina era adorada, lamenta não ter tido tempo suficiente para gozar mais de seus "dulcíssimos carinhos", e finaliza mencionando que ela sempre estará em seu coração.

Figura 25 – Escultura de anjinho em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier[37]



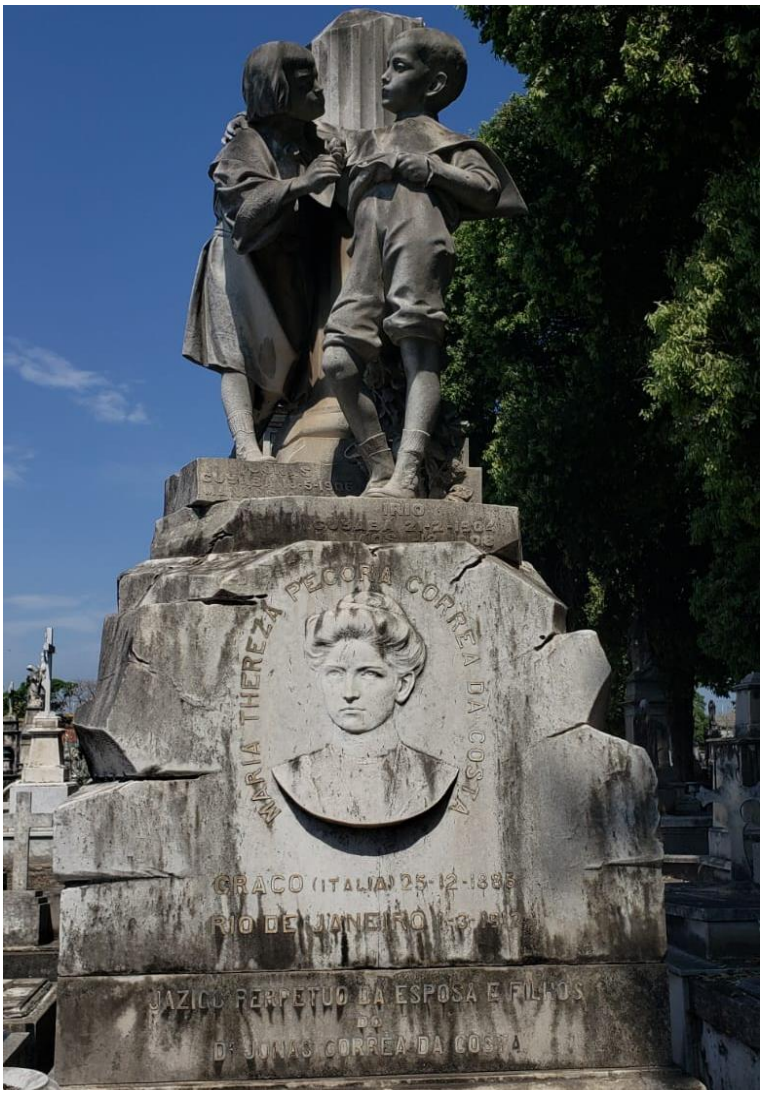
Fonte: O autor, 2021.

[37] Cemitério de São Francisco Xavier localiza-se à Rua Manuel Gomes Mons, Rio de Janeiro. O cemitério é considerado um dos maiores cemitérios do Brasil. O conjunto de necrópoles é formado basicamente por três cemitérios: o Cemitério Comunal Israelita do Cajú, o Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, o Cemitério da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Disponível em: https://cemiteriodocaju.com.br/ Acesso em: 08 set. 2021.

Além de uma fotografia e da mensagem deixada, o jazigo também conta com um anjinho ajoelhado, com as mãos juntas, em um ato de pedido de oração pela alma da criança. Detalhes talhados nas pedras mostram que a sepultura foi erguida pensando em cada detalhe para que houvesse beleza no local de descanso eterno desse “anjinho”.

A Figura 26, que segue, representa uma mãe e seus dois filhos, feita pelo seu esposo e pai das crianças, D. Jonas Correia da Costa. As crianças, Jonas e Irio, morreram na década de 1910, e a mãe, Maria Thereza Pecora Correa da Costa, italiana, pouco tempo depois, em 1912.

Figura 26 – Escultura de irmãos em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier



Fonte: O autor, 2021.

No monumento, os pequenos se olham como se conversasssem. Jonas segura na mão direira uma flor, como se quisesse que o irmão a pegasse. Já Irio, com o braço nas costas do irmão, segura parte de sua roupa com olhar fixo em outro lugar. O jazigo apresenta detalhes perfeitos tanto nas esculturas das crianças como no relevo do busto da mãe.

A Figura 27, a seguir, apresenta um menino descrito como Dodô. Como é indicado no livro aberto aos pés do anjo, ele nasceu em 10 de agosto de 1889 e faleceu em 26 de dezembro de 1896. Diferente dos demais, esse jazigo apresenta uma forma vazada de coração em sua tampa, dando a entender que se tinha a possibilidade de observar o interior do seu lugar de descanso. Em cada ponta do jazigo há um jarro para se cultivar plantas, mas que faz muitos anos não recebe cuidado algum.

Figura 27 – Escultura de Dodô em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier

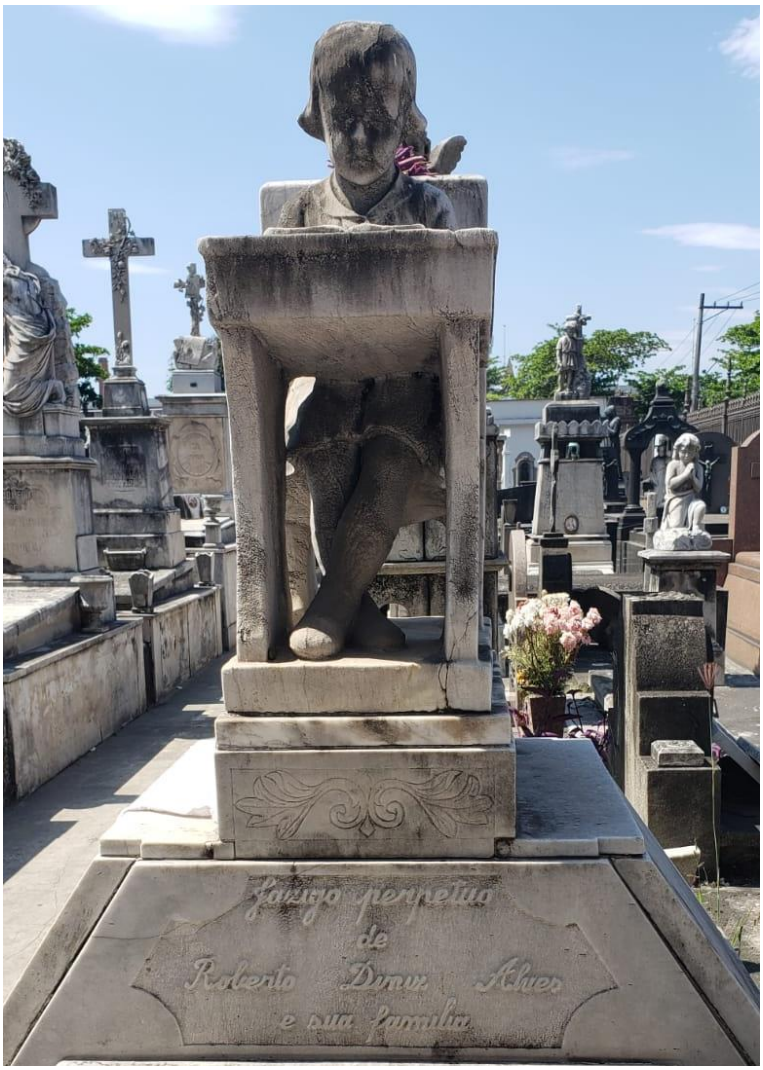
Fonte: O autor, 2021.

Os monumentos observados demonstram a adoração desses pais por seus filhos, revelando a preocupação em fazê-los ainda viver na memória daqueles que ficaram. Encomendar esculturas, jazigos e mensagens que descreviam sua partida, como um “sono

eterno de inocente", para homenageá-los, não representava um mero capricho, mas a manifestação da dor da perda daqueles que se foram muito cedo, contrariando a ordem que muitos têm como a natural: os filhos sepultarão seus pais e não o contrário.

A última escultura (Figura 28) é bem conhecida na região e ronda o imaginário das pessoas que por ali passam. É o túmulo de Nicinha, uma menina que é representada sentada em uma carteira escolar. Falecida em 13 de maio de 1928, não há mais informações sobre a sua vida, embora essa seja uma escultura que muito chama a atenção dos visitantes do cemitério São Francisco Xavier, no jazigo de Roberto Diniz Alves e família.

Figura 28 – Escultura de Nicinha em jazigo no Cemitério de São Francisco Xavier



Fonte: O autor, 2021.

É possível que Nicinha tenha pouco frequentado a escola, mas seus pais resolveram eternizá-la no cenário educativo, deixando a seguinte mensagem: "Marco fatal entre a morte e

a vida. Se conseguiste separar a matéria, jamais conseguirás romper o laço espiritual que nos une a nossa Nicinha."

4.3 **Roupas de anjos e adereços**

Como abordado nos capítulos e subcapítulos anteriores, havia uma preocupação em como homenagear o recém falecido, ainda mais este sendo uma criança. Desse modo, entram em cena adereços e roupas para "dar vida" a um corpo já sem ela. Estar próximo à realidade de momentos anteriores ao da morte era o objetivo dessa arrumação. Para os "anjinhos", inúmeras roupas eram pensadas a fim de que esse momento de transição fosse perfeito e que suas vestes retratassem toda a pureza que envolvia a vida daquela criança.

Nas fotografias *post mortem* é possível perceber a representação desse costume e a preocupação com cada detalhe para o registro do último momento. Neste tópico, tem-se a análise de como se dava a escolha dessas mortalhas e a preocupação com as cores usadas. Cada minudência representava o caminho que aquela criança percorreu, mesmo que com pouco tempo de vida.

Cláudia Rodrigues (2014), em um estudo sobre "A secularização da morte no Rio de Janeiro oitocentista", faz um breve levantamento dos registros de óbitos paroquiais e testamentos que demostram a preocupação das pessoas em realizar os rituais fúnebres no século XVIII e XIX. A historiadora detalha que a Igreja convencia os "fiéis a respeito das consequências, no além-túmulo, de suas atitudes em vida" e através de uma "pedagogia do medo" demonstrava que a morte era o momento mais próximo da possibilidade dos fiéis se salvarem ou não do inferno. Daí a preocupação com o ritual, com as últimas palavras e, em especial, com a vestimenta.

Para abordar essa temática dialogo também com os autores Vailati (2010) e Reis (1991); o primeiro com um ponto de vista mais próximo da Corte e outro mais distante, relacionado ao Brasil, como um todo. É importante ressaltar o que representava o costume das vestimentas e adereços no século XIX, até porque "Diferentemente do que hoje isso nos possa parecer, essa dimensão do gestual funerário está bem longe de ter uma importância secundária e restrita ao plano estético ou de mero decoro." (VAILATI, 2010, p. 127).

Tal prática era sustentada pela crença de que a maneira pela qual a pessoa fosse enterrada, com todas os seus adereços e mortalha, seria a mesma forma como entraria no lugar onde repousariam os mortos, em um outro plano. Quando se fala em adultos, era bem provável que todos esses ornamentos para o pós-morte já estivessem descritos em um testamento, mas,

no caso das crianças, isso não ocorria, sendo uma prática de escolha dos próprios adultos, mas que nada deixava a desejar das outras mortalhas.

No caso das crianças, por vivenciarem uma "morte menina", que as acometia em uma fase tão incipiente, seus pais, normalmente, escolhiam mortalhas ligadas aos santos católicos, devido à expectativa de irem direto para o céu cristão, por serem puras e por só estarem carregando o pecado original, aquele desde Adão e Eva, e que havia separado a humanidade de Deus. Então, escolher a mortalha de um santo era a garantia de que "seu protetor em vida não lhe faltaria na morte" (VAILATI, 2010, p. 129). É como relata o viajante Thomas Ewbank[38], quando esteve no Brasil no século XIX:

> Crianças com menos de dez anos são vestidas de frades, freiras, santos e anjos. Quando se vestem de São João, o cadáver de um menino, coloca-se uma pena em uma das mãos e um livro em outra. Quando é enterrada como São José, um bordão coroado de flores toma lugar da pena, pois José tinha um cajado que florescia como o de Araão. A criança que tem o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio usa geralmente como mortalha um hábito de monge e capuz. Para os maiores, São Miguel Arcanjo é o modelo. Veste-se então o pequeno cadáver com uma túnica, uma saia curta presa por um cinto, um capacete dourado (de papelão dourado) e apertadas botas vermelhas, com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada. As meninas representam "madonas" e outras figuras populares. (EWBANK, 1846 *apud* VAILATI, 2010, p.129).

O viajante norte americano detalha com precisão como se manifestava a tradição de arrumar as crianças para o cortejo fúnebre, sendo quase possível remontar a imagem desse acontecimento relatado em sua viagem, que demonstra a preocupação dos pais na escolha de santos católicos para guiarem as crianças para o outro plano. Não bastava, portanto, apenas a escolha de um santo, a simbologia girava em torno de vesti-las como esses santos, representando, assim, a própria imagem e semelhança das divindades.

No Quadro 12 a seguir, constituído a partir dos dados levantados por Rodrigues (1995) é possível identificar as mortalhas mais frequentes nas cerimônias fúnebres de crianças ao longo do século XIX. Esses dados mostram que além de aspirar a beleza, também é visível a questão simbólica característica dos santos que cada mortalha trazia em si.

---

[38] Thomas Ewbank nasceu em Durham, na Inglaterra, em 1792, e morreu em Nova York, em 1870. Ele foi cientista, inventor e ex fabricante de canos de cobre e chumbo nos Estados Unidos. É autor do livro traduzido: "Vida no Brasil" ou um "Diário de visita à terra do cacau e da palmeira", escrito em 1846, período no qual esteve no Brasil. Seu livro e seus textos publicados sobre a viagem alcançaram um grande público e foram lidos por viajantes e historiadores. (PAULINO, 2008).

Quadro 12 – Mortalhas de Crianças utilizadas no Rio de Janeiro nos anos de 1812-1885

Tipos de Mortalhas	**Ocorrências encontradas**	
	Homem	**Mulher**
Hábito de São João Evangelista	1	101
Hábito de Nossa Senhora da Conceição	345	31
Hábito de São Domingos	6	45
Hábito de Nossa Senhora das Dores	71	1
Veste de menino do coro	245	235
Preta	11	19
Branca	90	36
Veste de uso	7	6

Fonte: RODRIGUES (1995, p. 211).

As crianças, muitas vezes, eram amortalhadas de tecidos coloridos que pretendiam passar a ideia de tranquilidade e contentamento por serem declaradas inocentes por parte da própria Igreja. A utilização de cores indicaria contentamento diante do *post mortem*, tendo em vista saberem que seriam salvas pela sua pureza e por não serem pecaminosas. Assim, destacam-se no Quadro 12 as mortalhas de santos que eram mais utilizadas, bem como as vestes brancas ou pretas, vestes de menino do coro, além de vestes de uso comum.

As vestes de santos eram usadas por inúmeros motivos, sendo o principal o de a criança ter sido batizada, além da devoção por parte dos pais, da busca por proteção e para se obter graças junto aos santos e a Deus. Com isso os hábitos de Nossa Senhora da Conceição e São João Evangelista eram os mais utilizados dos santos, esse último mais difundido entre as crianças do que os adultos porque, segundo Reis (1991), a mortalha de São João Evangelista significava “morte prematura”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> As imagens da memória se reformam pelos espetáculos da vista, e o assombro estimula a imaginação
>
> *S. da R. PITA, Summario Vida, & Morte..., p.14.*

A Figura 29 a seguir foi produzida por H. A. Volk[39], entre os anos de 1880 e 1903, de acordo com a localização de Kossoy (2002). Hoje pertencente ao NHEMPE, a fotografia foi utilizada para estampar esta dissertação por ser um exemplo de representação *post mortem* de uma criança, objeto também enfocado na pesquisa.

Figura 29 – Fotografia post mortem produzida por H. A. Volk

Fonte: H. A. Volk [18--?]. Acervo do NHEMPE/UERJ

[39] Adolpho H. Volk foi um dos primeiros fotógrafos a se estabelecer em Curitiba e se apresentava como o mais atualizado das melhores técnicas de fotografia. Utilizava muito da impressa em sua divulgação aparecendo com registros de atividades em Joinville e Porto Alegre, tendo trabalhado em seis lugares diferentes entre os anos de 1880 até 1903.

A fotografia é mais um exemplar inédito dentre os apresentados na pesquisa, com características de uma imagem fúnebre pensada para eternizar a criança que morreu muito cedo. A identidade, mais uma vez, desconhecida, remete a ideia de que essas fotografias eram objetos de culto apenas dos familiares que conviveram com a criança e que, com o desaparecimento desses, perdem o sentido, tornando-se, com o passar do tempo, imagens mórbidas guardadas apenas por colecionadores. Contudo, tratando-se de uma fonte de pesquisa, a imagem pode ser analisada, deixando transparecer marcas daquilo que a fotografia se propunha a fazer, ou seja, eternizar um momento vivo, ainda que a criança estivesse morta. Para tanto, em seus braços é possível observar duas fitas largas que dão apoio para manter o corpo na posição desejada e no pescoço uma gargantilha presa atende a mesma finalidade, amarrando a criança na cadeira. Também é de fácil observação o pé imóvel, quando em uma fotografia esse movimento faria o trabalho sair tremido, por conta da inquietação do fotografado. Por fim, seus olhos foram, nitidamente, pintados para que dessem a impressão de estarem abertos e observando a cena.

O meu interesse por esse tema se deu pela importância que a fotografia mostrou desde a sua criação até os dias atuais e como esse invento era utilizado para perpetuar a memória das famílias no século XIX, em especial a memória da "infância menina", através das imagens mortuárias. Através desse interesse, precisei analisar como as famílias brasileiras oitocentistas lidavam com a mortalidade infantil e os rituais que executavam para a perpetuação da memória das crianças falecidas, para que pudesse entender mais desse cotidiano dos oitocentos. Onde foi possível identificar os principais aspectos que envolviam a infância durante o período oitocentista que ia desde o seu nascer na casa até os perigos reais e simbólicos demonstrados nas fontes documentais e bibliográficas. A partir desses pontos descrevi os mecanismos de preservação da memória que se justificava ao compreender as altas taxas de mortalidade infantil que o período apresentava.

Para tratar do assunto em pauta, na dissertação que se encontra em finalização, utilizei como fonte documental dois periódicos do século XIX, por meio dos quais destaquei a importância da temática dos cuidados com as crianças, os perigos enfrentados por elas e como as mães eram educadas através de suas páginas para se tornarem "boas mães", de acordo com o que a ciência médica e a sociedade pensavam neste período do Oitocentos. Assim, tornou-se fundamental a análise, em especial, do periódico *A mãi de familia*, sendo ele destinado às mães de família, mas que era adquirido pelos senhores das casas, considerando que, muitas vezes, eles seriam os leitores, tendo em vista que as mães nem sempre eram letradas. Tal periódico se apresentou como muito importante para educar as mulheres diante do avanço da medicina no século XIX, e para conscientizar às mães em relação aos hábitos de higiene, aos perigos que as

crianças corriam, às superstições etc. Essa finalidade ainda se tornou mais expressiva, "tendo em vista que, no formato da educação doméstica, aspirada pelas camadas altas e intermediárias da população, a mãe era a primeira mestra de seus filhos e filhas e devia ter conhecimentos suficientes para exercer esse papel" como abordam Vasconcelos e Paiva (2018).

O jornal *A Mãi de Familia* tinha como aspiração também dar um estatuto de cientificidade ao cotidiano das mães e seus filhos, tendo em vista os perigos existentes para as crianças, muitos deles acontecendo no ambiente doméstico. Seu redator chefe era um médico, reforçando o interesse que o jornal tinha em alcançar as mulheres, para incutir hábitos de higiene e saúde nas casas, buscando substituir os curandeiros e suas rezas pela medicina e a cientificidade.

Durante a pesquisa no acervo do *Jornal do Commercio*, observa-se que suas páginas apresentam abundância de possibilidades para se trabalhar com a temática da infância ameaçada. Suas principais colunas, assim demonstrada na pesquisa, remetem a casos particulares ocorridos no século XIX que podem ser investigados por futuros pesquisadores e através de estudos futuros, desdobramentos desta pesquisa, na medida que for abordar os maus tratos relacionados à infância que iam desde os seus pais até a sociedade em geral, assim já demonstrado nos capítulos anteriores.

De acordo com as fontes documentais da pesquisa, sobretudo o "Recenseamento da população do Imperio do Brazil" (1872) encomendado pelo governo Imperial e os "Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro" (1878) produzido pelo Barão do Lavradio, a sociedade oitocentista convivia com altos índices de mortalidade infantil, cujas causas estavam relacionadas também a falta de cuidados e as formas erradas de tratar tanto das parturientes, quanto dos recém-nascidos e das crianças.

Atualmente, a temática da morte, em trabalhos acadêmicos, vem abrangendo um campo mais extenso, seja pelos acontecimentos pandêmicos, seja pela frequente ampliação de pesquisas relacionadas ao assunto, uma vez que o estudo dos ritos de morte diz muito sobre a sociedade dos vivos que os praticavam. Sendo essa uma temática muito investigada na área de história, no estudo em pauta foi pensada sob a perspectiva da história da infância no Oitocentos e de uma história da cultura Oitocentista, tendo como foco a casa como lugar da infância domesticada, ameaçada e perpetuada, esta última voltada para preservar a memória de suas crianças.

Ao dissertar sobre a "Infância, educação e morte na casa oitocentista brasileira: registros e imagens de 'anjos'" busquei mostrar como as famílias brasileiras encaravam, compreendiam e lidavam com a mortalidade infantil em um ambiente doméstico, íntimo. Objetivei analisar

como essas famílias eram envolvidas pelos rituais, tanto para a cura, como para a perpetuação de suas crianças mortas, ainda que isso ocorresse através de fotografias, esculturas, jazigos, mensagens e tantas outras formas pensadas para a conservação de sua memória.

O ponto de partida, no primeiro capítulo, foi entender a "Infância domesticada: a criança e a casa", localizando a infância no lar e trazendo a casa como palco de inúmeros acontecimentos: desde o nascimento, a educação, até, por vezes, a morte dessas crianças. Tratando-se de um período que abrange o Brasil Império, patriarcal, escravagista, senhorial e estratificado socialmente, a casa delineada pela pesquisa é casa pertencente à elite brasileira, por ser aquela cujos registros podem ser recuperados com mais facilidade, incluindo fotografias que tinham alto custo. Também eram essas casas que, em parte, tinham ao seu alcance mais recursos para o parto e para os cuidados com as crianças, embora eles não fossem suficientes para conter os altos índices de mortalidade, que atingiam a todas as camadas da sociedade no século XIX.

Concernente à "Família: a gravidez e o aleitamento", entre superstições e saberes populares, as mulheres davam à luz, rodeadas de suas companheiras e familiares. Esses saberes conflitavam com os saberes científicos, fazendo com que as parteiras fossem mais bem recebidas que os médicos formamos em solo nacional. Em uma época em que o cuidado era "terceirizado", muitas dessas mães passavam a tarefa essencial à vida de um infante – a amamentação –, para amas de leite, promovendo que esses bebês disputassem o alimento com os filhos de sua ama. Decerto, "O nascimento e os natimortos", eram fruto de uma medicina nacional e de políticas públicas sanitárias ainda muito insipientes, além da falta de cuidados corretos com o recém-nascido e mesmo no parto, ocasionando aqueles que já nasciam sem vida.

A infância das crianças que sobreviviam ao nascimento estava restrita entre "A educação e o tempo livre da criança na casa", sendo que, aquelas que começavam a ser educadas por professores particulares ou preceptores, eram submetidas a duras rotinas de aprendizagens impostas pela "boa educação" da época, sobretudo as meninas, que precisavam saber línguas, piano, canto etc., tendo poucos momentos para se divertir fora de uma educação doméstica conduzida, em grande parte, por mulheres estrangeiras.

Mas vencer a infância não era tarefa fácil, como apresento em "Infância ameaçada: a mortalidade infantil", mostrando os riscos que atemorizavam essa fase da vida, a ponto de ser comum uma "morte menina", uma morte que acometeria muito cedo as crianças.

Para se ter ideia dos números relativos a essa ameaça, discorro sobre eles em "A mortalidade infantil e as suas estatísticas", trazendo o Recenseamento (BRASIL, 1872) e os Apontamentos do período em foco realizados pelo Barão do Lavradio (LAVRADIO, 1878),

que, transformados em gráficos, mostram a amplitude da mortalidade infantil que assolava o país, tornando natural e quase "festejada", porque assim era entendida pela Igreja, a perda das crianças.

Diante dessa realidade, em a "Infância perpetuada: registro da morte de anjos" procurei mostrar como as famílias encontraram meios de sublimar aquilo que não era possível alterar, buscando em uma das principais invenções da época um alento para sua dor. Assim, partiu-se para a análise da trajetória da fotografia, a fim de se chegar até as "Fotografias *post mortem",* para entender o que essa invenção representou, inicialmente, para os contemporâneos do momento de sua criação, como o costume de tentar eternizar a vida por meio da imagem. Parafraseando Leite (2011), acreditava-se que a imagem se transformava na lembrança e a lembrança se fixaria na imagem.

Em "Mausoléus e esculturas de cemitérios" procurei mostrar, ainda, as diversas formas que as famílias adotavam para dar um último adeus a seus "anjinhos", com a preocupação de deixar visíveis monumentos em sua memória, e mensagens nas lápides com escritos que pareciam poder ser lidos pelo próprio morto. Além disso, em "Roupas de anjos e adereços" apresenta-se a última cena de despedida das famílias, quando é chegada a hora de se preparar as crianças para serem recebidas no paraíso, com belas mortalhas de adoração a diferentes santos.

Ao finalizar este estudo, não pretendo que ele esgote qualquer aspecto abordado, mas tão somente abra possibilidades de aprofundamento para outras pesquisas que venham a se debruçar sobre o universo de signos, símbolos, costumes, sonhos, medos, crenças, superstições, perigos, aprendizagens, brincadeiras, alegrias e tristezas que envolviam o cotidiano da infância na casa oitocentista. Olhando para trás e analisando aquilo que foi proposto para a pesquisa e seus resultados me faz refletir que o processo de pesquisa foi árduo. É uma temática pouco explorada e poucos apresentam afinidade, até porque falar de mortalidade infantil e memórias dessa infância comove tanto o pesquisador quanto o público leitor. A pesquisa é de suma importância na medida que: demonstra, analisa e divulga iconografias inéditas, fontes documentais e bibliografias que remontam a história e a memória da infância oitocentista, abrindo caminho para novos pesquisadores e desdobramentos da pesquisa em questão.

REFERÊNCIAS

A CORTE no Rio de Janeiro: Os viajantes e o redescobrimento do Brasil. *Multirio.* A mídia educativa da cidade. [20-?]. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/brasil-monarquico/88-a-corte-no-rio-de-janeiro/8859-os-viajantes-e-o-redescobrimento-do-brasil Acesso em: 07 set. 2021.

A MÃI DE FAMILIA. Jornal Scientifico, Litterario e Illustrado –Educação da Infancia, Higiene da Familia. Rio de Janeiro, Typographia Lombaerts & Cia. (Exemplares de Janeiro de 1879 a dezembro de 1888). Rio de Janeiro: Acervo Digital da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/mai-familia/341703. Acesso em: 12 abr. 2020.

ALCIDES Ribeiro, J. (2008). As seções e géneros como prática da língua portuguesa nos jornais: Jornal do commercio e correio mercantil. *Revista Da Anpoll*, *1*(25). https://doi.org/10.18309/anp.v1i25.54

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional.* São Paulo: Companhia de Bolso, 2019.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Libros tecnicos e cientificos editora, 2018.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação:* formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO, Manuel Antônio Alvarez de. Anjinho. I*n:* AZEVEDO, Manuel Antônio Alvarez de. Poesias de Manuel Antônio Álvares de Azevedo, 1853.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história:* especialidades e abordagens. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARROS, José D'Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História:* da escolha do tema ao quadro teórico. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História. Conteúdo V:* A Escola dos Annales e a Nova História. Petrópolis: Vozes, 2012.

BAVIERA, Princesa Teresa da. *Minha viagem nos trópicos brasileiros.* Tradução de André Luís Frota de Oliveira. Fortaleza, 2014. 677p.

BENJAMIN**,** Walter. *Breve história de la fotografía*. Espanha: Casimiro, 2019.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORBA, Francisco S (org.). Dicionário UNESP do português contemporâneo. Curitiba: Piá, 2011.

BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL. DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento da população do Imperio do Brazil*. Rio de Janeiro: Typographia Commercial, 1872. Disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/430614. Acesso em: 15 maio 2020.

BRENES, Anayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 7, p. 135-149, 1991.

BURKER, Peter. *Testemunha ocular:* o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAMARGO, Luis Soares. *Viver e Morrer em São Paulo* - a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13020. Acesso em: 30 out. 2020.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato*: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870- 1920. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Org.). A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortez, 2004.

CRISTINA, Tânia. *História da fotografia - levantamento documental sobre a fotografia em Ribeirão Preto (1890-1950)*. Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: www.arquivopublico.ribeiraopreto.sp.gov.br Acesso em: 06 set. 2021.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da; SENA, Fabiana. Correio das modas e Novo correio das modas: modos de ser mulher em Lisboa e no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Graphos*, v. 14, n. 2, p. 67-80, 2012. Mulher e Literatura.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. *In*: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018.

DE ASSIS, Machado J. M. Advertência. *In*: DE ASSIS, Machado J. M. *Relíquias da casa velha*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Meninos brincando de soldados*. Aquarela sobre papel. 1827. Disponível em: Museu da Chácara do Céu/ Fundação Raymundo Ottoni de Castro Mya/ IPHAN, Rio de Janeiro, 2021.

DEBRET, Jean-Baptiste. Uma senhora de algumas posses em sua casa [Une Dame d´une Fortune Ordinaire dans son Intérieur au Milieu de ses Habitudes Journalières], 1823. Aquarela sobre papel. *In*: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61289/uma-senhora-de-algumas-posses-em-sua-casa-une-dame-dune-fortune-ordinaire-dans-son-interieur-au-milieu-de-ses-habitudes-journalieres. Acesso em: 05 jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-

DEL PRIORE, Mary (org.) História *das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018a.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo:* condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DEL PRIORE, Mary. *História da gente brasileira:* volume 2*:* Império. São Paulo: LeYa, 2016.

DEL PRIORE, Mary. Magia e Medicina na colônia: o corpo feminino. *In*: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2018b.

DENIS, Ferdinand. *Brasil (1816-1831).* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

DUARTE, Denise Aparecida Sousa. *Em vida inocente, na morte "anjinho".* Morte, infância e significados da morte infantil em Minas Gerais (séculos XVIII-XX). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B9BJ7G. Acesso em: 25 nov. 2020.

ESCOLA, Equipe Brasil. "Francisco de Melo Franco". *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/biografia/francisco-de-melo-franco.htm. Acesso em: 27 de agosto. de 2021.

FIOCRUZ. Dicionário História da Saúde. Fiocruz, 2003. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/impinsmedflu.htm#ficha Acesso em: 25/08/2021)

FIOCRUZ. Dicionário História da Saúde. Fiocruz, 2003. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/impinsmedflu.htm#ficha Acesso em: 25/08/2021)

FRANCO, Carlos. *Madame Burnay:* modas e figurinos de oitocentos. Lisboa: Editora Scribe, 2017.

FREITAS, Marcos Cezar de. História da infância no pensamento social brasileiro. Ou, fugindo de Gilberto Freyre pelas mãos de Mário de Andrade. *In:* FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil.* São Paulo: Cortez Editora, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala:* formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

GRALHA, Fernando. Fotografias Post Mortem: O Retorno do morto. *GNARUS Revista de História*, p. 32-38, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/13529/8307. Acesso em 5 nov. 2020.

HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). *Pensar os arquivos:* uma antologia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

HISTÓRIA da fotografia: Niépce imagens. *AKVIS*. Programas para inspirar a sua imaginação. 2004. Disponível em: http://akvis.com/pt/articles/photo-history/niepce.php. Acesso em: 29 jun. 2021.

HISTÓRIA DO Cine Theatro Central. Portal JFMinas, 2021. Disponível em: https://www.jfminas.com.br/portal/historia/historia-do-cine-theatro-central Acesso em: 06 set. 2021.

JORNAL DO COMMMERCIO. Rio de Janeiro: Typographia Imperial. (Exemplares de 1889). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pagfis=1. Acesso em: 12 abr. 2020.

KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro:* fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 5.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

KOSSOY, Boris. *Os Tempos da Fotografia:* o efêmero e o perpétuo. Ateliê Editorial, 2007.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. *In:* FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil.* São Paulo: Cortez Editora, 2016.

LAVELLE, Patrícia. *O espelho distorcido:* imagens do indivíduo no Brasil oitocentista. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LAVRADIO, Barão de. *Apontamentos sobre a mortalidade da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221735. Acesso em: 15 maio 2020.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LEITE, Marcelo Eduardo. As fotografias cartes de visite e a construção de individualidades. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná*. Curitiba, v. 11, n. 1, jan./jun., 2011. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/49990. Acesso em: 30 out. 2020.

LEITE, Miriam Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. *In:* FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil.* São Paulo: Cortez Editora, 2016.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família:* leitura da fotografia histórica. São Paulo: Edusp, 1993.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2015.

MALTA, Marize. *O olhar decorativo:* ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2011.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens:* uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada.* São Paulo: Hucitec Editora, 2019.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro imperial. *Revista de História*, n. 127-128, p. 53-68, 1993.

MARIA, Graham. Enciclopédia ItaúCultural, 2019. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6024/maria-graham. Acesso em: 07/09/2021.

MARTINS, APV. A mulher no discurso médico e intelectual brasileiro. In: *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX [online]*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, pp. 217- 262.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o império. In: DEL PRIORE, Mary (org.) História *das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018

MEIRELLES, Zeferino Justino da Silva. Breves considerações sobre as vantagens do aleitamento maternal. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1847. Disponível em: http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/870. Acesso em: 20 set. 2020.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de (org.). *O Brasil do século XIX, no olhar de Charles Expilly*. Curitiba, Brasil : Editora CRV, 2017.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008

MORD, Jack. *Beyond the Dark Veil: Post Mortem & Mourning Photography from The Thanatos Archive*. Califórnia: Last Gasp, 2014.

NASCE Louis Daguerre, o inventor da fotografia. History Channel Brasil. 27 de agosto de 2019. Disponível em: https://seuhistory.com/hoje-na-historia/nasce-louis-daguerre-o-inventor-da-fotografia. Acesso em: 30 maio 2021.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. *A sorte dos enjeitados:* o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832). São Paulo: Annablume; FINEP, 2008.

NOVAIS, Fernando A. *et al*. (Ed.). *História da vida privada no Brasil-Vol. 2*: Império: a corte e a modernidade nacional. Editora Companhia das Letras, 2019.

O PAIZ. Rio de Janeiro. (Exemplar de 18 de abril de 1887). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=178691_01&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=0. Acesso em: 12 abr. 2020.

OLIVEIRA, Daniel. *Morte e vida feminina:* a construção da medicina da mulher na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (final do século XIX). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/77738. Acesso em: 15 set. 2020.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagem*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PALHARINI, Luciana Aparecida; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Gênero, história e medicalização do parto: a exposição "Mulheres e práticas de saúde". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 25, p. 1039-1061, 2018.

PASTOUREAU, Michel. *Preto: história de uma cor.* São Paulo: Editora Senac; Imprensa Oficial, 2011.

PAULINO, Carla Viviane. Thomas Ewbank: um viajante norte-americano no Rio de Janeiro imperial (1846). *In*: VIII Encontro Internacional da ANPHLAC: Vitória, 2008. *Anais eletrônicos*.

PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2015.

REIS, João José. *A morte é uma festa:* ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. 7. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIZZINI, Irene. *O século perdido*: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2011.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Secretaria, 1995.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além*: o processo de secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ: UFF. 2002.

RODRIGUES, Claudia; LOPÉS, Fabio Rodrigo (org.). *Sentidos da morte e do morrer na ibero-américa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

SANTOS, Carolina Junqueira dos. *O corpo, a morte e a imagem.* A invenção de uma presença nas fotografias memoriais e post-mortem. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAC-A47KWU. Acesso em: 3 jan. 2020.

SANTOS, Carolina Junqueira dos. Um lugar para o corpo: fotografias familiares em contexto de luto. *Revista M*, Rio de Janeiro, p. 8-29, 2017.

SANTOS, Clara Braz dos. *O Exercício moral de memória da morte:* escritos religiosos do Brasil Colonial. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

SCHMITT, Juliana. *Mortes vitorianas:* corpos, lutos e vestuário. São Paulo: Alameda, 2010.

SOARES, Miguel Augusto Pinto. *Representações da morte:* fotografia e memória. Dissertação *(*Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3939. Acesso em: 5 jan. 2020.

STEARNS. Peter N. A infância. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2006.

TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. *Infância, sujeito brincante e as práticas lúdicas no Brasil oitocentista*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13615. Acesso em: 5 out. 2020.

TOLSTOI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina:* infância e morte infantil no Brasil de oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

VAILATI, Luiz Lima. *As fotografias de "anjos" no Brasil do século XIX*. Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 51-71, jul. – dez. 2006. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5446. Acesso em: 5 out. 2020.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e os seus mestres.* A educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. Revista Educação em Questão (UFRN. Impresso), v. 28, p. 24-41, 2007.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *Relatório de estágio pós-doutoral. Relato de investigação apresentado à Universidade do Minho para a certificação de estudos de pós-doutoramento*. Braga, Portugal, 2011.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves.; PAIVA, Priscila. Como educar os filhos na casa: a educação doméstica no jornal a Mãi de familia. *Educação & Formação,* v. 3, n. 8 maio/ago, p. 37-56, 2 maio 2018. Disponível em: http://edubase.sbu.unicamp.br:8080/jspui/handle/EDBASE/1592. Acesso em: 3 maio 2020.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da. Prefácio. *In*: ALMEIDA, Dóris Bittencourt; GIL, Natália de Lacerda (org.). *Entre ansiedades e esperanças:* narrativas de estudantes em meio a uma pandemia. Porto Alegre: UFRGS, 2021.

VERONA, Elisa Maria. *Da feminilidade oitocentista*. Dissertação (Mestrado em: História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, SP, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93274. Acesso em: 22 maio 2020.

WANDERLEY, Andrea C. T. Autorretratos de fotógrafos – Uma homenagem no Dia Internacional da Fotografia. 19 ago. 2021. *Brasiliana Fotografia*. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=daguerreotipo. Acesso em: 22 maio 2020.

APÊNDICE A - Quadro COM Colunas do *Jornal do Commercio* analisadas

O Quadro 12, a seguir, detalha cada trecho analisado do *Jornal do Commercio*, orientando o leitor no caminho que o autor trilhou ao selecionar cada fragmento mencionado na pesquisa. O quadro é dividido em quatro colunas para cada palavra-chave. A primeira coluna é o número de ocorrência que aparece na plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Quando é selecionada uma década e um periódico na pesquisa, o sistema mostra quantas ocorrências foram encontradas com aquela palavra nos filtros escolhidos. A segunda coluna é o nome da coluna de onde foi tirado o trecho. A terceira coluna apresenta a data completa de publicação do periódico e por último o número de página e edição.

Quadro 13 – Colunas do Jornal do Commercio analisadas entre 1879-1888

Palavra-chave: Filho menor			
Nº da Ocorrência	**Coluna[40]**	**Data**	**Página e edição**
256[41]	Obitos	24 de janeiro de 1879	p.2 nº24
257	Gazetilha	4 de fevereiro de 1879	p.2 nº35
267	Publicações a pedido	16 de abril de 1879	p.3 nº105
271	Gazetilha	18 de maio de 1879	p.1 nº137
272	Gazetilha	30 de maio de 1879	p.2 nº149
275	Gazetilha	4 de junho de 1879	p.1 nº154
Palavra-chave: Filho menor			
281	Publicações a pedido	13 de outubro de 1879	p.2 nº285
286	Gazetilha	11 de dezembro de 1879	p.1 nº344
287	Gazetilha	23 de dezembro de 1879	p.1 nº356
7[42]	Gazetilha	19 de fevereiro de 1880	p.1 nº50
32	Gazetilha	1 de fevereiro de 1881	p.1 nº32
35	Gazetilha	9 de abril de 1881	p.1 nº99
36	Publicações a pedido	26 de abril de 1881	p.2 nº115
38	Gazetilha	10 de maio de 1881	p.1 nº129
46	Ilma. Camara	6 de agosto de 1881	p.2 nº217
62	Ilma. Camara	4 de dezembro de 1881	p.2 nº337
75	Gazetilha	9 de julho de 1882	p.1 nº189
78	Gazetilha	18 de julho de 1882	p.1 nº198
82	Gazetilha	23 de agosto de 1882	p.2 nº234
131	Gazetilha	3 de julho de 1883	p.1 nº183
167	Gazetilha	2 de junho de 1884	p.1 nº153

[40] Preservou-se o nome das colunas como no periódico.
[41] As ocorrências se iniciam com um número elevado, pois o estudo considerou a partir do ano de 1879.
[42] Ao iniciar uma nova década, o número de ocorrências é restaurado.

Quadro 13 – Colunas do Jornal do Commercio analisadas entre 1879-1888

187	Gazetilha	18 de fevereiro de 1885	p.1 nº49
199	Ilma. Camara	6 de maio de 1885	p.2 nº125
223	Gazetilha	24 de agosto de 1885	p.1 nº235
240	Gazetilha	24 de dezembro de 1885	p.1 nº357
Palavra-chave: Filho menor			
254	Publicações a pedido	21 de março de 1886	p.3 nº80
269	Gazetilha	19 de julho de 1886	p.2 nº199
270	Gazetilha	28 de julho de 1886	p.3 nº208
271	Gazetilha	7 de agosto de 1886	p.3 nº218
273	Gazetilha	31 de agosto de 1886	p.2 nº242
274	Gazetilha	12 de setembro de 1886	p.3 nº254
277	Gazetilha	13 de novembro de 1886	p.2 nº318
283	Gazetilha	12 de janeiro de 1887	p.1 nº12
287	Gazetilha	16 de fevereiro de 1887	p.2 nº47
290	Gazetilha	27 de fevereiro de 1887	p.2 nº58
292	Annuncios	17 de março de 1887	p.4 nº76
296	Gazetilha	26 de abril de 1887	p.1 nº116
299	Gazetilha	3 de junho de 1887	p.2 nº154
300	Gazetilha	4 de agosto de 1887	p.2 nº216
304	Gazetilha	13 de setembro de 1887	p.2 nº258
307	Gazetilha	12 de outubro de 1887	p.2 nº282
309	Gazetilha	26 de outubro de 1887	p.1 nº299
312	Gazetilha	21 de dezembro de 1887	p.2 nº355
326	Gazetilha	19 de julho de 1888	p.2 nº200
327	Gazetilha	22 de julho de 1888	p.2 nº203
Palavra-chave: Filho menor			
328	Gazetilha	25 de julho de 1888	p.1 nº206
345	Gazetilha	13 de dezembro de 1888	p.2 nº347
351	Gazetilha	27 de março de 1889	p.1 nº86
354	Gazetilha	23 de abril de 1889	p. nº112
361	Gazetilha	8 de agosto de 1889	p.1 nº219
362	Gazetilha	25 de agosto de 1889	p.2 nº236
363	Gazetilha	24 de setembro de 1889	p.2 nº266
367	Gazetilha	25 de outubro de 1889	p.1 nº297
370	Gazetilha	11 de dezembro de 1889	p.1 nº 344

Fonte: O autor, 2021.